



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THAÍS DE ANDRADE LIMA

**O ATO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: caminhos
para uma experiência pensante com a linguagem**

Recife
2019

THAÍS DE ANDRADE LIMA

**O ATO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: caminhos
para uma experiência pensante com a linguagem**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Hennes Sampaio

Recife
2019

L732a Lima, Thaís de Andrade
O ato de pesquisa em Ciências Humanas no Ensino Médio: caminhos para uma experiência pensante com a linguagem / Thaís de Andrade Lima. – Recife, 2019.
167f.: il.

Orientadora: Maria Cristina Hennes Sampaio.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências e apêndices.

1. Ato ético responsável. 2. Pesquisa em Ciências Humanas. 3. Bakhtin. 4. Heidegger. I. Sampaio, Maria Cristina Hennes (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2019-102)

THAÍS DE ANDRADE LIMA

**O ATO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS NO ENSINO MÉDIO: caminhos
para uma experiência pensante com a linguagem**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 21/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina hennes Sampaio (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Fabiele Stockmans De Nardi (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Siane Gois Cavalcanti Rodrigues (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza (Examinador Externo)
Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Flávio Henrique Albert Brayner (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

No desenvolvimento desta tese de doutorado, os caminhos de busca da pesquisa dialogaram com os caminhos da minha própria vida, muitas vezes, fundindo-se um ao outro. Por essas veredas, os afetos e cuidados que me cercam são muito mais que um mero auxílio, eles constituem, em mim, uma copresença na conquista que é concluir um trabalho longo e desafiador como este. Agradeço, sem encontrar, no entanto, as palavras que caberiam para agradecer:

À Aarão, meu pai, o meu maior exemplo de pesquisador, desde sempre. O meu maior apoiador ao gosto pelos estudos e o mais presente suporte emocional que eu jamais poderia imaginar encontrar;

À Tiquinha, minha mãe, e à Ísis, minha irmã, por torcerem por mim e por demonstrarem isso constantemente. Pela compreensão e pelos cuidados nos momentos de fragilidade que vivenciei no processo;

À Rafael, meu companheiro de todos os dias, que entrou na minha vida exatamente no mesmo momento em que ingressei no doutorado e acompanhou, de perto, as transformações que vivi. Pela paz que encontramos no nosso lar e pelos trabalhos extras de edição de imagens e formatação deste estudo;

À Professora Doutora Maria Cristina Hennes Sampaio, minha orientadora, pela competência e dedicação inestimáveis. Por trilhar, junto comigo, desde o início, cada passo deste caminho, demonstrando confiança e entusiasmo;

Aos participantes voluntários desta pesquisa, pela gentileza de se abrirem a minha presença, como pesquisadora, e por mostrarem, assim, o caminho da minha pesquisa como o encontro de nossas vozes;

À Propesq e à Capes, pela bolsa de demanda social concedida para o primeiro ano desta pesquisa;

À colega de doutorado, Joseane Britto, que se transformou em amiga, pelas trocas e suportes em momentos de angústia;

À Professora Doutora Ludmila Porto, pelas contribuições pertinentes e sagazes no Exame de Qualificação;

Às amigas, forças femininas, que me impulsionam a ser livre. À Gabi e à Lili, que, por terem trilhado o caminho de uma pesquisa de doutorado antes de mim, abriram caminhos de cuidado amoroso essenciais no processo. À Manu e à Andréa,

que além de todo amor diário, ainda me ajudaram com as traduções dos resumos no momento do sufoco final.

No território de quase todo enunciado ocorrem uma tensa interação e uma luta da minha palavra com a palavra do outro, um processo de sua demarcação e da iluminação dialógica de uma pela outra (...) Só posso falar da palavra do outro com o auxílio dessa mesma palavra do outro, é verdade que inserindo nela minhas intenções e iluminando-a a meu modo com o contexto. (BAKHTIN, 2015, p.151)

Comunicação nunca é a transposição de vivências, por exemplo, de opiniões e desejos, do interior de um sujeito para o interior de outro sujeito. A copresença já se revelou essencialmente na disposição e compreender comuns. (HEIDEGGER, 2013, p. 225)

RESUMO

O objetivo desta tese foi compreender os modos de acontecimento do ato de pesquisa como uma experiência pensante de linguagem e de desvelamento dos sentidos do ser, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no Ensino Médio e no Ensino Técnico Médio Integrado do Instituto Federal de Pernambuco. Para esse fim tomamos, como pressuposto básico de investigação do fenômeno em questão, uma abordagem ético-filosófica de linguagem fundamentada nas noções de *ato ético*, *experiência pensante com a linguagem* e de linguagem *como acontecimento no ser*. Tais fundamentos foram buscados na confluência das ideias filosóficas de Mikhail Bakhtin e de Martin Heidegger. Buscou-se, no encontro com Bakhtin, revisitar sua discussão acerca da possibilidade de construção de uma metodologia de análise para as Ciências Humanas que fosse capaz de: reconhecer as especificidades relativas a esse domínio, sobretudo no que diz respeito ao diálogo, como condição de compreensão dos fenômenos de linguagem; de uma reconfiguração da noção *objeto de estudo* e do papel do pesquisador no âmbito da pesquisa científica. Nesse sentido, foram questionados os modos de *acontecimento* do ato de pesquisa que possibilitariam, ao pesquisador, fazer uma experiência pensante com a linguagem. Para encontrarmos os caminhos de abordagem do fenômeno, estabelecemos um profícuo diálogo entre a *Teoria Dialógica da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin, e a *Hermenêutica onto-fenomenológica* de Martin Heidegger. Esse diálogo foi possível considerando-se que ambos os filósofos, guardando-se suas respectivas especificidades de pensamento, pleiteavam o reestabelecimento de uma *filosofia primeira* a qual seria alcançada mediante a responsabilidade (ético-moral), assumida por sujeitos, historicamente situados, pelos seus atos (de linguagem, pensamento e emoções), na vida de fato vivida (BAJTIN, 1997); e pela busca do sentido do ser, enquanto abertura ao mundo, cuja compreensão só seria possível através da linguagem como acontecimento (HEIDEGGER, 2003). Nosso campo de investigação consistiu no acompanhamento, pelo período de um ano, de pesquisas em desenvolvimento, vinculadas ao programa PIBIC EM, realizadas por dois grupos de estudantes de História. Os *corpora* de nosso estudo foram constituídos por textos produzidos nos encontros entre os participantes cujos enunciados/discursos foram abordados no âmbito da Análise

Dialógica do Discurso (ADD) e da Hermenêutica Onto-fenomenológica. Na dimensão espaço-temporal da pesquisa foi possível desvelar a emergência de *cronotopos*. Um primeiro cronotopo (primário) denominamos de *cronotopo de campo* o qual compreendia *cronotopos secundários*, constituídos por fragmentos do primeiro (BAKHTIN, 1998). A recriação dos movimentos e transformações vivenciados no desenvolvimento das pesquisas, como um *todo* inteligível, foi possível a partir do reconhecimento e da reconstituição de cada um desses cronotopos, os quais nos permitiram acessar os modos de acontecimento do ato de pesquisa enquanto possibilidade de se fazer uma experiência pensante com a linguagem. A análise discursiva revelou ainda o cronotopo *a busca do método*, o qual constituiu-se como eixo norteador do ato ético das pesquisas em desenvolvimento. Quanto à busca pelo método, a qual se somaram outros momentos constituintes do processo da pesquisa, este foi sendo esboçado ao longo do caminho da experiência vivida pelos participantes.

Palavras-chave: Ato ético responsável. Pesquisa em ciências humanas. Bakhtin. Heidegger.

ABSTRACT

The scope of this thesis was to comprehend the event-ness of the research act, considering it as a responsible act and unraveling the meaning of Being, within the Institutional Program of Scientific Initiation Grants (PIBIC) at the high school and at the secondary technical school of the Federal Institute of Pernambuco. For this purpose, it was used as an assumption to investigate this phenomenon, an ethical-philosophical perspective of language rooted in the notions of the responsible act and language as an ongoing event-ness of Being. Those concepts come from the philosophical ideas of Mikhail Bakhtin and Martin Heidegger. Through the examination of Bakhtin, revisiting the discussions about the possibility of creation of a methodology of analysis to Human Sciences able to: recognize the particularities concerning this field, especially in what's related to dialogue, as a condition to understand the language phenomena; restructure the notion of the research object and of the researchers' role in the scientific research. In this sense, it was questioned the event-ness of the research act that would enable the researcher to have an experience with language. In order to find the paths to approach this phenomenon, a fruitful dialogue was established between the Dialogic Language Theory of Mikhail Bakhtin and the Ontological Phenomenological Hermeneutic of Martin Heidegger. This dialogue was possible considering that both philosophers, bearing in mind their particularities of thought, requested the re-establishment of a *primary philosophy* which would be reached through the responsibility (ethical-moral), took by subjects, historically situated, by their acts (of language, thought and emotions), in a life indeed experienced (BAJTIN, 1997); and in the pursuit of the meaning of being, while opened to the world, in which the comprehension would only be achieved through the language as a thought experience. (HEIDEGGER, 2003). Our research field consisted on monitoring, for one year, the developing researches, connected to the program PIBIC EM, conducted by two groups of History students. The corpora of our study consisted in texts produced in our meetings amid the participants in which their discourses were approached through the Dialogical Discourse Analysis (ADD) and the Ontological phenomenological hermeneutics. In the space-time dimension of this research, it was possible to unveil the advent of chronotopes. The first chronotope (primary) is called *field chronotope*, which includes secondary chronotopes, composed

by fragments of the first (BAKHTIN, 1998). Recreating movements and transformations experienced in the development of the researches was possible through the distinction and reconstitution of each of these chronotopes, that enabled us to access the research as a responsible act, as a possibility of making a participatory thinking and na experience with language. Moreover, the discourse analysis showed to the chronotope *the research of method*, which was the guideline of the responsible act for the research in development. Relating to the *research of method*, in which other constituent moments of the research process were added, this was built through the path of the experience lived by the participants.

Keywords: Philosophy of the act. Human sciences research. Bakhtin. Heidegger.

RESUMÉ

Le but de cette thèse a été celui de comprendre les moyens d'évènement de l'acte de recherche autant qu'expérience de pensée face à la parole et autant que dévoilement des sens de l'être, dans le contexte du Programme Institutionnel de Bourses d'Initiation Scientifique (PIBIC) au Lycée et aux cours à l'Institut Fédéral de Pernambuco qui enchainent le Lycée à l'enseignement technique intégré. Pour cela nous avons pris, comme prémisse première d'investigation du phénomène étudié, une approche éthique-philosophique du langage, justifiée par les notions de l'acte éthique, expérience de pensée face à la parole et de langage autant qu'évènement de l'être. Tels concepts ont été cueillis dans la rencontre des idées philosophiques de Mikhail Bakhtine et de Martin Heidegger. La discussion de Bakhtine revisitée a été celle de la possibilité de construction d'une méthodologie d'analyse pour les Sciences Humaines qui soit capable de : reconnaître les spécificités relatives à ce domaine, surtout en concernant le dialogue autant que condition de compréhension des phénomènes linguistiques ; reconfigurer la notion de l'objet d'étude et du rôle du chercheur dans le domaine de la recherche scientifique. Ainsi, ont été questionnées les moyens d'évènement de l'acte de recherche qui ont possibilité le chercheur de faire une expérience de pensée face à la parole. Pour trouver les chemins de l'approche du phénomène, il a été établi un dialogue entre la Théorie Dialogique du Langage, de Mikhail Bakhtine, et l'Herméneutique onto-phénoménologique de Martin Heidegger. Ce dialogue a été possible en considérant que les deux philosophes, en gardant leurs spécificités de pensée, plaident le rétablissement d'une *philosophie première*, qui serait atteinte à travers la responsabilité (éthique-morale), assumée par des sujets, historiquement situés, par leurs actes (de langage, de pensée et d'émotions), dans la vie en fait vécue (BAJTIN, 1997); et par la recherche du sens de l'être, autant qu'ouverture au monde, dont la compréhension ne serait possible qu'à travers le langage autant qu'évènement (HEIDEGGER, 2003). Notre champ d'investigation s'est établi en suivant, pendant la période d'une année, des recherches en développement, liées au programme PIBIC EM, réalisées par deux groupes d'étudiants d'Histoire. Les *corpora* de cette étude ont été constitués par des textes produits aux rencontres entre les participants dont les énoncées / discours ont été approchés en ce qui concerne l'Analyse Dialogique du Discours (ADD) et de

l'Herméneutique Onto-phénoménologique. Dans cette dimension espace-temps de la recherche, il a été possible de dévoiler l'émergence de chronotopes. Un premier chronotope (primaire) a été nommé de *chronotope de champs* lequel comprenait quelques cronotopos secondaires, constitués par des fragments du premier (BAKHTIN, 1998). La reconstitution des mouvements et transformations vécus au développement des recherches, comme un tout intelligible, a été possible à partir la reconnaissance et la recomposition de chacun de ces chronotopes, lesquels nous ont permis d'accéder les moyens d'événement de l'acte de recherche tel que possibilité de se faire une expérience de pensée face à la parole. L'analyse du discours a révélé aussi le chronotope *la recherche de la méthode*, qui s'est constitué comme axe guidant de l'acte étique des recherches en développement. En concernant *la recherche de la méthode*, à laquelle se sont ajoutées d'autres moments constitutifs de la procédure de recherche, qui s'est esquissé pendant le chemin de l'expérience vécue par les participants.

Mots-clés: Acte étique responsable. Recherche en sciences humaines. Bakhtine. Heidegger.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Encontro 1 – Grupo 1.....	97
Quadro 2 – Encontro 1 – Grupo 1 (continuação do Quadro anterior).....	100
Quadro 3 – Encontro 1 – Grupo 2.....	105
Quadro 4 – Encontro 1 – Grupo 2.....	107
Quadro 5 – Encontro 1 – Grupo 2.....	109
Quadro 6 – Encontro 1 – Grupo 2.....	110
Quadro 7 – Encontro 2 – Grupo 1.....	114
Quadro 8 – Encontro 4 – Grupo 1.....	115
Quadro 9 – Encontro 1 – Grupo 2.....	117
Quadro 10 – Encontro 7 – Grupo 1.....	119
Quadro 11 – Encontro 2 – Grupo 1.....	121
Quadro 12 – Encontro 4 – Grupo 1.....	123
Quadro 13 – Encontro 4 – Grupo 1.....	127
Quadro 14 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior).....	128
Quadro 15 – Encontro 4 – Grupo 1.....	129
Quadro 16 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior).....	131
Quadro 17 – Encontro 6 – Grupo 1.....	132
Quadro 18 – Encontro 7 – Grupo 1.....	133
Quadro 19 – Encontro 7 – Grupo 1.....	135
Quadro 20 – Encontro 4 – Grupo 1.....	138
Quadro 21 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior).....	140
Quadro 22 – Encontro 4 – Grupo 1.....	145
Quadro 23 – Encontro 6 – Grupo 1.....	146
Quadro 24 – Encontro 1 – Grupo 2.....	148
Quadro 25 – Encontro 1 – Grupo 2.....	149

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 1.....	102
Figura 2 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 1 - (Continuação da figura anterior).....	102
Figura 3 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 2.....	125
Figura 4 – <i>Whatsapp</i> - Grupo 1.....	141
Figura 5 – <i>Whatsapp</i> - Grupo 1 (Continuação da figura anterior).....	142
Figura 6 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 2.....	150
Figura 7 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 2.....	151
Figura 8 – <i>Whatsapp</i> – Grupo 1.....	151

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA LINGUAGEM: ATO ÉTICO E DIALOGISMO.....	23
2.1 A FILOSOFIA DO ATO ÉTICO BAKHTINIANA.....	24
2.2 A TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM.....	29
3 LINGUAGEM E PENSAMENTO: A PESQUISA COMO EXPERIÊNCIA PENSANTE.....	35
3.1 LINGUAGEM, PENSAMENTO E ACONTECIMENTO DO SER.....	36
3.2 SOBRE A RESPONSABILIDADE ÉTICA DO ATO DE PESQUISA.....	47
4 A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS.....	56
4.1 A PERGUNTA PELA ESSÊNCIA DA CIÊNCIA.....	58
4.2 A ESSÊNCIA DA VERDADE E A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO.....	64
4.3 A VERDADE COMO DESVELAMENTO: O SER-JUNTO-A.....	69
5 VIVENCIANDO OS CAMINHOS DO MÉTODO.....	74
5.1 O CRONOTOPO DO CAMPO: DEFININDO ÍNDICES ESPACIAIS E TEMPORAIS DO ENCONTRO COM O ATO DE PESQUISA DO OUTRO.....	79
5.2 O ACESSO AOS TEXTOS.....	84
5.3 ABORDAGENS DE ACESSO AOS TEXTOS.....	86
5.4 COMPROMISSOS ÉTICOS.....	87
5.5 A INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS.....	87
6 A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA: MOVIMENTOS E TRANSFORMAÇÕES.....	89
6.1 A COMPREENSÃO DO CONTEXTO CONJUNTURAL.....	94
6.1.1 Recife, cidade vermelha.....	96
6.1.2 O diálogo entre História e Literatura.....	104
6.1.3 O jornal como palco de disputas políticas.....	108
6.2 A BUSCA DO MÉTODO.....	111
6.2.1 A percepção de variados estilos na escrita da História.....	113
6.2.1.1 A singularidade da vivência do método.....	113
6.2.1.2 O método de análise como criação.....	118
6.2.2 A possibilidade de construir algo novo.....	121
6.2.3 Os “dados” orientam o caminho do método.....	122

6.2.3.1 A compreensão de um contexto conjuntural a partir de uma dúvida que surge na interpretação dos “dados”	123
6.2.3.2 A eleição de “categorias” de análise orientadas pela interpretação dos “dados”	126
6.2.4 Avaliação sobre a interpretação dos “dados”	129
6.2.5 O Processo de escrita.....	131
6.2.5.1 Referenciando a palavra do outro.....	132
6.2.5.2 A construção da narrativa-imagem.....	133
6.2.5.3 Argumentação e posicionamento valorativo.....	135
6.3 REFLEXÕES ACERCA DO PRÓPRIO ATO: MOVIMENTOS E TRANSFORMAÇÕES.....	137
6.3.1 A avaliação como um momento de autoconfrontação.....	138
6.3.2 Avaliação final: a pesquisa como caminho de transformações.....	141
6.4 DIÁLOGOS DOS PARTICIPANTES COM A PESQUISADORA.....	144
6.4.1 Demonstrando preocupação com a compreensão da pesquisadora.....	144
6.4.2 Chamando a atenção da pesquisadora para a discussão de uma temática.....	146
6.5 DESDOBRAMENTOS SINALIZADOS.....	147
6.5.1 A semana de ciência e tecnologia.....	148
6.6 CONIC.....	151
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS PARTICIPANTES.....	164
APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	165

1 INTRODUÇÃO

Na introdução desta tese não definiremos, a priori, o nosso objeto de pesquisa. Isto porque entendemos que há um outro começo, que precisa ser definido antes de tudo: ele diz respeito ao confronto da pesquisadora com os caminhos do pensamento do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1997, 1998, 2003, 2010, 2015). É esse confronto que constitui o ponto de partida dos diálogos filosóficos empreendidos na nossa pesquisa, notadamente com a Hermenêutica da Facticidade de Martin Heidegger (2003, 2006, 2009, 2013a, 2013b), e é dele que emerge o próprio fenômeno a ser investigado: a pesquisa em Ciências Humanas no Ensino Médio como caminho para se fazer uma experiência pensante com a linguagem.

Nesse sentido, não nos atemos apenas à reprodução das questões iniciais que nos levariam a investigar um dado fenômeno. Isto porque o fenômeno foi se revelando no próprio ato de pesquisa. Nesse sentido, acreditamos ser impossível reproduzir aquilo que foi/é constantemente ressignificado no próprio caminho de todo o ato de pesquisa. Os diálogos com os variados textos¹ com os quais nos deparamos no processo desta pesquisa transformaram as questões iniciais em novas inquietações até que pudéssemos chegar àquele que, só agora, apresenta-se como um texto que vai se dar a conhecer pelo leitor.

Para nos aproximarmos do fenômeno, partimos da premissa de que a pesquisa em Ciências Humanas é, essencialmente, um fenômeno de linguagem. É a partir dessa consideração fundamental que vinculamos a atividade de pesquisa ao mundo concreto do ato ético responsável. Buscamos, no encontro com Bakhtin, revisitar a possibilidade de construção de uma metodologia de análise para as Ciências Humanas capaz de reconhecer as especificidades relativas a esse domínio, sobretudo no que diz respeito ao diálogo como condição de linguagem e a uma reconfiguração do lugar do objeto de estudo e do papel do pesquisador.

¹ A noção de texto, nesta tese, abarca a dimensão enunciativa do discurso. Isto significa que o texto é ancorado em sua historicidade, com começo e fim absolutos. O enunciado, por sua vez, é considerado, aqui, como uma unidade real, concreta, delimitada pela responsividade implicada na alternância dos sujeitos falantes. Sendo assim, o sistema da língua está por detrás de cada texto, e não o contrário. Não é a partir do sistema que os textos se consolidam, dado que o texto como enunciado é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 310).

É na dinâmica da arquitetura do ato ético que avaliamos a pesquisa como possibilidade de se fazer uma experiência pensante com a linguagem, de modo que o ato concreto, da experiência de fato vivida, seja mais contundente do que qualquer teoria que se proponha a analisar um fenômeno desconsiderando a participação única e singular do ser no acontecimento da linguagem. Dessa maneira, assumimos um posicionamento que implica considerar o ato de pesquisa a partir dos modos de seu acontecimento e da escuta atenta às vozes que ressoam de um fenômeno que é, afinal, discurso sobre discurso(s).

Apesar de uma certa tradição que ainda hoje vigora nas ciências em geral e, particularmente, na Linguística de viés estruturalista, que ignora os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa como participantes ativos, acreditamos que exista, em diversos momentos do desenvolvimento de uma pesquisa, a potencialidade da emergência de atos responsáveis e responsáveis que concretizem experiências pensantes com a linguagem, no sentido da participação ética do ser no ato. A nossa compreensão prévia, portanto, é a de que toda pesquisa é um acontecimento de linguagem que propicia a abertura de caminhos possíveis para o desenvolvimento do pensamento como um ato ético responsável.

Desse modo, percorremos um caminho de diálogo e de interpretação dos fenômenos com os quais nos confrontamos em campo para compreender *quais são os modos de acontecimento do ato de pesquisa que o aproximam de uma experiência pensante com a linguagem?* Este percurso passa necessariamente pela consideração de uma abordagem filosófica da linguagem nas Ciências Humanas, que considere um outro caminho para se chegar ao conhecimento que não o dos métodos científicos tradicionais, baseados na eleição de categorias determinadas previamente, e no estabelecimento de relações de causa e efeito entre fatos observados na pesquisa.

Reconhecemos que, neste estudo, não há um modelo metodológico acabado, mas sim um caminho que vai sendo explorado no âmbito de um pensamento dialógico e hermenêutico que pensa em direção ao desvelamento do fenômeno estudado. Tampouco ambicionamos alcançar verdades definitivas acerca dos modos de pesquisa em Ciências Humanas. Também não é nossa pretensão apresentar soluções para os problemas envolvidos na educação de jovens estudantes no Ensino Médio. A nossa proposta pressupõe um movimento de permanência junto ao

ato de pesquisar destes jovens, compreendendo que é essa permanência que poderá nos mostrar os diferentes modos de ser da pesquisa, que emergem, contingente e não imanentemente, das especificidades das Ciências Humanas e que vão além dos modos praticados pela ciência associada aos seus resultados.

Na perspectiva filosófica da arquitetônica do ato ético bakhtiniana, o objeto das Ciências Humanas é o homem, dotado de autonomia no processo de construção do seu conhecimento, que não se esgota naquilo que já está dado, de antemão, por alguma teoria. Essa via de acesso ao fenômeno advém do reconhecimento da centralidade da linguagem como um *acontecimento do ser*, levando-se em conta o posicionamento valorativo e as singularidades dos sujeitos envolvidos no processo de pesquisa.

Participaram da nossa pesquisa alunos regularmente matriculados no Ensino Médio e no Ensino Técnico Médio Integrado, do Instituto Federal de Pernambuco, na cidade do Recife (PE), com a condição de serem iniciantes da prática científica, o que nos permitiria observar todo o seu desenvolvimento de descoberta sobre o que é uma pesquisa e os caminhos disponíveis para alcançarem seus objetivos. Além disso, acreditamos que uma experiência pensante com a linguagem, viabilizada pelo ato (ético) de pesquisar, não é algo que deva ficar restrito a instituições de Ensino Superior. Ao contrário, uma investigação tal como nos propomos a fazer, contemplando os espaços escolares, pode desvelar práticas de pesquisa em busca de caminhos que estimulem a abertura para o desenvolvimento do livre pensamento.

Nesta perspectiva, postulamos os seguintes objetivos:

Geral:

Compreender os modos de acontecimento do ato de pesquisa como uma experiência pensante de linguagem e de desvelamento dos sentidos do ser, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no Ensino Médio e no Ensino Técnico Médio Integrado do Instituto Federal de Pernambuco

Específicos:

- 1- Desvelar os fenômenos que emergem da elaboração e da execução de pesquisas desenvolvidas em Ciências Humanas, como um acontecimento de linguagem e como ser em processo;
- 2- Desvelar e interpretar os modos de acontecimento do ser no processo de pesquisa em Ciências Humanas, enquanto caminhos de reflexão sobre os seus métodos, quando confrontados com os métodos científicos tradicionais.

Em meio a uma arena de vozes que se fizeram presentes em todo o desenvolvimento do processo de pesquisa, buscamos pensar o desafio da pesquisa em um contexto institucional escolar a partir da abertura à possibilidade de trilharmos caminhos alternativos para se chegar ao conhecimento, caminhos que permitissem ir além da perspectiva de acumulação de conteúdos teóricos (já dados e acabados). Não pretendemos, com isso, propor uma pedagogia ou um programa educacional de base fenomenológica-existencial, até porque fazer isso seria cair na tentação de usar da filosofia como ferramenta de uma ciência especializada, como já alertara Heidegger (2009a).

Nesse sentido, esta introdução é também um convite que fazemos aos nossos leitores para, juntos, percorremos os caminhos ressignificados por todos os participantes desta investigação, cujos indícios discursivos dos trajetos trilhados são perceptíveis nos diálogos produzidos no processo da pesquisa. Esses caminhos estão organizados da seguinte forma, a partir do próximo capítulo:

No capítulo 2, são esboçados os fundamentos filosóficos acerca da linguagem. As duas principais noções que orientam nosso estudo são: a filosofia do *ato ético responsável* e o *dialogismo*. Para compreender a questão da arquitetura do ato ético, consideramos a centralidade da noção de valor no pensamento bakhtiniano, o qual sugere que todo ato é organizado em torno dos valores, ou seja, em torno dos posicionamentos emotivo-volitivos, na arquitetura do mundo real. Da discussão acerca dessa noção central, emergem as noções de pensamento participativo, de ato e responsabilidade ética, de historicidade, de responsividade e de diálogo.

No capítulo 3, é estabelecido um diálogo filosófico entre as noções de *Ato ético* e a *Teoria Dialógica da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin, e a Hermenêutica onto-

fenomenológica de Martin Heidegger. Esse diálogo torna-se possível se considerarmos que ambos os filósofos, guardando-se suas respectivas especificidades de pensamento, pleiteiam o re-estabelecimento de uma *filosofia primeira*, a qual que só poderia ser alcançada mediante a responsabilidade por nossos atos (de linguagem, pensamento e emoções), na vida de fato vivida (BAJTIN, 1997) pela abertura ao mundo, propiciado pelo ser como acontecimento (HEIDEGGER, 2003). Assim, levando-se em consideração uma concepção de linguagem como acontecimento do ser ou, pelo pensamento de Heidegger (2003), da linguagem como morada do ser, refletimos sobre as relações entre linguagem e pensamento e sobre a responsabilidade ética implicada no ato de pensamento (BAJTIN, 1997), relacionando-o ao ato de pesquisa.

No capítulo 4, é discutido o significado de *pesquisar* no contexto de uma reformulação da relação sujeito-objeto e de uma de reflexão acerca da essência da ciência, tomando-se, como ponto de partida, a ideia de *essência da verdade*, discutida em Heidegger (2009a) e em Bajtín (1997). No âmbito dessa discussão, busca-se refletir acerca dos modos de acontecimento do ato de pesquisa que possibilitariam aproximá-lo de uma experiência de aprendizagem via pensamento.

No capítulo 5, é feita uma avaliação dos métodos utilizados pelos participantes, a partir de suas próprias experiências vivenciadas no processo de pesquisa. Num primeiro momento reforçamos a pertinência analítica de uma abordagem dialógica do discurso bakhtiniana (ADD), tendo em vista a especificidade da atividade de pesquisa em Ciências Humanas, que se dá essencialmente no e pelo encontro com o outro a partir do texto/discurso. Num segundo, criamos nosso principal eixo de análise temática, a partir da noção bakhtiniana de *cronotopo* (BAKHTIN, 1998). Nesta perspectiva, buscamos esclarecer os modos de acesso, do pesquisador, aos textos produzidos pelos participantes nos encontros de pesquisa, os nossos compromissos éticos e os princípios estabelecidos para a interpretação do fenômeno.

No capítulo 6, apresentamos uma análise dialógica daqueles textos, produzidos nos encontros entre os participantes, os quais foram considerados relevantes para a compreensão dos modos de acontecimento da pesquisa, levando-se em consideração a dinâmica propiciada pela arquitetônica do ato ético. As

análises dos discursos empreendidas permitiram-nos observar a existência de cronotopos. O cronotopo primário, que chamamos de *cronotopo de campo*, encontra sua delimitação espaço-temporal no próprio processo de desenvolvimento das pesquisas empreendidas pelos participantes (alunos e professores), dando origem a cronotopos secundários. Estes últimos são constituídos por fragmentos do *cronotopo de campo*, a partir dos quais foi possível recriar micro histórias, cada uma delas com sua própria dinâmica de historicidade interna, entrecruzando-se, umas com as outras, em pontos de intersecção possíveis. A recriação deste *todo* inteligível foi possível a partir do reconhecimento e da reconstituição de cada um desses cronotopos, os quais nos permitiram acessar os modos de acontecimento do ato de pesquisa, enquanto possibilidade de se fazer uma experiência pensante com a linguagem.

Por fim, apresentamos, nas considerações finais, uma retomada do caminho de interpretação do fenômeno trilhado nesta pesquisa, refletindo sobre os modos de acontecimento da pesquisa em Ciências Humanas como um acontecimento de linguagem, tal como esses modos foram alcançados na nossa interpretação, e, ainda, sobre a possibilidade de pensarmos caminhos alternativos de abordagem dos fenômenos nas Ciências Humanas enquanto uma experiência pensante com a linguagem.

2 FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA LINGUAGEM: ATO ÉTICO E DIALOGISMO

Dentro do construto do que chamamos de Teoria Dialógica da Linguagem, o pensador russo Mikhail Bakhtin defende que as Ciências Humanas sejam orientadas por uma ciência filosófica, também chamada por ele de heterociência, que aborde o ser e o acontecimento - em sua unicidade e singularidade - como centrais na interpretação de um fenômeno. Para o filósofo, uma tal ciência filosófica seria capaz de estabelecer relação entre a linguagem e várias vertentes do conhecimento, no âmbito das Ciências Humanas, e não como tarefa específica de uma disciplina isolada.

Há de se considerar, nesse processo, a permanente abertura de olhar e a singularidade (configuração dialógica) como única maneira de abranger o inacabamento do ser no mundo da vida vivida. Dessa maneira, o percurso do pensamento de Bakhtin (1997, 1998, 2003, 2010, 2015) busca uma metodologia das Ciências Humanas com base nas próprias ações humanas no mundo concreto da vida e, por isso, trata-se de uma concepção aberta, dinâmica e não fixada a partir de modelos globais. Seria possível dizer, assim, que há um espaço de comunhão entre a generalidade e a singularidade, mas nunca a partir do olhar da generalidade. Bakhtin (1997) considera que o reducionismo da singularidade em prol do que há em comum, do caráter geral, entre os atos é insuficiente para se pensar o ato executado, pois ele estaria privado de seu valor concreto por não fazer parte da experiência vivida, na qual a particularidade não pode ser desconsiderada.

Com base nessa abertura para uma postura dinâmica em relação aos objetos de conhecimento das Ciências Humanas, buscamos esboçar os fundamentos filosóficos acerca da linguagem no nosso trabalho. As duas principais noções que nos orientam são a filosofia do ato ético responsável e a constituição de uma teoria dialógica de análise que emerge dos trabalhos realizados com base na ideia do diálogo como condição da linguagem, expressa no pensamento bakhtiniano.

Vale ressaltar, aqui, que os caminhos desenhados por Bakhtin (1997) em sua arquitetura do pensamento ético e de uma concepção dialógica da linguagem não levam a um lugar de conceituações prontas, de definições acabadas. Ao contrário, trata-se da construção de uma concepção muito mais filosófica para uma

metodologia das Ciências Humanas do que metodológica, se com metodológica entendermos os procedimentos científico tradicionais. E isso porque o seu pensamento se desenvolve de maneira ensaística, isto é, experimentando, contrapondo ideias postas por um teoreticismo abstrato, atribuído as correntes do pensamento filosófico anteriores, como o neokantismo, claramente explicitado em sua obra.

Nesse âmbito, também chamamos a atenção para um diálogo profícuo com outros filósofos com quem Bakhtin certamente dialoga ao longo de sua obra, sugestão que aparece claramente em Amorim (2009). No nosso caso, buscamos trazer para esse diálogo o filósofo alemão Martin Heidegger, o que será justificado e desenvolvido no próximo capítulo.

Por fim, esclarecemos uma questão importante acerca da obra fundamental de Bakhtin no nosso trabalho, que é o texto *Para uma filosofia do ato ético*² (1997). A densidade das reflexões encontradas nessa obra tem sua razão de ser na própria maneira como se estrutura o pensamento do autor, que faz durante todo o texto um movimento de ir e vir para explicar a interpenetração de suas ideias. Essa interpenetração, ou interligação, pode ser observada também de uma maneira ampla no conjunto da sua obra, conferindo-a uma unidade. Dentro dessa unidade, percebemos o empreendimento da construção de uma reflexão filosófica ampla, que se apoia na diferenciação entre o mundo da razão teórica e o mundo da razão prática, criticando o abstracionismo dos processos de objetivação do mundo na primeira e buscando uma espécie de “filosofia primeira” a partir da historicidade vivida, da eventicidade e unicidade do ser.

2.1 A FILOSOFIA DO ATO ÉTICO BAKHTINIANA

A noção de arquitetônica do ato ético é desenvolvida por Bakhtin sobretudo em *Para uma filosofia do ato ético* (1997), obra que pode ser considerada matriz filosófica do pensamento bakhtiniano, consideradas as especificidades de suas

² A grafia do nome do filósofo russo Mikhail Bakhtin aparece também como Bajtin em citações diretas ao longo deste trabalho pois o livro *Para uma filosofia do ato ético* aqui referido foi lido em tradução espanhola, realizada por Tatiana Bubnova. Todas as traduções de citações diretas são nossas. Para os demais livros, lidos em português, a grafia aparece como Bakhtin.

condições de produção e recepção³ e as ressonâncias de suas noções fundamentais, que aparecem em obras posteriores.

Essa noção é fundamental no nosso trabalho pois analisamos o ato de pesquisa a partir da dinâmica do ato ético, ponto de partida que nos encaminha para uma leitura das obras posteriores de Bakhtin com base na arquitetônica do ser. Essa orientação implica uma leitura dialógica de caráter filosófico. É em virtude desse posicionamento que Bakhtin é referenciado como filósofo neste trabalho, o que não sugere uma tomada de posição ortodoxa com relação aos títulos de teórico ou analista discursivo que são também atribuídos a ele. Pelo contrário, não podemos deixar de considerar suas contribuições para os estudos da linguagem. A nossa escolha dá-se muito mais no sentido do caráter essencialmente filosófico de *Para uma filosofia do ato ético*, obra na qual visitamos a noção de ato ético que está no cerne do nosso trabalho.

Para compreender a questão da arquitetônica do ato ético, consideramos a centralidade da noção de valor no pensamento bakhtiniano, o qual sugere que todo ato é organizado em torno dos valores, ou seja, em torno dos posicionamentos emotivo-volitivos, na arquitetônica do mundo real. Da discussão acerca dessa noção central, emergem as noções de pensamento participativo, de ato e responsabilidade ética, de historicidade, de responsividade e de diálogo, que serão tratadas ao longo do trabalho a partir da noção de arquitetônica do ato ético, em capítulos subsequentes.

Para Bakhtin (1997), o valor é constitutivo da interação humana e das relações que o ser estabelece com os outros, consigo mesmo e com a história, dentro do que ele chama de arquitetônica do ato ético. Trata-se de uma proposta de uma filosofia moral, orientada com base na participação singular do ser, que deve ocupar-se de descrever a arquitetônica do mundo real do ato ético a partir “de um

³ As condições de produção e recepção dessa obra no Ocidente merecem destaque na da interpretação da obra bakhtiniana como um todo. Provavelmente, *Para uma filosofia do ato* foi escrita entre os anos de 1920 e 1924, mas não foi publicada. A obra permaneceu como manuscrito inacabado até a sua publicação na Rússia em 1986. A primeira tradução no Ocidente, em inglês, foi realizada somente em 1993. Isto significa que, apesar de ser uma das primeiras obras do pensamento bakhtiniano, ela foi lida após obras posteriores, o que implica uma ordem não cronológica e a necessidade de um movimento de idas e vindas na leitura, a fim de se constituir um todo dialógico significativo para o conjunto do pensamento do filósofo.

plano concreto do mundo do ato único e singular, dos momentos principais concretos de sua estruturação e sua disposição recíproca” (BAJTIN, 1997, p. 61), que são o eu para mim, o outro para mim e o eu para o outro, em torno dos quais estão distribuídos e estruturados todos os valores do mundo da vida e do mundo da cultura.

A participação singular do ser, para o filósofo russo, não diz respeito a individualidade ou a uma individualização, ela é da ordem do dever ser e está inserida em uma dinâmica de alteridade: o ser deve ocupar responsavelmente seu lugar em relação ao outro. É o dever ser que orienta todo ato, que é entendido como “uma orientação da consciência cuja estrutura temos que revelar fenomenologicamente” (BAJTIN, 1997, p. 12). O próprio Bakhtin situa o caminho metodológico capaz de revelar o ato, que por ser um fenômeno de linguagem, e não de um objeto mudo, não poderia ser revelado a partir de um pensamento exclusivamente teórico.

Na dinâmica da participação singular do ser, o ato dá-se no diálogo com outros atos, com outros sujeitos, estabelecendo relações de sentido num contexto espaço-temporal determinado, no mundo da vida de fato vivida, em sua historicidade concreta. O ato da experiência vivida é, dessa maneira, o único capaz de englobar o evento único e não repetível da vida experimentada e, ainda, a objetividade do juízo de valor dado pelo mundo da cultura, sendo que o segundo constitui-se apenas como elemento da razão prática da vida.

De acordo com esse pensamento, é o procedimento do dever ser que origina o ato responsável, no qual o “eu” assume total responsabilidade, torna-se o participante necessário do ato, imprimindo o seu posicionamento axiológico e estabelecendo relações de sentido a partir da tonalidade afetiva. Dessa maneira, um conteúdo semântico separado do ato ético “pode ser integrado a uma existência singular, mas nesse caso não se trata do ser único no qual vivemos e morremos, do qual transcorre o nosso ato responsável, mas de uma existência que, por princípio, é alheia à historicidade vivente” (BAJTIN, 1997, p. 16).

A consideração exclusiva do conteúdo semântico na abstração teórica do mundo da cultura, isto é, “o pensamento enquanto juízo de valor universal” (BAJTIN, 1997, p. 8), não abarca a singularidade na qual se dá o ato ético e, dessa maneira,

esse conteúdo não está relacionado à historicidade – ao acontecimento irreversível e não repetível. Assim, se atribuirmos ao juízo de valor certa unidade teórica, de forma separada do ato ético histórico e real, no momento de seu acontecimento, “não há como se superar o dualismo entre conhecimento e vida, de pensamento e realidade única e concreta” (BAJTIN, 1997, p. 14).

O ato ético procede, pois, da experiência vivida e não repetível e também volta-se para o geral, o universal, o mundo da cultura, mas não o contrário, já que o ser na singularidade de sua historicidade, “é maior e mais contundente que o ser singular da ciência teórica” (BAJTIN, 1997, p. 15). O mundo teórico, tomado de maneira isolada, é uma abstração que segue indiferente ao acontecimento do ser único e de seu sentido ético e essa concepção teórica, que ignora a centralidade do meu ato ético e responsável para atribuição de um sentido, não pode determinar critérios para o ato.

Sendo assim, cabe questionarmos em que medida o ato pode ser teorizado. Sobre isto, Marília Amorim (2009), em seu estudo⁴ acerca de *Para uma filosofia do ato ético*, discute a impossibilidade de teorizar o ato, tendo em vista que a teoria ignora o sujeito que pensa. É possível, por outro lado, que o ato seja dito, já que as marcas das singularidades são expressadas na linguagem. Essa relação entre linguagem, pensamento e ato reaparecerá na discussão do nosso próximo capítulo, intitulado “Linguagem e pensamento: a pesquisa como experiência pensante”.

O ato ético não pode, assim, ser deduzido exclusivamente a partir de seu conteúdo enquanto verdade. A verdade de um pensamento teórico coincide com aquilo que é geral, universal, e não comporta a singularidade de um ato de pensamento. Essa questão da essência da verdade de um ato de pensamento também é desenvolvida mais adiante, no capítulo 4.

Dito isto, adiantamos que pensar veridicamente, para Bakhtin, relaciona-se com o ato ético, que é avaliável e imputável no contexto único da vida única e real do sujeito. A totalidade do pensamento consiste na união do conteúdo semântico com a historicidade individual a partir da “valoração do meu pensamento como ato

⁴ O texto é intitulado *Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”*, publicado em BRAIT. B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009, p.17-43.

responsável” (BAJTIN, 1997, p. 9). A verdade do ato de pensamento é, portanto, a sua validade – no sentido de valoração.

Dessa maneira, verificamos a participação do *eu*, no ato de pensar eticamente, com uma impossibilidade de neutralidade na ética, que configura a assinatura do ato em dois movimentos: o compromisso com a singularidade, com o que é próprio de si, e a inscrição do sujeito nas relações com a história e com outros sujeitos (relações dialógicas).

Embora o termo dialogismo, ao qual associa-se, em geral, a teoria bakhtiniana (Teoria Dialógica), não apareça em *Para uma filosofia do ato ético*, as bases para o entendimento das relações dialógicas já estão esboçadas no construto do ato ético, sobretudo no que diz respeito à historicidade e à arquetônica do ser, nas relações de alteridade que lhe são próprias. Nesse sentido, o diálogo aparece como o confronto entre os posicionamentos dos sujeitos, no qual são estabelecidas as construções de sentido em processo dinâmico, sempre único, singular e não repetível, isto é, em um movimento pertencente ao mundo da vida experimentada, vivida.

É, pois, na linguagem e por meio dela que os sentidos são elaborados e constroem a própria visão de mundo do sujeito, a partir do posicionamento axiológico e da tonalidade afetiva, nas relações múltiplas de vozes sociais heterogêneas, de onde emergem as singularidades. A tonalidade afetiva – o tom emocional e volitivo – é quem expressa a plenitude de um estado do acontecimento em um momento dado, a partir de *mim* como seu participante necessário.

A noção de vozes sociais aparece mais claramente em obras posteriores do filósofo. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2010) esclarece que todo enunciado evoca uma autoria no sentido de que dele emerge uma posição à qual sempre se pode reagir dialogicamente. Ouvimos a voz de um outro em qualquer palavra que marque a posição axiológica desse outro. Nesse sentido, em cada enunciado encontram-se, dialogicamente, pelo menos, duas vozes.

Partindo dessas considerações iniciais acerca da filosofia do ato ético bakhtiniana como fundamento filosófico, que ressoa em obras posteriores, e da centralidade da noção de ato ético como ato de pensamento para o nosso trabalho, buscamos esclarecer, a seguir, as relações dessa noção com a chamada Teoria

Dialógica da Linguagem. Estabelecer esse vínculo e explicitar nosso posicionamento é essencial para situar este trabalho metodologicamente na Análise Dialógica de Discurso.

2.2 A TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Para falarmos de uma teoria dialógica da linguagem é primordial que façamos, antes de tudo, uma ressalva sobre tal denominação: Bakhtin não propõe, ao longo de suas obras, uma teoria de análise ou uma metodologia analítica de discursos pronta, fechada em si mesma, até porque fazer isso seria justamente ir na direção contrária à abertura implicada no seu pensamento.

A sustentação de uma teoria dialógica da linguagem bakhtiniana parte da compreensão de que ela nasce das interpretações de seus leitores e da subsequente construção de trabalhos na área dos estudos da linguagem. Em artigo que busca justamente fundamentar o surgimento de uma tal teoria, Brait (2016) refaz o percurso histórico do contexto de recepção dessas obras no ocidente e as influências por ela geradas nos estudos linguísticos. A pesquisadora defende que as leituras dos textos do filósofo iniciadas em 1970 e intensificadas em 1990 lidam com uma questão comum no conjunto das obras: o enfrentamento dialógico da linguagem. Por outro lado, apesar desse ponto em comum, os caminhos teóricos e metodológicos trilhados são diversos.

Essa diversidade coincide com a abertura própria ao pensamento bakhtiniano, com a adoção de uma postura dinâmica por parte dos pesquisadores e de uma atitude dialógica que considera os fenômenos como enunciados vivos, que surgiram em um momento histórico e em um meio social determinados. Nesse movimento, de alteridade, o ser pesquisado está incluído na própria construção do discurso das Ciências Humanas, como seu participante vivo e ativo.

Nesse sentido, a consideração do sujeito constituído na arquitetura do ser – a partir das relações com o outro – está na base de toda análise que se proponha dialógica. A relação entre sujeito, linguagem e história fundamenta a orientação dialógica da linguagem, na qual é o ato ético responsável que constrói o próprio

conhecimento. Essa orientação dialógica é um fenômeno próprio de qualquer discurso.

Em *Teoria do Romance* (2015), estudo acerca da estilística do romance, Bakhtin (2015, p. 48) defende uma estilística que analise o romance do ponto de vista da sua heterodiscursividade, refletindo sobre a insuficiência do pensamento estilístico tradicional que se volta exclusivamente para o objeto, sem se deparar com “contraposições essenciais e multiformes do discurso do outro”.

Alguns dos conceitos utilizados pelo o filósofo nessa obra, que focaliza a natureza da linguagem no romance, têm especial relevância para a nossa discussão: a responsividade de todo discurso, a orientação dialógica da linguagem e a construção de um analítica metalinguística.

Em primeiro lugar, interessa-nos revisitar a questão da interpretação de um discurso, que é centralizada na palavra do outro, enquanto resposta:

Na vida real do discurso, toda interpretação concreta é ativa: familiariza o interpretável com seu horizonte concreto-expressivo e está indissolivelmente fundida com a resposta, com a objeção-aceitação motivada (ainda que implícita). Em certo sentido, o primado cabe exatamente à resposta como princípio ativo: cria o terreno para a interpretação, um apresto ativo e interessado para ela. A interpretação só amadurece na resposta. A interpretação e resposta estão dialeticamente fundidas e se condicionam mutuamente: uma é impossível sem a outra. (BAKHTIN, 2015, p. 56)

A palavra do falante é orientada pelas relações dialógicas com o horizonte do outro que a interpreta, o ouvinte. A resposta não se configura como um depois, mas como parte integrante e ativa da própria palavra. É nesse sentido que não podemos falar de formas neutras, isentas, em uma língua, uma vez que ela estará sempre orientada pela palavra do outro e marcada de intenções e acentuações, ela é uma opinião concreta sobre o mundo.

Nas palavras de Bakhtin (2015, p. 69), “a palavra de uma língua é uma palavra semialheia”. Ela precisa estar saturada da intenção do falante, precisa ser apropriada por ele, imprimir a sua posição, para se tornar palavra. E de onde o falante poderia buscar as palavras senão de outros usos já tornados palavra por

outros falantes? A palavra é, assim, sempre um encontro, uma atualização própria e singular, de um já dito.

Se pensarmos nessa concepção de linguagem como base para a construção de um método de análise, vemos que o outro e as relações dialógicas estabelecidas pelo pesquisador no decorrer da experiência analítica integram o próprio fenômeno. Desse modo, para o filósofo (BAKHTIN, 2010), não é possível conceber o discurso vivo ao se considerar o fenômeno sem a escuta do mesmo, de onde só seria possível encontrar resistência, sem contrapontos ou contestações. Apenas na materialização do discurso as relações dialógicas podem ser observadas, “dentro de uma cadeia de posicionamentos axiológicos”, na “condição de vida autêntica da palavra” (BAKHTIN, 2010, p. 211).

Em artigo que busca demonstrar alguns conceitos bakhtinianos vinculados à ideia de diálogo, a pesquisadora e tradutora da versão de *Para uma filosofia do ato ético* utilizada neste trabalho, Tatiana Bubnova (2011, p. 270), reflete sobre a relação ética do ato de linguagem, no qual as vozes personalizadas “representam posições éticas e ideológicas diferenciadas em uma união e intercâmbio contínuo com as demais vozes” que circulam no mundo. O conceito de vozes sociais abarca, portanto, a dimensão axiológica de todo discurso e está relacionado a diferentes posicionamentos e posturas.

Uma análise que se proponha dialógica não pode, assim, focar em análises linguísticas no sentido rigoroso do termo. Uma análise assim deve estar situada no que Bakhtin chamou de metalinguística, considerada “como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas –, daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam, de modo absolutamente legítimo, os limites da linguística” (BAKHTIN 2010, p. 207). É preciso considerar, aqui, que ao mencionar os limites da linguística Bakhtin (2010) se refere à linguística formal (objetivismo abstrato e subjetivismo idealista). Se atualizarmos, contudo, o âmbito dos trabalhos da Linguística para o nosso tempo, sabemos que a própria ADD faz parte trabalho do linguista contemporâneo.

Esse estudo também foi referido na obra do filósofo (BAKHTIN, 2015) como uma heterociência, capaz de abarcar o heterodiscurso, ou, ainda, como uma proposta de ciência dita filosófica. Essa proposta de uma ciência filosófica é baseada em um argumento de exclusão, em virtude de a análise dialógica não estar

situada em uma disciplina como a linguística, a filologia ou a crítica literária. O filósofo busca, assim, situá-la em um lugar de abertura do ser, abrangendo campos limítrofes, em uma fronteira entre disciplinas das Ciências Humanas.

O conceito de heterodiscurso está associado à concepção de mundo como acontecimento, isto é, um mundo em que o ser constitui-se no e pelo discurso. Esse mundo é, na realidade, um universo discursivo no qual circulam as diferentes vozes sociais e no qual o discurso acontece a cada momento concreto – cada voz é povoada por outras vozes e carrega consigo um determinado horizonte axiológico, um ponto de vista sobre o mundo.

É importante esclarecer, neste ponto, que quando mencionamos a questão do ponto de vista neste trabalho não estamos defendendo um método sem rigor ou baseado em mera opinião individual. Estamos tratando de uma análise que leve em consideração a luta entre esses pontos de vista e horizontes axiológicos e não uma luta de vontades individuais ou contradições lógicas. É nesse confronto que o discurso encontra o fenômeno a ser interpretado:

Todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se uns com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; e tudo isso pode formar com fundamento o discurso, ajustar-se em todas as suas camadas semânticas, tornar complexa sua expressão, influenciar toda a sua feição estilística. (BAKHTIN, 2015, p. 48)

Estamos lidando, portanto, com um *objeto* que é dinâmico e cujo sentido se dá no e pelo discurso. Assim, entendemos a pesquisa em Ciências Humanas como um campo de investigação voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros. E o pesquisador só pode ter acesso a tais elementos ao se colocar em diálogo com textos, que são, segundo Bakhtin (2003, p. 308), o único ponto de partida possível para uma pesquisa na área, sejam quais forem os objetivos envolvidos.

Voltando à sustentação de uma teoria dialógica de discursos fundamentada pelo pensamento bakhtiniano, proposta por Brait (2006), ressaltamos que o método

se dá no diálogo com textos e esse diálogo herda da linguística a tarefa de “esmiuçar campos semânticos, descrever e analisar micro e macroorganizações sintáticas, reconhecer, recuperar e interpretar marcas e articulações enunciativas que caracterizam o(s) discurso(s) e indicam sua heterogeneidade constitutiva” (BRAIT, 2006, p. 13). Considerando tal herança, esclarecemos que, na obra de Bakhtin, a crítica à linguística ocorre no contexto de uma linguística formal, por isso a necessidade de criar uma proposta diferenciada inclusive em sua nomenclatura, como é o caso da criação de uma metalinguística, sugerida pelo filósofo.

Se pensarmos, contudo, no contexto das tarefas da linguística contemporânea, não há porque isolar a análise dialógica do discurso do âmbito de atuação do linguista. Pelo contrário, uma análise dialógica engloba análises de “materialidade linguística” e vai além, considerando a centralidade dos sujeitos envolvidos no discurso, a compreensão do domínio e esfera de atividade humana em que os textos circulam e a participação ativa e singular do pesquisador na produção do discurso.

Nesse sentido, não estabelecemos categorias de análise a priori para, então, aplicá-las a textos e discursos. O objetivo central é, a partir dos indícios observados no fenômeno estudado, compreender os modos de produção de sentido na e pela linguagem e, para tanto, é primordial que deixemos o caminho aberto para que os discursos se revelem sem aplicações prévias de conceitos. É, portanto, a interpretação do conjunto que constitui a categoria.

No nosso caso específico, levamos em conta três eixos fundamentais do pensamento bakhtiniano: a responsividade de todo discurso, a orientação dialógica da linguagem e a construção de uma metalinguística - que chamaremos de análise dialógica do discurso, seguindo a proposta de Brait (2006). Partindo desses eixos, buscamos desenvolver uma proposta de análise dialógica para o nosso fenômeno: a pesquisa em Ciências Humanas em ambiente de Ensino Médio.

Não partimos de um conceito determinado do que significa pesquisar para analisar os participantes envolvidos, ao contrário, é o caminho percorrido por eles durante suas pesquisas que vai nos revelar os modos de acontecimento da pesquisa em Ciências Humanas no contexto específico em que eles se encontram.

Uma tal revelação não é, contudo, pura ou neutra, ela se dá a partir do olhar do pesquisador e do confronto com as vozes que circulam na nossa sociedade

acerca do que significa pensar e pesquisar ou até mesmo do que pode ser considerado ciência. Os próximos capítulos servirão para refletirmos tais questões: o que significa pensar? O que significa o ato de pesquisar? Qual o lugar da linguagem e sua relação com o pensar? Em que âmbito do conhecimento estão situadas as Ciências Humanas?

Buscamos refletir sobre esses questionamentos a partir de uma postura filosófica, estabelecendo alguns pontos de encontro do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger com o pensamento bakhtiniano, a fim de aclarar e expandir a nossa compreensão sobre o nosso fenômeno – o ato de pesquisa - como um fenômeno de linguagem em sua essência e como uma experiência pensante.

3 LINGUAGEM E PENSAMENTO: A PESQUISA COMO EXPERIÊNCIA PENSAnte

Em contato com os fenômenos que o cercam no mundo e dos quais participa, o homem encontra, na linguagem, o seu modo de ser, ou seja, um modo de ver que condiz com o que se mostra a partir dela (HEIDEGGER, 2003). É, portanto, na linguagem e por meio dela que se dão as ações humanas, que o mundo se desvela pela abertura propiciada pelo ser dos entes. Nesse sentido, entendemos a linguagem como constitutiva da condição humana, sendo a capacidade de falar o que marca e distingue o homem como homem.

Para que possamos empreender nossa interpretação da experiência de pensar vinculada ao ato de pesquisa como forma de compreender, a partir de seus modos de acontecimento, é preciso, antes de tudo, considerar o ato como um fenômeno de linguagem, dado que esta orienta as ações do homem no mundo e constitui a própria abertura do ser para o acontecimento, na vida de fato vivida.

Feita essa consideração, buscamos estabelecer um diálogo entre a Filosofia do Ato Ético e a Teoria Dialógica de Mikhail Bakhtin, cujas bases apresentamos no capítulo anterior, e a Hermenêutica Fenomenológica de Martin Heidegger. Esse diálogo se torna possível mediante a observação de um projeto comum a ambos os filósofos de estabelecer uma filosofia primeira orientada pelo *ser*, que só pode ser acessada na vida de fato vivida, no mundo concreto do ato.

A necessidade de investigar as origens filosóficas do pensamento de Bakhtin, a fim de refletir com quais ideias o filósofo dialoga, está expressa em Amorim (2009), que aponta para os estudos de Sobral (2005), para um percurso de diálogo com a filosofia de Kant, e para Todorov (1997), que examina diferenças entre os percursos filosóficos de Bakhtin e Jakobson acerca da natureza da linguagem. Todorov (1997) afirma que Bakhtin sabia alemão fluentemente e teve contato com a filosofia alemã bastante cedo, aos treze anos. Bakhtin teria sido atraído pela filosofia alemã (Husserl, Scheler e Buber) no que diz respeito ao caráter inexoravelmente concreto da interação humana.

Todorov (1997) aponta para um ponto de encontro que ratifica nosso esforço de leitura do pensamento bakhtiniano à luz do pensamento heideggeriano: o diálogo como condição de linguagem. Ele menciona uma conferência sobre Hölderling e a essência da poesia, na qual “Heidegger afirma que o diálogo, longe de ser uma simples modalidade da linguagem, constitui seu próprio fundamento” (TODOROV, 1997, p. 13, tradução nossa).

Além disso, a possibilidade desse diálogo, com base nos caminhos filosóficos pelos quais Bakhtin transitou, tem sido demonstrada em diversos trabalhos realizados pelos Grupos de Pesquisa UFPE/CNPq Linguagem, sociedade, saúde e trabalho, bem como PUC-SP/CNPq Linguagem, Identidade e Memória, dos quais destacamos alguns de extrema relevância para embasamento deste trabalho: Origens filosóficas da Ética em Bakhtin: releituras da Metafísica e da Fenomenologia ontológico-hermenêutica (SAMPAIO, 2012); Dimensão ontológico-hermenêutica no pensamento ético bakhtiniano e heideggeriano e construção do sentido (SAMPAIO, 2013); Bakhtin e Heidegger: a linguagem como experiência pensante (SAMPAIO, 2014); Bakhtin e Heidegger: caminhos para a compreensão e interpretação do acontecimento do ser na linguagem (SAMPAIO; ARAÚJO; MACEDO, 2015); The Analytic of Being/Dasein in Bakhtin and Heidegger: a Critical Approach (SAMPAIO, 2017); A construção de conhecimento na orientação acadêmica: um processo de intervenção formativa (ARAÚJO, 2018)

É nesse âmbito que, neste capítulo, trataremos da concepção de linguagem com base na consideração da linguagem no ato ético responsável como realização do acontecimento do ser (BAJTIN, 1997) e como morada do acontecimento do ser (HEIDEGGER, 2003). Por fim, refletimos sobre as relações entre linguagem e pensamento e sobre responsabilidade ética implicada no ato de pensamento (BAJTIN, 1997), relacionando-o ao ato de pesquisa

3.1 LINGUAGEM, PENSAMENTO E ACONTECIMENTO DO SER

Em *Para uma filosofia do ato ético* Bakhtin (1997) fala do mundo do acontecimento como o mundo concreto da ação humana, como o mundo no qual o homem assume seu lugar único e irrepetível do ser, posicionando-se ética e

responsavelmente. O filósofo considera que apenas o ato em sua totalidade pode ser considerado como vivo, uma vez que faz parte da vida de fato vivida e, assim, faz parte do acontecimento único de ser.

Desse modo, o ato ético não pode ser considerado como algo acabado, senão como algo que *está sendo*, em processo vivo e dinâmico e que, justamente por isso, participa do acontecimento do ser. Se pensarmos nessa dinâmica, observamos que o fazer científico que pretende determinar-se definidamente desconsidera e afasta-se do ato. Daí decorre a proposta bakhtiniana de uma filosofia primeira que analise o acontecimento do ser na arquitetônica do ato ético responsável, que apresentamos no capítulo anterior.

Como vimos, o acontecimento do ser dá-se na estruturação e disposição recíproca dos momentos concretos do mundo real, na interação humana e nas relações de valores que são estabelecidas entre o eu para mim, o outro para mim e o eu para o outro. Portanto, a compreensão do acontecimento do ser reside justamente na interrelação com o outro, no caráter emocional-volitivo e na singularidade e unicidade dessa relação.

Assim como o outro está inexoravelmente implicado em todo ato, a relação com ele passa necessariamente pela participação do *eu* como centro valorativo. A unidade do ser só pode ser alcançada a partir do interior do *meu* ato ético responsável e a própria “função de cada participante só pode ser entendida a partir da minha participação intrínseca” (1997, p. 25). A compreensão pressupõe a minha orientação com relação ao fenômeno, quer dizer, a compreensão do acontecimento singular do ser penetra no interior de minha participação necessária que se relaciona com ele e imprime no ato meu tom emocional-volitivo.

Vale ressaltar que o tom emocional-volitivo que “abarca e penetra o acontecimento real do ser é uma orientação necessária da consciência, moralmente significativa e responsavelmente ativa” (BAJTIN, 1997, p. 44). Sendo assim, podemos dizer que o pensamento participativo e ético ocorre quando o eu o toma para si como um ato de sua responsabilidade. O sujeito não pode, assim, isentar-se ou eximir-se da responsabilidade de um ato a partir do que o filósofo russo chama de não-álibi para a existência.

Para estabelecer um diálogo com as Teorias Dialógica e do Ato Ético bakhtinianas, tomaremos como ponto de encontro quatro noções heideggerianas fundamentais para entender o fenômeno da linguagem do ser, quais sejam: o vigor, que emerge de todo dizer enquanto saga mostrante; a apropriação, que remete ao tornar próprio a partir de si mesmo; a história, que é o próprio acontecimento do ser-aí (lançado no mundo) e delimita a construção dos sentidos; a escuta, que aparece como constitutiva de todo dizer e remete ao dizer de toda palavra.

A respeito da faculdade da fala, inerente ao homem, Heidegger (2003) considera que ela é o pronunciamento da linguagem, o acontecimento pelo qual a linguagem se mostra e que, ao mesmo tempo, orienta o próprio modo de ser do acontecimento. Dessa forma, a linguagem permeia a experiência na vida, fazendo que as coisas do mundo apareçam, aos nossos olhos, tal como a linguagem as delimita. A fala é, nesse sentido, o fundamento ontológico-existencial da linguagem, pois ela é “constitutiva da existência da presença” (HEIDEGGER, 2013a, p. 224), fazendo parte da essência da abertura do ser-no-mundo.

Em *O caminho para a linguagem*, Heidegger (2003) reflete sobre aquilo que é falado na fala, numa demonstração de seu vigor para aqueles que falam. Neste contexto da fala, leva-se também em consideração os outros seres humanos e as coisas, assim como as relações que se estabelecem com o dito e o não dito. A partir da noção da fala como aquilo que nos convoca, que é um clamor para quem fala, Heidegger (2003) aponta para uma diferença entre o simples falar e o dizer. Para ele, nem todo falar pode ser considerado criador no sentido de abertura, uma vez que ao se falar simplesmente das coisas já dadas no mundo, a fala não faz aparecer o modo de ser-no-mundo, não se mostra a partir de si mesma e perde sua essência de linguagem como morada do acontecimento do ser. O falar associado ao dizer, por outro lado, significa “mostrar, deixar aparecer, deixar ver e ouvir” (HEIDEGGER, 2003, p. 202), e nele a *escuta* configura um antes para a própria fala.

A partir da *escuta* é possível conceber o dizer enquanto conversa, não no sentido de alternância de turnos (enquanto um fala, o outro escuta), mas de uma simultaneidade da fala e da escuta que configura a fala como a própria escuta da linguagem. Nesse sentido, Heidegger (2003) faz um questionamento que nos parece central para indicar caminhos para o presente estudo, uma vez que nos propomos a

analisar o ato de pesquisa na escola como, essencialmente, um fenômeno de linguagem: como a linguagem pode falar?

O filósofo (HEIDEGGER, 2003) dá prosseguimento ao seu pensamento fazendo uma reflexão acerca da *saga do dizer*, designada, por ele, como *mostrante*. Com isso ele parece sugerir que a linguagem fala, dizendo, ou seja, à medida em que se mostra. E, assim fazendo, deixa aparecer e transparecer o vigor daquilo que, a cada vez, é vigorado a partir de si mesmo. Nesse mostrar-se, a “nossa própria essência se abandona à *saga do dizer*” (HEIDEGGER, 2003, p. 204), onde repousa o vigor da linguagem e onde vigora algo como um caminho. A *saga do dizer* permite-nos alcançar a fala da linguagem através de um deixar-se pertencer a um caminho de escuta. É esse deixar-se pertencer que configura a abertura do caminho para a linguagem. Tal movimento Heidegger (2003) nomeia de *apropriação*, que significa tornar próprio, trazer para si, deixar-se mostrar em si mesmo.

O caminho para a *apropriação* da fala é a escuta livre e ele sempre alcança uma linguagem própria, apesar das maneiras de aproximação do acontecimento apropriador serem variadas. Assim, partindo do encaminhamento da *saga do dizer*, sempre relacionada ao homem, toda linguagem própria é necessariamente um *envio* (remissão) ao histórico.

Para Heidegger (2003), a linguagem dada e pronta, da qual o homem poderia se valer como de algo externo e que constituiria uma natureza humana descolada do acontecimento, não existe. A linguagem provém do acontecimento apropriador e é sempre um *envio* histórico do sentido e dos limites da época de hoje, ainda que o homem não conheça a história - no sentido moderno europeu.

O homem, sendo histórico, encontra o ser apropriador e, nesse encontro, o que o homem fala condiz à *saga do dizer* de forma que, ao soar da palavra, “o dizer dos mortais é uma resposta. Toda palavra já é resposta: é um contra-dizer, um vir ao encontro, um dizer que escuta” (HEIDEGGER, 2003, p. 209).

A escuta dá-se, portanto, no centro do vigor da linguagem na filosofia heideggeriana e pressupõe, necessariamente, uma relação com o outro, uma resposta. O outro está implicado em todo dizer, e todo dizer está vinculado ao seu acontecimento único e concreto. Isto posto, a essência da linguagem que fala,

referida por Heidegger (2003), e tratada por Bakhtin (1997) como a essência do ato ético na arquitetura do ser, encontram pontos de convergência que acompanham o caminho deste estudo: a linguagem é, para ambos, sempre um modo de ver o mundo delimitado pelo acontecimento do ser, na relação com os outros em determinado contexto espaço-temporal. Sendo assim, é o seu acontecimento irrepetível e irreversível que constitui a abertura necessária para uma escuta atenta e demorada, capaz de deixar aparecer e transparecer, como resposta, um apelo único e singular do ser na vida vivida.

A natureza da linguagem reside na potência, no vigor de todo dizer, tanto para o filósofo russo quanto para o filósofo alemão. Esse vigor passa necessariamente pela apropriação da palavra (HEIDDEGER, 2003) e pelas marcas deixadas na linguagem pela singularidade do ato (BAJTIN, 1997). Nesse sentido, eles criticam a artificialidade da abstração teórica e a incapacidade de, por ela, expressarmos a essência da verdade, questão que discutiremos no capítulo seguinte.

Ambos os filósofos buscam, nesse caminho, instituir uma filosofia primeira cuja tarefa fundamental é pensar os sentidos do acontecimento do ser. Como já mencionamos, esses sentidos se dão na e pela linguagem, nas relações que estabelecemos com os outros e com a história e constituem a abertura do ser no mundo. É a partir dessa abertura que os filósofos consideram a relação entre linguagem e pensamento, que trataremos a seguir.

Na filosofia bakhtiniana (BAJTIN, 1997), o pensamento participativo é, como vimos, uma concepção emocional e volitiva do ser único e singular, enquanto acontecimento concreto, sobre a base de não haver álibi na existência do ser. Trata-se, portanto, de um pensamento performativo, no sentido de que ele remete ao eu [a partir de seu lugar único] “enquanto agente singularmente responsável pelo seu ato” (BAJTIN, 1997, p. 52).

Podemos dizer, então, que o pensamento participativo é impregnado pela valoração e entonação do sujeito, ou seja, pelo seu posicionamento axiológico. Como um pensamento que parte do eu como centro de valoração, o ato de pensar eticamente passa também pelo modo como o sujeito imprime a sua assinatura ao pensamento/ato, no confronto com o olhar do outro.

Nesse sentido, no construto da arquitetônica do ato responsável bakhtiniano (BAJTIN, 1997), o pensamento é um ato ético de responsabilidade inerente ao sujeito, na medida em que é convocado ao próprio ato, sem que haja um álibi que o isente de pensá-lo. Não se trata, portanto, de um pensamento que pode ser considerado como casualidade, trata-se de um ato que tem implicação ética, uma vez que é assumido inteiramente pelo *eu* enquanto posicionamento axiológico e dever ser.

O dever ser orienta a participação singular e inalienável do ser no ato de pensar, no acontecimento único e real da vida de fato vivida. É a historicidade em que vivo, real e concretamente, que vai permitir que o meu dever de pensar seja orientado de uma ou de outra maneira, a partir de *mim* como participante necessário e centro valorativo. É justamente a partir da tonalidade afetiva, da assinatura a partir da singularidade do *meu* posicionamento de valor no mundo da vida vivida, que o pensamento encontra o sentido do seu acontecimento.

Para pensar a pesquisa enquanto ato de pensamento, interessa-nos refletir sobre o lugar das teorias para um tal pensamento, considerando que não fazemos pesquisas sem lançar mão de teorias. Não podemos ignorar que o mundo da cultura, o mundo teórico, também faz parte do mundo da vida e, assim, também dialogamos com ele. Por outro lado, como discutimos no capítulo anterior, a teoria por si só, por representar um juízo de valor universal, não é capaz de compreender o ato singular de pensamento. Não é a teoria que leva ao pensamento, ao contrário, é preciso que uma ela seja pensada (valorada) por alguém singular e único para que deixe de ser mero conteúdo de verdade universal e torne-se ato/pensamento (BAJTIN, 1997).

É a partir do questionamento acerca da tarefa de uma filosofia com caráter de permanente abertura, atenta ao mundo da vida autêntica, e que supere os sistemas totalizantes engendrados nos sistemas teóricos que Heidegger (2009b, 2013b) vai desenvolver o questionamento sobre o pensamento, questão que está focalizada no âmbito do interesse para fins deste trabalho. No entanto, esse foco não exclui questões não menos importantes para o desenvolvimento da sua hermenêutica e que serão levadas em conta aqui, uma vez que é impossível separá-las em

conceituações estanques, tais como: história e historicidade, abertura do ser-aí, evento, verdade e essência.

Antes partir à questão do pensamento ele mesmo em Heidegger, cabe destacar que o filósofo (HEIDEGGER, 2009b) repensa a tarefa da filosofia. Para esse fim, faz uma retomada crítica da metafísica tradicional defendendo a necessidade de sua superação, uma vez que esta limita-se a interpretar o ente enquanto ente, o que fatalmente vai remeter apenas aos modos de generalidade e universalidade próprios do rigor científico moderno. Neste âmbito, Heidegger (2009a) propõe um método de investigação ontológica – de interpretação do sentido do ser mesmo, baseado em uma hermenêutica fenomenológica⁵.

A fenomenologia, a partir de uma concepção hermenêutica fenomenológica heideggeriana, é considerada a partir de sua possibilidade. Nesse sentido, o fenômeno não deve ser entendido como evidência, como algo de que se manifesta ou que pode ser avaliado de maneira mecânica. Considerar a fenomenologia, assumindo suas possibilidades, significa: “assumi-la e configurá-la em seu ser, isto é, o que há nelas de possibilidades previamente delineadas.” (HEIDEGGER, 2013b, p. 82)

Nesse sentido, a fenomenologia configura um *como* particular da pesquisa. É na atualização do assunto que se dá a investigação, em um caminho proposto pela hermenêutica da facticidade, na qual o acesso ao fenômeno chega a significar constante *preparação do caminho*” (HEIDEGGER, 2013b, p.84).

Uma discussão acerca do pensamento na perspectiva da hermenêutica fenomenológica heideggeriana só pode ser iniciada levando-se em conta o próprio pensamento como uma aprendizagem sobre o pensamento, isto é, ele só pode ser posto em ação a partir do questionamento sobre o próprio si-mesmo, de forma que o

⁵ De acordo com Inwood (2002) em seu dicionário de termos heideggerianos, as motivações de Heidegger para a atitude filosófica encontram-se na vida cotidiana. A fenomenologia é um termo usado em *Ser e Tempo* que, mais tarde, é superado por “história do ser”, pelo filósofo, quando o ser-aí é o centro de seu interesse. Segundo Inwood (2002, p. 67), “fenomenologia é dessas palavras da moda que *Ser e Tempo*, uma situação-limite de transição para coisas mais elevadas, inevitável mas equivocadamente, utilizou”. Neste trabalho, no entanto, ainda não foi possível estabelecer a transição exata entre “fenomenologia hermenêutica” e “história do ser”, no contexto da obra de Heidegger e, por isso, utilizamos ambos para sentidos similares.

demorar-se nesse questionamento sugere uma preparação que possibilita uma transformação.

O começo do pensamento nunca pode ser tomado como um *mesmo*, uma vez que o *cada vez começado* é por ele mesmo o já *outro modo*. Nesse sentido, o início é antecipador, nunca no sentido de prenuncio, pois “o pensamento preparador não quer e nem pode predizer um futuro” (HEIDEGGER, 2009b, p. 70).

Heidegger (2006, p.64) reflete a respeito do pensamento inicial, que, segundo o filósofo, não pode ser eterno ou novo, uma vez que ele é essencialmente histórico por ser “co-fundante de história na disposição a que se submete”. É importante ressaltar que história, aqui, não está relacionada à historiografia, mas à história que se funda na essência do Ser mesmo, tema que será desenvolvido com maior clareza mais adiante.

Portanto, sabendo que o pensamento nunca é apartado de sua história, podemos retomar o questionamento feito por Heidegger em *Acerca do evento* (2006) sobre o que é o começo de um pensar, no sentido de meditação sobre o ente como tal e a verdade do Ser. Vale ressaltar, aqui, que a verdade do ser não corresponde a uma determinação da verdade como certeza, como conceito. Ao contrário, a essa verdade só se pode chegar com e pela abertura do Ser, num projetar-se que possibilita a sua descoberta.

Por esse caminho, o pensar inicial é essencialmente sem sistema, já que isso seria consequência de um pensar matemático, ligado à obtenção de categorias, relativo ao *já dado* no mundo. Assim, ele possui outro modo de começar e traz consigo outro tipo de rigor. Trata-se de um rigor que recai sobre a “liberdade da união dos seus conjuntos” (HEIDEGGER, 2006, p. 67), que se unem uns com os outros a partir de um questionador “pertencer ao clamor”, de um demorar-se no questionamento.

Para Heidegger (2006), o homem histórico, objeto da historiografia, referido meramente ao passado, mostra-se como um engano, uma vez que remete ao domínio de uma realidade vinculada ao todo já vivido, no sentido do geral. Sob essa perspectiva, esse objeto possui, consequentemente, formas prévias (já dadas), remete a uma conformidade com a ciência categorizadora e apresenta modos de

compreensão a partir de um lugar-comum, a partir de uma interpretação da realidade como universal e acabada.

De modo diverso, o homem como co-fundante de história, como o homem que tem sua história, tem no questionamento a sua essência, que só pode ser determinada independentemente da representação do devir e da consciência historiográfica. O ser como evento é, no seu acontecimento, a história (HEIDEGGER, 2006).

Como o homem é essencialmente histórico, a essência do ser é justamente o essenciar-se, que só pode ser determinado a partir do sentido essencial do originário, singular e atualizado na experiência vivida. Não é possível considerar a essência uma mera representação do devir porque “a essência da presença está em sua existência” e por isso “as características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso” (HEIDEGGER, 2013a, p. 85).

Partindo do primado da existência (não no sentido da ontologia tradicional que a considera como ser simplesmente dado) frente à essência, pois é a existência que possibilita o essenciar-se, o ser-aí nunca pode ter o modo de ser dos entes simplesmente dados no mundo (HEIDEGGER, 2013a, p. 86). O modo de existir do ser-aí é a própria abertura do ser lançado no mundo enquanto projeto.

Não há, contudo, uma relação de causa e efeito entre o projeto lançado e o ser lançado. O indivíduo específico não é capaz de escolher o seu projeto, “o projeto é lançado e aquele que projeta é lançado no projeto.” (INWOOD, 2002, p. 82). É em virtude do projeto que o indivíduo poderá realizar suas escolhas e, desse modo, “o projeto pode, portanto, ser governado pelo próprio ser” (INWOOD, 2002, p. 83).

Do mesmo modo que, em uma perspectiva do ser lançado no mundo, não é possível considerarmos a essência do ser-aí a partir de meras representações do futuro. Não podemos entender a história como o estudo de acontecimentos passados ou a partir de uma concepção de tempo como uma sequência de agoras. Assim, cabe distinguir os sentidos de história neste trabalho: história, históricos e historicidade estão relacionados ao acontecimento do ser; História, historiografia e historiográficos estão relacionados ao estudo dos acontecimentos passados.

Cabe ainda esclarecer que a historiografia, entendida como ciência que relata fatos datados como se estes não constituíssem, em si, a sua própria historicidade, é entendida por Heidegger (2013b) como uma alienação do ser-aí da sua historicidade autêntica. No verbete *história e historicidade* do dicionário de concepções heideggerianas (INWOOD, 2002) encontramos a elucidação de que “historicidade não necessariamente requer a historiografia” (INWOOD, 2002, p. 84). Por outro lado, a História depende da “história do mundo” e ambas só podem dar-se em virtude do ser-aí ser histórico.

Nesse sentido, apesar de todo indivíduo ter sua historicidade própria que se inicia com o seu nascimento e termina com sua morte, o ser-aí não se dá de maneira fechada no passado do indivíduo. O ser-aí é, portanto, “o passado de sua comunidade, tanto antes quanto depois de seu nascimento” (INWOOD, 2002, p. 84). O intervalo do acontecimento, entre vida e morte, interpõe-se ao acontecimento de ser-aí passado.

É essa a noção de história que assumimos neste trabalho. Ela justifica a nossa escolha por acompanharmos grupos envolvidos com pesquisa de temáticas usualmente consideradas como historiográficas. O homem é essencialmente histórico e, por isso, para compreender os modos de acontecimento da pesquisa, em Ciências Humanas, no Ensino Médio, interessa-nos interpretar como e em que medida os participantes experienciam o fenômeno histórico que pesquisam como co-fundantes da própria história, como seres-aí históricos.

Como ser-aí histórico o historiador não é visto, aqui, como um indivíduo que relata o passado em um documento como um fato inequívoco, mas como um ser-aí que se volta ao passado da sua geração dentro de uma dinâmica da sua própria historicidade. O trabalho do historiador, compreendido na sua historicidade, não tem o sentido de passado acabado, mas abre a possibilidade de continuidade, de novas interpretações que podem revelar novas compreensões acerca da temática envolvida.

A abertura para o questionamento no projeto do ser-aí histórico ilumina a possibilidade de se fazer uma experiência pensante com a linguagem. No ensaio *Sobre a questão do pensamento*, Heidegger(2009b) apresenta a clareira como ponto de partida para atentar para o pensamento usando, para isso, a metáfora da floresta,

onde apenas em um local previamente aberto a luz pode penetrar, iluminando e fazendo sombras. Do mesmo modo, a luz do pensamento pressupõe sempre a clareira como “abertura que garante a possibilidade de um aparecer e de um mostrar-se” (HEIDEGGER, 2009b, p. 75).

A clareira possibilita-nos o momento do confronto com a questão mesma, com o fenômeno, para que disso se aprenda algo, deixando que o fenômeno se mostre e nos diga algo. É justamente a abertura da clareira que nos garante uma dimensão da visão aberta para a evidência, onde prevalecem o demorar-se e o questionamento. É ela quem garante a “possibilidade do caminho em direção da presença e permite, ela mesma, o apresentar-se” (HEIDEGGER, 2009b, p. 78).

A clareira, que assegura o ser e o pensar e o seu recíproco apresentar-se, parte do desvelamento, cuja relação com a verdade será discutida mais adiante. Essa reciprocidade de pertencimento entre ser e pensar somente pode surgir do lugar de silêncio, que é a clareira, possibilitando, assim, um acordo entre a presença e sua apreensão. Somente a partir dessa aliança nasce “a possibilidade de atribuir ao pensamento verdadeira seriedade e compromisso” (HEIDEGGER, 2009b, p. 79).

O desvelamento não pode ser confundido, aqui, com a verdade em seu sentido lógico e proposicional, já que a evidência ou os processos de verificação da verdade estão em movimento no acontecimento da clareira que impera. Nesse caso, o desvelamento, como clareira, jamais poderia ser identificado a partir de demonstrações ou provas acerca da verdade tradicional.

A abertura é o modo fundamental do ser-aí e é somente com ela e por ela que se dá a descoberta da verdade enquanto fenômeno originário que se diz a partir do seu acontecimento. É somente a partir dela que podemos “captar de modo categórico-ontológico o que vem ao encontro numa primeira aproximação imediata do ser-aí” (HEIDEGGER, 2013a, p. 221).

O caminho de acesso, pelo qual se percebe significativamente o próprio ser, é o pensamento, e o que é percebido, na percepção significativa, é o próprio ser-aí, de forma que é no acontecimento do ser fático que se encontra o caminho para o questionamento do próprio pensar e para o seu começo. Nesse sentido, a pesquisa é também vista como *criação*, uma vez que cria algo novo, ou como diria Heidegger

(2009b), aquilo que ainda é digno de se pensar, configurando-se, assim, no caminho para o pensamento.

Em Bakhtin (2003), também é nesse caminho que dá-se a construção de um espaço próprio, a partir do qual o “eu” (pesquisador) compreende o outro (participante) e com ele estabelece relações dialógicas a partir dos sentidos que se dão, no tempo, para todos os seres-aí envolvidos. É no processo de construção desse espaço dialógico, criado a partir do “eu” (pesquisador) como co-participante necessário do processo de compreensão/interpretação dos fenômenos em estudo, que se dá o que chamamos, neste trabalho, de ato ético de pesquisa.

Trabalhar com a linguagem, com base nesses valores, implica lidar com valores não previstos e não mensuráveis previamente. Assim sendo, os eixos temáticos da nossa análise não são definidos a prioristicamente, mas são desvelados a partir do posicionamento ético do pesquisador. Por conseguinte, pensar eticamente e fazer uma experiência pensante, com a linguagem, significa ir além das evidências gerais, opondo-se à razão pura em prol da dúvida e da abertura para uma construção da compreensão que se dá no acontecimento da vida vivida.

3.2 SOBRE A RESPONSABILIDADE ÉTICA DO ATO DE PESQUISA

Neste tópico tecemos considerações acerca da dimensão ética envolvida no ato de pesquisa. Para tanto, partimos do construto do ato ético bakhtiniano, entendendo que a pesquisa se dá em um contexto no qual o *eu* (pesquisador) é o seu participante necessário e está posicionado como centro valorativo da pesquisa. Além de *Para uma filosofia do ato ético* (1997), os textos *Metodologia das Ciências Humanas* e *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (2003) servem de base para a nossa reflexão. No que diz respeito à filosofia heideggeriana, três noções centrais, apresentadas anteriormente, orientam a nossa reflexão: a escuta de toda palavra como vigor do dizer, a apropriação como processo necessário à compreensão e a permanência da abertura questionadora.

Voltamos, portanto, a pensar a relação com o outro que constitui o ato ético, na arquitetônica dos seres envolvidos em uma pesquisa. Nesse sentido, buscamos

refletir sobre o papel do pesquisador nas Ciências Humanas, e discutimos duas noções bakhtinianas centrais para o desenvolvimento do método de análise nesta pesquisa: as noções de exotopia e de cronotopo. Compreendemos que a reflexão empreendida aqui é relevante para todo fazer científico interessado nos aspectos singulares e únicos dos sujeitos em seus diálogos com o outro, nos atos éticos de pensamento que se dão na linguagem e por meio dela.

É na relação dialógica, com o outro, a partir do eu (pesquisador) como centro valorativo, que o ato de pesquisa pode ser considerado como ato ético responsável. De acordo com Bakhtin (2003), é a partir do inacabamento e da abertura próprias de uma relação dialógica que podemos compreender os sentidos e os significados. Assim, o conhecimento não é algo dado de antemão ou pronto: “o acontecimento da vida do texto, isto é, sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.” (BAKHTIN, 2003, p. 311).

A linguagem, como ponto de encontro do *eu* e do *outro* é considerada em termos da própria constituição humana através da alteridade, que se dá de maneira dialógica, sempre dinâmica e situada. A dúvida e a abertura permanentes, fruto do confronto do *eu* e do *outro*, na arquitetônica do ser a partir de um ato ético responsável, não isento, procede do pensamento participativo do ser, através do qual o posicionamento valorativo do sujeito emana de um acontecimento concreto, na vida de fato vivida. (BAJTIN, 1997).

Se o nosso objeto de investigação é o texto na sua dimensão enunciativa, temos, então, o texto como um ato executado, inserido no mundo da vida e sempre prenhe de respostas no mundo concreto das apreciações valorativas a que todo texto é submetido enquanto diálogo. Isto remete à importância de considerar como central a questão do *ponto de vista*⁶ na observação de tal objeto, entendendo-se que “o indivíduo não tem apenas meio e ambiente, tem também horizonte próprio” e que a investigação em Ciências Humanas pressupõe “a interação do horizonte do cognoscente com o horizonte do cognoscível.” (BAKHTIN, 2003, p. 394).

⁶ Ponto de vista não é uma noção claramente definida por Bakhtin. Aqui, essa noção segue o sentido atribuído em Cunha (20015), no qual relaciona a noção à concepção bakhtiniana “de realidade em movimento, de inacabamento, de heterodiscurso e do ser constituindo-se continuamente pelo discurso (Bakhtin, 2003, p. 174).” (CUNHA, 2015, p. 5). Essa noção está também relacionada aos posicionamentos axiológicos assumidos pelo sujeito no discurso, como uma voz social que “engloba valores, afetos, tempo e espaço (cronotopo)” (CUNHA, 2015, p. 6).

Sendo assim, o sistema da língua está por detrás de cada texto, e não o contrário. Não é a partir do sistema que os textos se consolidam, dado que

o texto como enunciado é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...] Não está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (signos) mas a outros textos (singulares), a relações dialógicas (e dialéticas com abstração do autor) peculiares. (BAKHTIN, 2003, p. 310).

A criação e a observação de um texto são guiadas pela liberdade do olhar ao invés de serem determinadas por uma necessidade empírica. Mas isso não significa dizer que essa liberdade não seja orientada pela lógica interna do próprio texto, que é regida pela interpretação de estruturas simbólicas. A interpretação de tais estruturas não pode ser reconhecida como forma “científica mas como forma *heterocientífica* do saber, dotadas de suas próprias leis e critérios internos de exatidão.” (BAKHTIN, 2003, p. 399).

Desse modo, o conhecimento do mundo exclusivamente teórico não se abre para o mundo único e real do texto. A mera transcrição teórica, uma tentativa de enquadrar ou aplicar categorias teóricas estabelecidas a priori, afasta-se do ato ético, uma vez que desconsidera justamente a relação e o confronto com o outro. A saída para o ato ético na atividade de pesquisa se dá justamente na consideração de que o ato é levado a cabo no acontecimento do ser.

Bakhtin (1997) reflete, nesse sentido, sobre a especificidade da relação do mundo teórico com o conteúdo do pensamento científico no mundo concreto do ato ético:

Toda a razão teórica não é senão um momento da razão prática, que dizer, da razão que vem da orientação moral de um sujeito no acontecimento singular de ser. Este ser não pode definir-se em categorias de uma consciência teórica indiferente, mas se determina mediante as categorias de uma comunhão real, quer dizer, de um ato ético, nas categorias de uma vivência eficientemente participativa da singularidade concreta do mundo (BAKHTIN, 1997, p. 20).

Isto significa que o próprio proceder enquanto conhecimento é experienciado na vida de fato vivida e, portanto, carrega consigo um modo de ser singular que é emocional e volitivo e que só pode ser vivido participativamente. Essa ideia de

participação orienta o nosso olhar para os modos de acontecimento do fenômeno duplamente: é minha orientação necessária e é também a orientação dos participantes voluntários que lidam com suas pesquisas em desenvolvimento.

Assim, o simples ato de falar sobre um fenômeno já dado já aponta para uma relação de não indiferença, para a admissão de um posicionamento axiológico (valorativo) carregado de tonalidade afetiva, que transforma o próprio objeto no acontecimento, em um evento da vida vivida. A compreensão de um fenômeno pressupõe, nesse sentido, a *minha* participação ética responsável.

A responsabilidade do pesquisador, e para tratar do nosso caso específico, do linguista, recai sobre a associação incontornável da linguagem à própria história dos sujeitos em desenvolvimento. Essa responsabilidade elimina qualquer suposta neutralidade do fazer científico e movimenta os modos participação do pesquisador, na sua relação com o fenômeno e com o método de análise, incluindo o seu próprio processo de escrita.

Com relação aos modos de participação do pesquisador, a noção bakhtiniana de exotopia esclarece uma questão essencial para o nosso trabalho: como analisar um fenômeno que é experienciado por um outro sem que, nessa análise, eu corra o risco de me perder de *minha* singularidade? Esse movimento do olhar do pesquisador pode ser comparado ao olhar da análise estética, que é tratado por Bajtin (1997) em termos de empatia. Analisando a atividade estética, o filósofo russo propõe que “o reflexo estético da vida vivida não é por princípio o auto reflexo da vida em movimento, em sua vitalidade real” (BAJTIN, 1997, p. 14). O movimento da empatia pressupõe sempre um outro sujeito, que se encontra em posição exotópica, externa.

A empatia não é, para o filósofo, um momento precedente à objetivação e à formação necessária a todo processo de escrita envolvido no ato de pesquisa. A empatia faz parte do ato único da compreensão, por ser vivida a partir de *mim* como seu centro valorativo. É impossível, desse modo, separar a singularidade do pesquisador da empatia, visto que a compreensão do fenômeno não chega a *mim* enquanto ente passivo, mas ela é vivida por *mim* empaticamente.

Visto desse modo, o ato de pesquisa pode ser considerado criação, uma vez que é mediante a empatia que se cria uma compreensão de algo que não existia previamente, nem como característica inerente ao *objeto* analisado, nem para o pesquisador, antes do ato de empatia. O ato de empatia cria, portanto, algo novo que “enriquece o acontecimento do ser” (BAJTIN, 1997, p. 23). Se é na relação empática com o outro que se dá o conhecimento, por outro lado, é importante ressaltar que a empatia pura, considerada como a simples coincidência com o outro, sem a participação única e singular do pesquisador no ato de pesquisa, não se trata do sentido do ser enquanto acontecimento.

Nesse sentido, Bajtin (1997) esclarece que a imagem do objeto “vem a ser” (p. 143) e esse movimento depende sempre do ponto de vista do outro, tomando-se em consideração aquilo que pode adquirir “sentido e ser valorado a partir do ponto de vista do outro” (BAJTIN, 1997, p. 144). No nosso caso específico, transpondo essa noção para a criação de uma pesquisa, os modos de interpretação do fenômeno dependem do olhar da exotópico do pesquisador, que é “portador por excelência de uma função conclusiva” (BAJTIN, 1997, p. 145) e capaz de apreender a totalidade do campo da pesquisa.

A exotopia é uma noção que abarca a dimensão espaço-temporal e uma relação de tensão entre olhares sobre o fenômeno. No âmbito da metodologia para as Ciências Humanas, refere-se a um movimento do olhar do pesquisador que, apesar de estabelecer uma relação de alteridade com o outro, tentando enxergar o que esse outro vivencia, precisa observar a si mesmo e assumir uma posição ética responsável de exterioridade.

A criação da imagem de si mesmo que reside na escrita de um texto, na atividade de acabamento inerente à escrita, “só é acessível a uma memória alheia de si” (BAJTIN, 1997, p. 145). De fato, se narramos algo que aconteceu a nós mesmos, essa narração já se encontra fora do seu acontecimento no mundo concreto da vida. Ela se dá, portanto, a partir de um olhar exotópico, em uma espécie de usurpação de um ponto de vista externo: “construo *minha* imagem (cobro consciência de mim mesmo) simultaneamente a partir de *mim* mesmo e desde o ponto de vista do outro” (BAJTIN, 1997, p.145). Esse olhar que vê a *si* mesmo desde fora já é, nesse sentido, parte de uma memória de *si*.

No caso específico da nossa pesquisa, percebemos que a atividade de acabamento do texto de pesquisa se dá de maneira refletida, como se estivéssemos diante de espelhos paralelos. Dado que estamos analisando o fenômeno de pesquisa, é interessante perceber que a pesquisa sempre remete a outra pesquisa. Dizer isso significa dizer que estamos lidando com um olhar exotópico sobre um ato de pesquisa, que por sua vez lança um olhar exotópico sobre outra pesquisa, que também posicionou-se exotopicamente sobre outras pesquisas.

Desse modo, mesmo lidando com a cadeia dialógica da linguagem que é, por essência, inacabada e inconclusiva, é preciso considerar que estamos diante do desafio de dar um acabamento textual, atividade inerente a toda pesquisa. Assim sendo, quando nos referimos à noção de *acabamento*, estamos lidando com a memória do *eu*, como também com a memória do objeto, ou seja, da criação um objeto cultural, e não mais da compreensão que se dá sempre na circularidade do movimento de alteridade

De acordo com Amorim (2009), em ensaio⁷ no qual analisa a questão da memória do objeto numa perspectiva bakhtiniana, as Ciências Humanas possuem um discurso singular que se define por:

ser discurso sobre discurso, discurso analisante e discurso analisado(...) Isso significa que todo objeto de discurso e de conhecimento é portador de memória, pois ao ser falado é, antes de mais nada, já falado por outros que vieram antes de mim. Ao tocá-lo e ao dispô-lo como objeto, coloco em cena imediatamente um universo discursivo que eu atualizo, revivo e retransmito aos que me ouvem. (AMORIM, 2009, p. 10)

O fato de o pesquisador trabalhar com uma dimensão de forma e acabamento insere essa memória no âmbito do estético e, portanto, ela é capaz de produzir totalidades e unificações. Isso não significa que essa memória não seja ética, ou seja, que não carregue consigo a singularidade do pesquisador. Pelo contrário, a singularidade e a tonalidade afetiva do pesquisador está presente não apenas no conteúdo do seu discurso, mas também na forma conduzida para alcançar o acabamento necessário para que se torne um objeto de memória. Aliás, é nesse

⁷AMORIM, M. S. Memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *BAKHTINIANA*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009

sentido que iremos nos referir ao *estilo*⁸ em nossas análises, considerando que essa relação que se estabelece entre o autor criador e a busca pelo acabamento de seu texto, a fim de alcançar determinados efeitos de sentido no seu texto com vistas ao interlocutor, faz parte da gênese da concepção de estilo bakhtiniana.

A temática da memória remete, ainda, à temporalidade, que é de fundamental importância para a nossa pesquisa, uma vez que os participantes que acompanhamos estão envolvidos em grupos de pesquisas cuja temática é a história, ou seja, a própria memória, sendo que as formas de expressão através da passagem do tempo estão tematizadas nos atos de pesquisa dos participantes. Além disso, é a partir da noção de *exotopia* relacionada à memória do objeto que organizamos as nossos eixos temáticos de análise, lançando mão de uma transposição da noção bakhtiniana de cronotopo para a análise dos discursos, proferidos pelos pesquisadores participantes no nosso estudo, em Ciências Humanas. Esses eixos não são determinados priori, mas emergem da confluência dos nossos próprios atos de pesquisa com aqueles empreendidos pelos participantes, levando-se sempre em conta um posicionamento ético e a nossa permanência junto ao fenômeno.

A noção de cronotopo é desenvolvida por Bakhtin (1998) em ensaio intitulado *Formas de tempo e cronotopo no Romance*, no qual o filósofo analisa as relações temporais e espaciais na história do romance. Trata-se de uma noção desenvolvida para a análise artístico-literária na qual

ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. (...) Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries

⁸ Como já discutimos, a dinâmica do pensamento bakhtiniano não se dá a partir de conceituações prontas e acabadas. As noções trabalhadas pelo filósofo russo encontram-se, muitas vezes, diluídas em muitas de suas obras. No caso da noção de *estilo*, que não é central para o nosso trabalho, mas aparece como uma noção cuja gênese vislumbramos na dinâmica do ato ético, quando se trata da criação de textos, seria necessário retomar todo o caminho de sua construção, incluindo obras essenciais para o seu entendimento que não fazem parte do escopo desta tese, como *Discurso na vida e discurso na arte* (Voloshinov, 1926) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1992). Em *Discurso na vida e discurso na arte*, aparece uma das mais representativas reflexões sobre estilo como constituinte e constituído pela/na interlocução. O autor parte das especificidades discursivas da vida, utilizando o contexto extraverbal como orientador de avaliações e julgamentos, para analisar como o discurso se constitui na arte. É nesse sentido que enxergamos, na dinâmica da arquitetônica do ato ético e na relação entre os valores de sua estruturação, uma espécie de gênese do que foi desenvolvido mais tarde por Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (2003), como estilo.

e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico.” (BAKHTIN, 1998, p. 211).

O cronotopo condensa o tempo, tornando-o artisticamente possível. Essa condensação do tempo e concretização espacial dos índices do tempo abre a possibilidade de criação da imagem dos acontecimentos. O cronotopo envolve o desenvolvimento das “cenas” no romance e age, assim, como o centro de configuração figurativo no qual os elementos abstratos do romance gravitam ao redor. Trata-se, portanto, dos lugares das crises, dos confrontos, dos movimentos e não necessariamente coincide com um tempo biográfico – um instante pode ter duração indefinida em um espaço definido.

Indo além da construção do romance, Bakhtin (1998) chega a afirmar que a forma da palavra interna é cronotópica, quer dizer, a palavra “ajuda a transportar os significados originais e espaciais para as relações temporais (no sentido mais amplo)” (BAKHTIN, 1998, p. 356). Nesse sentido, até mesmo aquilo que é estático-espacial não pode ser descrito de modo estático. A narrativa-imagem representa temporalmente os fenômenos espaciais e sensoriais na sua dinâmica de movimentos e transformações.

A noção de cronotopo está associada à noção de valores: “A arte e a literatura estão impregnados por valores cronotópicos de diversos graus e dimensões” (BAKHTIN, 1998, p. 357). Assim, quando o criador destaca um ou outro elemento em sua obra de arte, ele está agindo eticamente com relação aos valores que emergem da relação recíproca do *eu* com o *outro*. No processo de criação, o cronotopo é o “ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos” (BAKHTIN, 1998, p. 357) na obra de arte.

Em nosso estudo a noção de cronotopo bakhtiniana (BAKHTIN, 1998) será desenvolvida a partir da análise do gênero romance, a qual será transposta para a pesquisa em Ciências Humanas. Tal transposição já foi proposta por Amorim (2004), quando, em seu estudo, empreendeu uma análise do *cronotopo do encontro* que, segundo a pesquisadora, “atravessa as tradições literárias mais diversas, inclusive em outras ciências que não as chamadas humanas” (p. 223). Na literatura, o tema do encontro é, muitas vezes, atualizado no espaço da estrada. É no encontro com o outro, no lugar da alteridade, que nos encontramos com a

possibilidade de um (des)encaminhamento de nós mesmos, de tomar um caminho imprevisto.

Nesta perspectiva, Amorim (2004) sugere que, na pesquisa em Ciências Humanas, a temática do *encontro* bakhtiniano, desenvolve-se no campo. O campo seria, pois, para o texto de pesquisa, o cronotopo que condensa os índices espaço-temporais e organiza em torno dele os principais eixos temáticos que emergem do ato. Para utilizar as palavras do próprio Bakhtin (1998), tomamos, na nossa pesquisa, o campo como “o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos” (BAKHTIN, 1998, p. 357), como um grande cronotopo, que tudo engloba.

As referidas noções, de exotopia e cronotopo, serão retomadas nos capítulos 5, *Vivenciando os caminhos do método* e 6, *A experiência de pesquisa: movimentos e transformações*. Elas são fundamentais para a criação dos nossos eixos de análise no momento da interpretação dos fenômenos de linguagem vivenciados pelos participantes da pesquisa: a pesquisadora e os outros, na arquitetura do ato ético.

4 A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

A pesquisa é uma atividade de importância indiscutível na sociedade contemporânea, geralmente relacionada a questões de desenvolvimento tecnológico e econômico. Como atividade própria da ciência ou de cunho pedagógico, o entendimento que circula em torno da pesquisa no senso comum não parece ir além de questões associadas à técnica ou aos resultados que podem comprovar determinadas teorias. É muito comum escutarmos, no nosso dia a dia, alguém se utilizar de resultados de pesquisas científicas para legitimar determinado discurso, no intuito de atribuir um caráter de verdade e de incontestabilidade ao seu argumento.

Pensar o desafio da pesquisa nas Ciências Humanas neste trabalho requer uma reflexão que vai além da ideia do senso comum e da visão de ciência atrelada exclusivamente à eficácia técnica e aos resultados. Essa reflexão advém, primeiramente, da essencialidade da questão da relação do sujeito (pesquisador) com o objeto (pesquisado) no fazer científico. Na abordagem do ser lançado no mundo da vida, de acordo com Bakhtin (2003), nas Ciências Humanas o *objeto* é o próprio sujeito cognoscente e estamos, portanto, lidando com um *objeto* que não é estático, justamente por ser outro sujeito. Para Heidegger (2009a), o problema dessa relação repousa, sobretudo, sobre o problema da verdade e requer uma investigação sobre como se dá a relação do enunciado com o objeto para que se chegue a uma compreensão acerca da essência da verdade.

Pensar o desafio da pesquisa em contexto institucional escolar justifica-se pela possibilidade de pensarmos caminhos alternativos para uma formação que permita ir além da perspectiva de acumulação de conteúdos teóricos (já dados e prontos). Não pretendemos, com isso, propor uma pedagogia ou um programa educacional de base fenomenológica-existencial, até porque fazer isso seria cair na tentação de usar da filosofia como ferramenta de uma ciência especializada, como alertara o próprio Heidegger (2009a).

Não é nossa intenção, tampouco, conceituar, determinar ou hierarquizar a tarefa do pensamento, mas tentar mostrar, atravessando um caminho de proximidade com o fenômeno, caminhos que contemplem a dimensão do

pensamento enquanto abertura e possibilidade, mesmo quando estamos tratando de um conhecimento que tem a ciência em seu interior, mesmo em um espaço institucional educacional, como é o espaço em que lidamos com o nosso fenômeno.

O que nos interessa, neste capítulo, é, portanto, refletir, primeiramente, sobre o que significa pesquisar, considerando uma reformulação da relação sujeito-objeto e uma reflexão acerca da essência da ciência, tomando a essência da verdade como ponto de partida. Em meio a essa discussão, buscamos meditar sobre os modo(s) de acontecimento do ato de pesquisar que possibilitam uma aproximação de uma experiência de aprendizagem do pensamento.

O movimento das ideias de Heidegger (2009a) que buscam aclarar a questão da essência da ciência é tomado aqui a partir da preleção publicada como *Introdução à Filosofia* (2009a)⁹. Essa preleção inicia-se com a meditação em torno da pergunta “a filosofia é uma ciência?” O filósofo (HEIDEGGER, 2009a) vai desenvolver, então, a partir dessa pergunta inicial, alguns dos questionamentos que nos interessam aqui, sobretudo no que tange à relação da verdade com a ciência e à relação sujeito-objeto.

Com relação ao pensamento bakhtiniano, retomamos o ponto central da responsabilidade ética do pesquisador nas Ciências Humanas, levando em consideração a distinção fundamental do seu objeto com relação às demais ciências, a saber: o discurso e, portanto, a relação com outro. É essa distinção que ressignifica a relação sujeito-objeto, que trataremos mais adiante.

Além disso, é importante refletir sobre a dualidade entre o mundo da vida e o mundo da cultura - mundo no qual a ciência está inserida - segundo uma visão de ciência que exclui do seu campo de interesse o mundo singular da vida vivida e a dimensão ética do ser. O conceito de verdade desenvolvido em Bakhtin (1997) também toca no cerne dessa dualidade (*pravda* e *istina*) e da relação sujeito-objeto no fazer científico que advém desse conceito.

⁹ O livro trata-se de uma preleção ministrada por Heidegger em 1928/1929 na Universidade de Freiburg. Foi publicada pela primeira vez em alemão em 1996, a partir de fontes diversas.

4.1 A PERGUNTA PELA ESSÊNCIA DA CIÊNCIA

Para Heidegger (2009a), não podemos buscar pela essência da ciência através da simples caracterização da sua crise ou de uma investigação sobre sua situação intelectual. A busca por uma revisão da ciência, a partir da crença de se poder alterá-la com a ajuda de programas específicos, fez-nos esquecer, segundo o filósofo, de “primeiro obter ingresso na ciência, a fim de, nela penetrando, reestruturá-la a partir de seu interior” (HEIDEGGER, 2009a, p. 31).

Essa penetração, no interior da ciência, é o nosso ponto de partida para vivenciarmos o método neste trabalho. Levando-se em conta que a ciência é, antes de tudo, investigação, buscamos posicionar nosso olhar sobre o ato de pesquisar a partir de um ponto de vista que considera que “a ciência só existe em meio à paixão do perguntar, em meio ao entusiasmo de descobrir, em meio à inexorabilidade da prestação de contas crítica, da demonstração e da fundamentação” (HEIDEGGER, 2009a, p. 15). Nesse sentido, a compreensão acerca da essência da ciência extrapola o entendimento de que para se fazer ciência basta acumular saberes ou ensiná-los e aprendê-los de maneira técnico-disciplinar.

Sabemos, contudo, que é esse o entendimento que ronda a ciência e isso se deve, de acordo com a reflexão empreendida por Heidegger (2009a), a uma equiparação inadequada da ciência com os seus resultados. A popularização da ciência, popularização no sentido da transmissão de seus resultados de maneira rápida e simplista, é considerada por ele como um mal justamente pelo fato de que “a ciência não pode ser equiparada a seus resultados, que são então transmitidos de mão em mão em uma apresentação qualquer” (HEIDEGGER, 2009, p. 34).

Dito isto, é importante mantermos a atenção para o fato de que aquilo que por uma ciência é apresentado, com seus resultados, não diz respeito à essência da ciência. Essa equiparação que intenciona tornar a ciência prática, a partir da simplicidade dos seus resultados, desconsidera em que consiste propriamente o caráter prático e técnico da ciência. No entanto, é apenas no caminho da compreensão desse caráter que poderemos compreender em que medida a técnica pertence a toda ciência e qual o seu papel na existência da ciência.

É nesse sentido que Heidegger (2009a) chama a atenção para o fato de que a equiparação da ciência aos seus resultados deve ser rejeitada, não apenas porque a ciência é muito mais que os seus resultados mas, sobretudo, porque não é através deles que a ciência se manifesta em sua essência: “o essencial da ciência não reside no que é meramente transmissível, no que pode ser passado de mão em mão, mas no que é sempre apropriado novamente” (HEIDEGGER, 2009a, p. 35).

Além disso, cabe salientar também que é no ato que o indivíduo vai decidir, a cada vez, sua relação concreta e fática com uma determinada ciência. No campo das possibilidades de decisão, Heidegger (2009a) menciona a margem de manobra no interior da qual o indivíduo tem a possibilidade de se decidir de um modo ou de outro, de modo autêntico.

O caminho para a apropriação só é possível em meio ao método, que está sempre imbricado ao conteúdo técnico e ao resultado, e que aqui não é entendido no sentido estrito de procedimento ou de técnica. É justamente por isso que, neste trabalho, não cabe seguir um roteiro metodológico ou procedimental pré-estabelecido. É também nesse sentido que dedicamos uma atenção especial para o método em seu acontecimento na nossa interpretação do fenômeno de pesquisa, buscando compreender em que medida e de que modos o método emerge do ato pesquisa de forma a superar a técnica, ou seja, em que momentos e de que modos podemos vivenciar a mencionada margem de manobra.

Apesar de reconhecer, na história, uma crescente compreensão acerca da não arbitrariedade do elemento histórico e sua “submissão a mudanças essenciais que as ciências naturais não estão em condições de conhecer” (HEIDEGGER, 2009a, p. 38)¹⁰, o filósofo alemão aponta para uma resistência, por parte da maioria dos cientistas, em obter uma nova clarificação e consolidação dos conceitos fundamentais da ciência. Embora os conceitos-diretrizes para suas ciências passem por reformulações, não há uma abordagem que toque a raiz da crise de seus fundamentos. De um lado,

a ciência e seus representantes apelam para os fatos e métodos consolidados – uma teimosia que se entrincheira por trás do acúmulo de resultados – e, por outro lado, operam rápido demais com ideias e conceitos

¹⁰ De acordo com Heidegger (2009a), essa compreensão é movimentada pela inutilidade dos conceitos de causalidade, causa e causação na física moderna, assim como o conceito de matéria.

filosóficos tomados de empréstimo de algum lugar qualquer e trazidas para o interior da ciência (HEIDEGGER, 2009a, p.39)

Desse modo, as ciências permanecem distantes de uma compreensão da essência da ciência. Para adentrarmos numa tal meditação seria necessário, antes de tudo, assumirmos uma mudança de posição da existência ante a ciência, numa busca por compreender em que consistem os fundamentos de uma ciência e quais os limites dessa ciência a partir da crise dos seus fundamentos.

Uma mudança como essa não é, contudo, uma mudança meramente organizacional, assim como não se dá de maneira rápida e simplista através de uma modificação estrutural de seu funcionamento ou através de programas. A compreensão da crise dos fundamentos da ciência circula em torno da busca por compreender em que sentido a ciência encontra-se na existência humana e caminha lado a lado com a clarificação da ciência enquanto possibilidade essencial da existência do homem, na forma de inquietude: “se a ciência é um dos poderes do nosso ser-aí, então ela não apenas o determina, mas, como tudo o que é essencial, ela traz uma in-quietude específica para o cerne do ser-aí” (HEIDEGGER, 2009a, p. 28).

Nas reflexões empreendidas por Bakhtin (1997) acerca da ciência, a questão central gira em torno da validade do conhecimento exclusivamente teórico. Para o filósofo russo, o ser é deixado em segundo plano quando a mera transcrição teórica de um valor é feita, a partir de uma medição estática e constante. O conhecimento teórico, isolado do ser e de seu acontecimento, é sempre o mesmo, é repetição e, dessa maneira, não abrange um ato de pensamento como responsabilidade ética obrigatória. Nesse sentido, o filósofo questiona o quê, afinal, obriga-me (o ser) ao ato de pensar um determinado conhecimento?

Não é o conteúdo do conhecimento que me obriga a pensá-lo, mas a minha assinatura do ato, isto é, a minha decisão de assumir responsabilidade mediante determinada maneira de agir. Vivenciar o fenômeno pressupõe um movimento de alteridade importante: olhar para a singularidade do fenômeno pressupõe uma correspondência com a minha própria singularidade. Da mesma forma, o todo geral e semântico também adquire importância e obrigatoriedade ética em correspondência com a singularidade real.

No âmbito do discurso científico, no fazer adotado pelas ciências naturais, contudo, a singularidade não é reconhecida como um objeto de orientação. Apesar de todo texto científico sempre trabalhar com referências e discursos de outros cientistas, essas vozes, bem como a voz do próprio pesquisador, aparecem isoladas do conteúdo apresentado como ciência. É como se essas vozes servissem meramente para agregar uma aura de verdade inquestionável ao resultado proposto e não para estabelecer um diálogo, um confronto, uma discordância ou até mesmo uma associação com essas vozes anteriores. Para Bakhtin (1997), contudo, se estamos lidando com uma consciência que atua eticamente, mesmo a transcrição teórica pós fato surge como um aparato técnico do ato e não como o conteúdo último, acabado, da ciência vista unicamente como resultado que coincide com um juízo de valor universal.

É importante, aqui, lembrarmos do contexto de produção de tais ideias, um contexto considerado como de crise das Ciências Humanas em face das formas consolidadas da ciência moderna, com pensamento o positivista. É nesse âmbito que as Ciências Naturais e as Ciências Humanas ainda são apresentadas dicotomicamente, tanto em Bakhtin quanto em Heidegger, que propõem um caminho de reconfiguração e revalorização para as Ciências Humanas, um caminho próprio que não pode ser baseado nos mesmos critérios das ciências naturais. que buscavam prever o comportamento dos fenômenos.

Sabemos, contudo, que a própria crise das ciências gerou um deslocamento nessa dicotomia ao longo do século 20. De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2008)¹¹, a crise do modelo de racionalidade da ciência moderna evolui para um quadro de irreversibilidade, da qual decorre um período de revolução científica, que se iniciou com a mecânica quântica de Einstein. Desse período, apesar de não sabermos ao certo qual o paradigma que irá emergir, já podemos perceber a progressiva diminuição das fronteiras entre as chamadas ciências naturais e

¹¹ O livro é uma versão ampliada da Oração de Sapiência proferida na abertura solene das aulas da Universidade de Coimbra, no ano letivo de 1985/86. Nas palavras do próprio autor, eis a tarefa central que ele busca cumprir no seu discurso: “defendo uma posição epistemológica antipositivista e procuro fundamentá-la à luz dos debates que então se travavam na física e na matemática. Ponho em causa teoria representacional da verdade e a primazia das explicações causais e defendo que todo o conhecimento científico é socialmente construído, que o seu rigor tem limites inultrapassáveis e que a sua objectividade não implica a sua neutralidade” (SANTOS, 2008, p. 9-10).

ciências humanas que são tratadas neste trabalho nos termos da ciência moderna que se consolidou no século 19.

Nesse período de transição considerado por Santos (2008), que transporta a marca da pós-modernidade no paradigma emergente, a dicotomia entre ciências naturais e ciências humanas deixa de ter sentido e utilidade. Para o sociólogo, os avanços de disciplinas como física e biologia colocam em questão distinções científicas de outrora, como a distinção entre “entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e matéria inerte e mesmo entre o humano e o não humano” (SANTOS, 2008, p. 61)

Dito isto, retomamos a avaliação de Amorim (2009), acerca da leitura de *Para uma filosofia do ato ético* nos tempos atuais. Para a pesquisadora, o fato de Bakhtin (1997) defender uma filosofia moral localiza o seu pensamento no contexto da modernidade. Ela comenta, inclusive, a possibilidade dos leitores atuais, impregnados de valores pós-modernos, assustarem-se com a proposta moral do pensamento bakhtiniano. É justamente a associação da singularidade ao dever ser que distingue Bakhtin dos filósofos pós-modernos que “tematizam a questão da singularidade sem que esta se submeta a nenhum constrangimento ou transcendência, seja de ordem coletiva ou universal” (AMORIM, 2009, p. 66). O pensamento bakhtiniano busca justamente construir uma possibilidade de unidade entre a singularidade (mundo da vida) e a coletividade (mundo da cultura) a partir do ato ético responsável.

A ciência faz parte do mundo da cultura, uma vez que ela congrega saberes que se fixam historicamente como verdade universal e abstrata. No nosso trabalho, questionamo-nos, com base no pensamento bakhtiniano: onde fica o sujeito singular e concreto do ato de pesquisa que envolve toda ciência? Qual a sua participação nessa verdade universal, dado que a ciência é também desenvolvida por homens, para homens e sobre homens historicamente situados?

Nesse caminho, a verdade não está diretamente atrelada à exatidão. Não é a exatidão que determina o rigor da ciência, se por rigor entendemos uma relação de adequação entre o conhecimento e o objeto. Se a verdade, como meta, é uma premissa incontestável na ciência, essa é uma generalidade que nada diz, visto que

o que se tem, por verdade e conhecimento, poderá levar-nos a caminhos bastante diversos.

É necessário, assim, que empreendamos uma reflexão acerca da verdade, levando em conta o entendimento geral que vigora a respeito da verdade como propriedade, como algo que é inerente ao enunciado. Tratamos dessa questão no próximo tópico, mas antes, voltamos à Heidegger (2009a), para quem a consideração da verdade, como verdade proposicional, implica em uma consideração da ciência como conexão de conhecimentos, como uma conexão de proposições verdadeiras que se fundamentam reciprocamente. Uma tal conexão trata-se, pois, de uma conexão de fundamentação, isto é, não se trata de uma conexão de mera justaposição entre as proposições. É na base dessa conexão que se encontra a definição da ciência como ela é “usual na doutrina da ciência e na teoria do conhecimento”, como pertencente à “unidade de conexão de fundamentação de proposições verdadeiras” (HEIDEGGER, 2009a, p. 50).

A verdade, dentro do entendimento da lógica ou da teoria do conhecimento tradicional, resulta da relação entre as representações expostas em um sujeito e em um predicado. No entanto, Heidegger (2009a) considera haver uma ambiguidade no entendimento de que a verdade encontra-se na proposição predicativa, pois não sabemos se a verdade encontra-se na relação predicativa ou na relação do predicado com o objeto (o sobre-o-quê) de um enunciado.

A implicação recíproca entre um sujeito e um predicado só se sustenta porque, como tal, ela está submetida a uma outra relação, a saber: a relação com aquilo que já se encontra diante de nós (o sobre-o-quê) antes mesmo de proferirmos um enunciado. Portanto, não é na relação entre sujeito e predicado que a verdade reside, mas na relação de toda a estrutura predicativa com aquilo sobre o que é proferido um enunciado. Essa discussão será ampliada no próximo tópico, uma vez que ela perpassa a questão da relação sujeito-objeto na pesquisa.

Juntamente com a dedução da concepção de verdade como verdade proposicional e da concepção de ciência como resultante dessa visão, Heidegger (2009a, p. 51) discute a concepção de ciência como aquilo que está visível a partir de seus resultados e questiona se, afinal, a visualização do resultado da ciência atinge primariamente a essência da ciência. Esse questionamento leva-nos a uma

discussão de fundamental importância para o nosso trabalho, isto porque ela mostra-nos que o nosso caminho de análise do fenômeno de pesquisa, em Ciências Humanas, não pode restringir-se ao resultado, que nada mais é, nas palavras de Heidegger (2009a), citando Hegel, que um cadáver que já deixou a vida:

O resultado é sempre aquilo que em certo ponto se desprende da produção e confecção, é a obra que se libera do seu processo de fabricação. E esse processo de fabricação não pode ser facilmente conhecido em sua totalidade a partir da obra. O resultado é tal qual o cadáver que, como disse Hegel, deixou para trás a tendência [a vida] (HEIDEGGER, 2009a, p. 51).

Com a intenção de nos mantermos na vida, interessa-nos trilhar um caminho e, desse modo, a estagnação dos resultados não é o nosso foco. O ato de pesquisa como o entendemos dá-se, portanto, na vivência da própria atuação, no seu acontecimento. Esse caminho é percorrido, aqui, em duas direções que, apesar de serem claramente duas, inter cruzam-se e influenciam-se mutuamente: no caminho trilhado por mim, na minha experiência como pesquisadora, e no caminho trilhado pelo(a)s participantes voluntário(a)s envolvidos em suas pesquisas de Iniciação Científica.

Acreditamos que o olhar para o fenômeno, em seu processo, aproxima-nos da possibilidade de compreender de que modo e em que medida o resultado pertence à ciência na sua relação inseparável com o método. Precisamos, para isto, compreender a essência da ciência em sua relação com a verdade para além do conceito de verdade como proposição. Uma tal compreensão não pode dar-se da mesma maneira que detemos um conhecimento qualquer, uma vez que ela passa sempre pela apropriação do eu, que se abre no caráter abismal do mundo (HEIDEGGER, 2009a, p. 53).

4.2 A ESSÊNCIA DA VERDADE E A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO

Vimos que, no pensamento bakhtiniano, as questões relativas ao sujeito são instituídas na arquitetônica do ser do ato ético, isto é, nas relações sociais estabelecidas entre sujeitos no mundo concreto da vida de fato vivida. Vimos ainda que tanto Bakhtin quanto Heidegger contestam o pensamento científico tradicional,

que se impõe ao sujeito e, assim, ignora o acontecimento do ser. Diante disto, neste tópico, refletimos acerca da essência da verdade em ambos os filósofos, discussão já iniciada no tópico anterior, para pensarmos do estabelecimento da relação sujeito-objeto no ato de pesquisa.

O primeiro ponto a ser esclarecido acerca da verdade no pensamento bakhtiniano passa por uma questão de língua e tradução. O filósofo utiliza, em russo, palavras diferentes para se referir a verdade: *pravda* e *istina*. Para ele, o fato do racionalismo impor que toda verdade (*pravda*) só pode ser verdade universal composta dos momentos gerais (*istina*), resulta em um triste mal entendido. Esse mal entendido reside no fato de que “a verdade de uma situação consiste justamente no que se encontra nela de repetível e permanente” (BAJTIN, 1997, p. 45), como se aquilo que é geral e idêntico o fosse por princípio.

Quando estamos lidando com a verdade de um acontecimento, essa verdade não coincide com a verdade de um conteúdo estável e idêntico a si mesmo. A verdade do acontecimento do ser é a verdade pensada a partir do lugar único e irrepetível de cada participante, a partir do tom emocional e volitivo que abarca a singularidade do ser. Se estamos lidando com um pensamento participativo ético, o sujeito é sempre convocado a pensá-lo. A verdade instaurada na participação singular do ser e do ato de pensamento é a *pravda*, em russo, que se distingue da *istina*, baseada em leis universais.

Nesse sentido, para que uma verdade teórica possa ser também ética, ela precisa fazer parte de um ato de pensamento, de um ato como o vir-a-ser do próprio pensamento. Amorim (2009) adota o termo validade para se referir a *pravda* e explica que “o conhecimento verdadeiro somente se torna pleno se, além de verdadeiro, ele for válido. Válido e inserido no contexto” (AMORIM, 2009, p. 55). Estamos lidando, assim, com a inclusão irrevogável do sujeito histórico no conhecimento e, no nosso contexto de trabalho específico, na pesquisa (ciência) como forma de conhecer. Essa inclusão modifica completamente a relação sujeito-objeto em polos dicotômicos, como veremos na discussão empreendida na sequência acerca dessa relação em Heidegger (2009a) e em Bakhtin (1997, 2003).

A reflexão acerca da relação sujeito-objeto, empreendida por Heidegger (2009a), em sua preleção, gira em torno da impossibilidade de se considerar o todo

fundante a partir da separação em dois polos extremos, tomados conjuntamente. Além disso, apesar da relação sujeito-objeto ter sido bastante discutida desde o começo da modernidade, todas as discussões, nesse sentido, desconsideram uma questão fundamental: a pergunta pela essência da verdade.

Como tratamos no tópico anterior, em uma concepção de verdade tradicional, a verdade reside na relação entre sujeito e predicado (objeto), que se estabelece na proposição, no enunciado. Em direção contrária, para Heidegger (2009a, p. 65), o problema da relação sujeito-objeto só pode ser formulado a partir da compreensão de que a questão da relação sujeito-objeto repousa sobre o problema da verdade. É um problema que consiste na “reformulação da pergunta pela essência da verdade” (HEIDEGGER, 2009a, p. 65).

O filósofo (HEIDEGGER, 2009a) considera que ao partirmos da conexão entre dois polos, tomados como extremos, de um lado o sujeito e do outro o objeto, deixamos de levar em conta o todo fundante. Dessa maneira, é impossível considerar a essência da verdade sem que haja o questionamento fundamental sobre o que torna internamente possível o todo no qual o contexto de relações se encontra, uma vez que a proposição só tem sentido dentro desse todo. Mas dizer isso não basta, visto que é necessário responder à pergunta sobre como esse todo é considerado ou determinado.

A consideração da proposição como predicação não vai além da mera relação entre sujeito e objeto. Há de se considerar, contudo, que o enunciado é sempre um enunciado sobre objetos e, portanto, existe uma relação que reside no próprio enunciado com o objeto sobre o qual se fala. A pergunta sobre em que consiste a relação do enunciado com o objeto é, de acordo com Heidegger (2009a, p. 67), indispensável para a determinação da essência da verdade.

Para responder a essa pergunta é preciso, antes, determinar entre quais elementos dá-se essa relação. No caso do enunciado, os seus elementos relacionais são o objeto e o sujeito enunciator. O entendimento de que a relação que se estabelece no enunciado é a relação sujeito-objeto não abrange, contudo, a relação do enunciado com o objeto e, ainda, pressupõe que nós, os sujeitos enunciativos, precisamos percorrer todo um contexto relacional, realizando ligações representacionais entre o sujeito enunciator, a representação e a significação para

se atingir o objeto. De acordo com Heidegger (2009a, p. 69), essa relação se dá de maneira diversa. O filósofo (HEIDEGGER, 2009a) utiliza o exemplo do objeto giz branco, presente em sua preleção, para explicitar sua compreensão:

(...) antes da enunciação da proposição já estamos imediatamente relacionados com a coisa mesma, com o giz branco, e, em verdade, não de um modo tal que só teríamos desse giz uma “representação” em nossa alma. Ao fazermos a enunciação, já estamos antes nos mantendo junto ao giz (...) Ao fazermos a enunciação, visamos de antemão e de modo direto o próprio giz. Nós, os sujeitos, nos relacionamos diretamente com este ente (giz) mesmo; estamos junto a ele. A nossa, relação do sujeito, com o objeto é um direto “estar junto ao” giz. (HEIDEGGER, 2009a, p. 69)

Dessa forma, a teoria que aborda o contexto relacional, em termos de representações e conexões entre elas, não abrange a relação do enunciado com o objeto. Se assim fosse nós só chegaríamos ao objeto através do enunciado e do suposto contexto relacional que está atrelado a ele. Ao invés disso, Heidegger (2009a) propõe que só podemos enunciar algo sobre um objeto na medida em que já estamos antes junto a ele.

Considerar o objeto a partir dessa noção, de que apenas por estar junto a ele somos capazes de enunciá-lo, modifica o lugar da condição de verdade. A verdade não é alcançada primeiramente pelo enunciado como tal, mas justamente por estarmos junto ao objeto somos capazes de adequar o seu modo de ser, sobre o qual o enunciado deve tratar.

Discussão semelhante, acerca da relação sujeito-objeto, também pode ser encontrada em Mikhail Bakhtin (2003), contemporâneo de Heidegger. Tal relação é discutida no âmbito do questionamento acerca do lugar e papel das Ciências Humanas em seu texto intitulado *Metodologia das Ciências Humanas*¹², no qual observa, com muita propriedade, que as Ciências Humanas sejam orientadas por uma ciência filosófica que aborde o ser e o acontecimento - em sua unicidade e singularidade -, como centrais na interpretação de um fenômeno. É nesse sentido que ele (BAKHTIN, 2003) desenvolve uma proposta baseada na especificidade do

¹² Este texto foi consultado no livro *Estética da Criação verbal* (2003). O texto tem origem em um pequeno ensaio esboçado por Bakhtin entre fins dos anos 30 e início dos anos 40, segundo nota explicativa do tradutor da edição consultada.

objeto de pesquisa das Ciências Humanas, por tratar-se sempre de um *objeto*¹³ expressivo e dinâmico, e do papel do pesquisador, que está sempre inserido na cadeia dialógica do discurso e, portanto, assume, com o *objeto*, uma relação de não neutralidade.

Sendo assim, o caminho para uma pesquisa, em que o *objeto* é o próprio fenômeno no seu acontecimento, pressupõe a abertura à singularidade como única maneira de abranger o inacabamento do ser no mundo da vida vivida. Trate-se de estabelecer uma relação *sujeito-objeto* que vá além da relação tradicional do fazer científico, pois, além da autonomia e não neutralidade do pesquisador, o próprio fenômeno é dotado de autonomia e possui sua forma de organização interna, que não se esgota em um sentido único tomado como verdade universal.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre os significados e limites da exatidão da ciência em seu viés positivista, que procura o que permanece imutável a ser observado como objeto e, portanto, é incapaz de abarcar o que se auto-revela e que só pode ser concebido, em sua totalidade, com a liberdade intrínseca ao ato de conhecimento, ao qual “não se pode transferir as categorias do conhecimento material” (BAKHTIN, 2003, p. 395).

A esse respeito, Bakhtin (2003, p. 393) considera que o indivíduo não pode ser conhecido como coisa, como “a pura coisa morta, dotada apenas de aparência”, uma vez que estaria revelando, dessa maneira, apenas um ato unilateral do outro. Assim, quando o pesquisador reduz o sujeito de sua pesquisa a um mero objeto mudo, ou seja, a um objeto falado ao invés de falante, ele acaba por tornar mudo o seu próprio interior, que é essencialmente expressivo.

Por conseguinte, para Bakhtin (1997), é impossível tomar consciência de um objeto absolutamente indiferente e acabado, assim como é impossível vivenciá-lo, uma vez que, “ao vivenciar um objeto, eu com o mesmo cumpro com algo ao seu respeito, o objeto entrava uma relação com o mostrado, cresce dentro do mostrado na minha relação com ele” (BAJTIN, 1997, p. 40).

¹³ Utilizamos *objeto* em itálico pois este, em Bakhtin (2003), não é equivalente ao conceito de objeto nas ciências positivas.

Desse modo, o *objeto* é vivenciado e, portanto, não pode ser considerado um dado puro a ser observado de fora de maneira estática, de forma que “o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível” (BAKHTIN, 2003, p. 394). Seguir esse caminho implica, portanto, em pensar a pesquisa a partir do sentido vivo da experiência, em uma configuração sempre dialógica da compreensão que inclui, no horizonte do pesquisador, a repercussão histórica, cultural e social do *objeto*, levando em conta o seu movimento no tempo e no espaço.

Bakhtin (2003) trata, portanto, da relação sujeito-objeto, nas Ciências Humanas, a partir do movimento central da relação do sujeito pesquisador com textos, como sendo o único ponto de partida possível para uma pesquisa que se volta para os sentidos e significados dos outros, justamente porque o *objeto*, no sentido bakhtiniano, remete necessariamente, pelo menos, a um outro sujeito inacabado e dinâmico.

Assim sendo, pode-se observar que Bakhtin (2003), diferentemente de Heidegger (2009a), não aborda a questão prévia da relação do objeto com o *como fundamental* na compreensão da essência da verdade. Por sua vez, Heidegger não aborda, em sua obra, a questão da pesquisa com textos, que para nós é de fundamental importância para situarmos o ponto de partida de trabalho. É, contudo, a aproximação com o outro, como forma de superar a cisão da dimensão humana, na concretude da vida, o fundamento chave em que os filósofos dialogam na nossa interpretação e criação do método de pesquisa.

Buscamos, dessa forma, levar em consideração as ideias de ambos os filósofos na construção do nosso método, não de maneira justaposta ou comparativa, mas complementar e dialógica. Ressaltamos que consideramos esse diálogo possível graças a uma questão fundamental de convergência entre ambos no que tange à centralidade das questões relativas ao ser.

4.3 A VERDADE COMO DESVELAMENTO: O SER-JUNTO-A

Até aqui tomamos como pressuposto de que a verdade, neste estudo, não segue o caminho usual da ciência e da teoria do conhecimento que desconsidera o

próprio acontecimento do ser. Se para Bakhtin (1997), como vimos, a verdade de um conhecimento precisa ser validada no ato ético, em Heidegger (2009a), encontramos a noção de verdade como desvelamento, que merece ainda nossa atenção, uma vez que aprofunda a centralidade do ser no ato de pensamento.

Para o filósofo alemão, tomar como óbvia a relação do *objeto* com o enunciado, focando apenas na relação sujeito-enunciado, faz com que passemos rápido demais por algo fundamental e essencial para o pesquisador em Ciências Humanas: a relação entre o *objeto* e o enunciado. É essa relação que buscamos esclarecer neste tópico, à luz das ideias de Heidegger (2009a), compreendendo-a como essencial para a constituição da verdade.

Heidegger (2009a) afirma que a verdade só pode residir no enunciado a partir de uma relação fundamental que se estabelece com um sobre-o-quê. Essa relação, por sua vez, é baseada na permanência junto-ao que se fala: “é apenas no interior de uma tal permanência junto que um sobre-o-quê é acessível e determinável por meio do enunciado predicativo” (HEIDEGGER, 2009a, p. 71).

Se consideramos que a verdade pode ser atribuída à proposição nesses termos, acompanhando a reflexão do filósofo alemão, questionamos, então: se a verdade não é pura e simplesmente resultado do enunciado, como podemos apreender a essência mais originária da verdade? Para o que aponta um enunciado vivo sobre um determinado ente?

Heidegger (2009a) nega que o enunciado aponte para uma consciência ou alma, para representações ou imagens de coisas. Para ele, apesar de parecer uma constatação trivial, trata-se de estarmos apenas nós mesmos relacionados com o ente sobre o qual dizemos algo, nosso ser junto a este ente. O problema de considerarmos essa constatação trivial ou mesmo banal é que corremos o risco de passar muito rapidamente pela relação como resultado de uma pressa em buscar explicações, o que acaba por encobrir a possibilidade de compreensão do próprio ser-junto ao ente com teorias sobre ele.

Para observar um fenômeno, em seu acontecimento, é necessário trilhar um caminho diverso da busca pela explicação apressada, pela resolução do problema. É necessário esforçar-se para manter-se junto a ele, sem rapidamente tentar teorizar

sobre o que se mostra. Nesse desafio, é essencial que se tenha em mente que além do esforço pela primeira apreensão do fenômeno na abertura, capaz de deixá-lo mostrar-se, esse esforço não pode ser considerado, capaz de resolver ou responder por completo um problema. Nesse caminho, Heidegger alerta que “tão fatídica quanto a subestimação de uma tal primeira apreensão e determinação de um fenômeno é também a superestimação de uma mera descrição” (HEIDEGGER, 2009a, p 73).

O ser-junto-a é uma modalidade de existência do ser humano lançado no mundo da vida e resulta da própria existência, ao mesmo tempo que determina as especificidades de uma determinada maneira de ser. Heidegger (2009a, p.76) afirma que é necessário que se esclareça a possibilidade interna dessa modalidade e isto só é possível através da compreensão do ser-aí.

Neste ponto, é importante que tracemos um contraponto essencial para o entendimento do ser-aí em face da superação da subjetividade do sujeito proposta por Heidegger (2009a). O filósofo afirma que “o ser-aí não é nada além do que designamos até aqui por “sujeito”, o sujeito que se encontra na dita relação com objetos” (HEIDEGGER, 2009a, p. 76). Partindo desse pressuposto, Heidegger (2009a) parece rejeitar um conceito de sujeito para a explicação do enunciado ou da relação sujeito-objeto, isto porque o ser não é, para ele, compreendido na relação entre polos dicotômicos, mas na determinação do ser-junto-a.

É importante esclarecer que a noção de tempo, em Heidegger (2013a, 2009b), não coincide com uma noção cronológica usual de tempo. Não faz sentido para nós, portanto, falar de passado, presente e futuro considerando seus entendimentos usuais. Para Heidegger (2013a), o ser-aí, em seu sentido próprio, significa estar-lançado. Esse estar-lançado só pode ser assumido “na medida em que a presença possa ser “como sempre já foi”, no sentido mais próprio, isto é, possa ser o seu “ter sido” (HEIDEGGER, 2013a, p. 410).

O ser-aí, enquanto porvir, na antecipação da possibilidade, só é porvir na medida em que é, como ser, o ter sido: “o antecipar da possibilidade mais próxima e extrema é vir de volta, em compreendendo, para o seu ter sido mais próprio.” (HEIDEGGER, 2013a, p. 410). Nesse movimento de circularidade da compreensão, o ser-aí só alcança o ter sido uma vez que é porvir. É nesse sentido que podemos

dizer que “o vigor de ter sido surge, de certo modo, do porvir” (HEIDEGGER, 2013a, p.410).

Desse modo, espaço-tempo não significa a distância entre pontos, de maneira calculada. Espaço-tempo significa a dimensão do aberto, que é nomeada de *temporalidade* e que “se ilumina no recíproco alcançar-se de futuro, passado e presente” (HEIDEGGER, 2009b, p. 21). O caráter de abertura repousa no alcançar, na situação que vem-a-si mesma no porvir na qual a decisão é atualizada.

Pertence ao antecipar da decisão uma atualidade segundo a qual a decisão abre uma situação. Na decisão não apenas se recupera a atualidade da dispersão das ocupações imediatas, como ela se mantém atrelada ao porvir e ao vigor de ter sido. Chamamos de *instante* a atualidade própria, isto é, a atualidade mantida na temporalidade própria. Este termo deve ser compreendido em sentido ativo como *eskstase*¹⁴. (HEIDEGGER, 2013a, p. 423)

Considerando a sua dimensão aberta, o tempo nunca é, ele dá-se como uma alcançar que ilumina e oculta. É nesse sentido que Heidegger (2009b) explica que o tempo é quadrimensional, no sentido de que ele dá-se no tríplice alcançar entre porvir, vigor de ter sido e atualidade, mas o próprio alcançar determina uma dimensão primeira a essa relação. É o alcançar que produz “no porvir, no passado, no presente, o apresentar que é próprio de cada um” (HEIDEGGER, 2009b, p.22). A noção de tempo é central para a nossa pesquisa, já que é sempre no horizonte do tempo que se dá a compreensão, na dinâmica da abertura do ser às possibilidades. É esse caráter de abertura que constitui o próprio ser-aí e que fundamenta a noção de pensamento com a qual trabalhamos: o ser pensante é o próprio ser-aí, lançado no mundo e aberto ao questionamento.

O ser-junto-a enseja o deixar-se-vir-ao encontro, que é considerado por Heidegger como “espontaneidade, mas uma espontaneidade tal que possui intencionalmente o caráter do acolher, do aceitar, do receber” (HEIDEGGER, 2009a, p. 78). É no interior da dinâmica do acolhimento que o contexto conjuntural vem à tona. O contexto conjuntural revelou-se central na nossa interpretação do ato de

¹⁴ As *eskstases* da temporalidade são o porvir, o vigor de ter sido e a atualidade (HEIDEGGER, 2013a)

pesquisa, uma vez que um fenômeno nunca é apreendido de maneira isolada. O contexto conjuntural vem à tona no acolhimento do todo do fenômeno, “ele não é nada que se encontre por si, como se ao lado ou por detrás das coisas, como mais um ente por si subsistente entre essas coisas” (HEIDEGGER, 2009a, p. 80).

Nesse sentido, as relações conjunturais perpassam toda e qualquer compreensão. A multiplicidade de um ente, tal como ele se deixa vir ao encontro, só pode ser compreendida na atualização, à luz de um contexto conjuntural acerca do qual já possuímos uma compreensão prévia, mas não de maneira determinística, como se uma coisa determinasse a outra. Trata-se de uma relação de pertencimento e referencialidade ao todo do acontecimento. É o desvelamento do contexto conjuntural que possibilita a manifestação do ente como tal. Em geral, a nossa familiaridade com esse contexto não nos permite enxergar que “sempre só apreendemos essa coisa particular sobre o pano de fundo da compreensão desse todo conjuntural” (HEIDEGGER, 2009a, p. 81).

Dito isto, temos como premissa que a nossa tarefa de interpretar o ato de pesquisa só pode se dar a partir da apreensão e da interpretação do contexto conjuntural do fenômeno estudado. Buscamos cumprir esta tarefa tanto em um âmbito mais amplo, com reflexões sobre as especificidades da instituição e do programa ao qual as pesquisas estão vinculadas, criando, com base na noção bakhtiniana, um cronotopo do campo, no capítulo a seguir. No capítulo 6, de maneira mais detida, criamos cronotopos temáticos que fazem parte do cronotopo primário do *campo* – estes são narrativas construídas a partir do *meu* olhar para as relações que se estabelecem entre os participantes nos caminhos de busca pelo método e com as temáticas envolvidas nas experiências de pesquisa em ação.

5 VIVENCIANDO OS CAMINHOS DO MÉTODO

Neste capítulo cabe esclarecer, de antemão, ao leitor, que embora tenhamos optado por usar a palavra *método*, é importante destacar que nossa compreensão acerca de seu significado, em nosso estudo, não coincide com a ideia de método desenvolvida nas chamadas ciências positivas, a qual vai encontrar seus fundamentos na racionalidade (lógica) do pensamento científico e de seus paradigmas, validados pela tradição na epistemologia das ciências. Trata-se, antes, de uma busca de caminhos de aproximação e de compreensão de fenômenos de linguagem como um *acontecimento* por todo aquele que esteja empenhado em desenvolver uma forma de pensamento voltado para a abertura, ao mundo, proporcionada pelo ser, onde a linguagem vai encontrar sua morada.

Por conseguinte, a primeira consideração a ser feita, neste capítulo, cujo título sinaliza para a centralidade dos caminhos analíticos empreendidos em nossa pesquisa, é que o tratamento dado ao *método*, em nossa pesquisa não pode ser dissociado dos pressupostos filosóficos que estão em seus fundamentos. Nesta perspectiva, cabe destacar que, em nosso estudo, o *método* não é tratado apenas neste capítulo, mas toda a reflexão empreendida até aqui já constitui a base de sua fundamentação.

Este capítulo não se configura, portanto, como um texto específico e descolado de orientação metodológica ou procedimental da pesquisa. Buscamos aqui, a cada retomada do que foi já dito de outras maneiras, anteriormente, ampliar um pouco mais a nossa compreensão acerca do nosso próprio ato de pesquisa, enquanto pesquisadores de Ciências Humanas, na relação com o outro.

Por conseguinte, a nossa intenção é avaliar o método a partir da nossa própria experiência, da vivência da pesquisa, da possibilidade de trilhar diferentes caminhos para se chegar à compreensão de um fenômeno. Nessa vivência, os eixos temáticos (cronotópicos) que orientam o caminho de nossa análise vão emergindo do próprio ato de pesquisa e estão vinculados, irrevogavelmente, aos conceitos de vozes e de valores, na dinâmica do ato ético responsável. Isto não significa que supomos a inexistência de um ponto de partida para o nosso encontro com os textos. Ao contrário, nosso ponto de partida é claro e cinge todo o nosso trabalho: o

vínculo entre a linguagem e a pesquisa em Ciências Humanas, no sentido que estabelecemos nos capítulos anteriores.

Assim, neste capítulo, reforçamos a pertinência do método dialógico de análise a partir desse vínculo, tendo em vista a especificidade da atividade de pesquisa em Ciências Humanas, que se dá essencialmente no e pelo encontro com o outro a partir do texto. Na sequência, buscamos constituir o cronotopo do campo no nosso ato de pesquisa, descrevendo como se deram os modos de acesso aos textos criados nos encontros com os participantes; os nossos compromissos éticos e os princípios de interpretação do fenômeno.

O texto é o centro do ato de pesquisa em Ciências Humanas, tendo em vista que o pesquisador em Ciências Humanas não cria uma mera reprodução do que acontece em campo e, tampouco, lida com um objeto estático ou previsível. Sua responsabilidade consiste em olhar para o texto como o espaço de encontro, de alteridade, um espaço no qual que se desenvolve a relação entre o pesquisador e seu outro. É na e pela interação com o outro através de textos, e dos sentidos que deles emergem no mundo concreto das ações, que se constrói o caminho de compreensão do ser como acontecimento. E é justamente essa perspectiva que sustenta a nossa tese de que podemos considerar a pesquisa em Ciências Humanas como um ato ético e como um caminho para uma experiência pensante.

Nesse sentido, o ato de pesquisar está associado ao ato de pensamento e sua relação com a linguagem. Ele está alinhado ao caminho de construção de sentidos/conhecimentos na própria linguagem, na perspectiva de uma noção de linguagem como construtora da própria visão de mundo, do ser, a partir do posicionamento axiológico e da tonalidade afetiva, nas relações múltiplas de vozes sociais heterogêneas, de onde emergem as singularidades (BAJTIN, 1997).

Para esclarecer os caminhos da nossa análise, cabe questionarmo-nos, junto com Heidegger (2009a), o que significa o *sentido*? Essa noção é essencial no âmbito da compreensão e da interpretação. Em *Ser e Tempo* (2009a),

sentido é o contexto no qual se mantem a possibilidade de compreender alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente, visualizado. Sentido significa a perspectiva do projeto primordial a partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo

que ela é. O projetar abre possibilidades, isto é, o que possibilita. (HEIDEGGER, 2009a, p. 408)

É na interpretação do acontecimento, ancorado na historicidade, que somos conduzidos à compreensão, enquanto uma abordagem para tornar acessível o ser-aí mesmo em cada ocasião. Desse modo, a interpretação dá-se no ser “da vida fática que se mostra no *como* do ser da possibilidade de ser si mesmo” (HEIDEGGER, 2013b, p. 22) e que está situada na posição prévia enquanto possibilidade de ser concreta. A facticidade, como a possibilidade mais própria de si-mesmo do ser-aí, é a própria existência.

Hans Georg Gadamer (1997, p. 27), discípulo de Heidegger, sugere, em sua obra *Verdade e Método*, que “Heidegger, que foi o primeiro a cunhar o conceito de compreensão como uma determinação universal do ser-aí, tem em mente, com isso, exatamente, o caráter de projeto da compreensão; isto significa, porém, o caráter de futuro do ser-aí”. Assim, uma vez que o ser-aí lança-se no mundo, ele carrega consigo seu *ter sido* e sua decisão atualizada e, desse modo, sempre novamente, está diante de novas possibilidades. A circularidade de toda interpretação já sempre dá-se, portanto, de uma compreensão que parte de uma posição prévia.

Compreender, a partir da posição prévia, requer, pois, uma antecipação, uma projeção que se forma a partir do nosso vigor de *ter sido* e que sempre nos coloca diante de uma abertura para compreender algo além do que já compreendemos previamente. É nesse sentido que se dá a circularidade da interpretação hermenêutica na filosofia heideggeriana, com a qual dialogamos neste trabalho.

Em face dessa abertura e do caráter circular de toda compreensão, o ser-aí pode ser de maneira originária. A originalidade e a autenticidade de uma posição prévia, na qual o ser se encontra na sua indagação como ser no mundo, vai sempre depender dos modos da interpretação hermenêutica e, por outro lado, sua indicação formal será sempre mal-entendida se for tomada como um conjunto fixo e universal. É nesse sentido que o questionamento hermenêutico, com base no questionamento do ser da própria existência, como possibilidade de ser no mundo, na sua ocasionalidade, a caminho de seu si-mesmo em vista de si, pode ser considerado o próprio pensar.

Deste modo, entendemos que a vivência do método é palmilhada por essa via de compreensão e interpretação temporalizadas, pela qual os movimentos são

próprios ao ato de pensamento. Por essas veredas, “decisivo não é querer trilhar infinitamente, porém, até o fim, os caminhos uma vez conquistados, mas sempre voltar a traçar a cada vez um novo caminho” (HEIDEGGER, 2009a, p. 27). Como pesquisadores, movimentamo-nos na circularidade da compreensão no trabalho de escuta do fenômeno em estudo, ou seja, estamos já sempre em meio a um horizonte significativo, determinado por uma posição prévia¹⁵ em um contexto conjuntural. Nesse sentido, entendemos que as nossas possibilidades de interpretação dar-se-ão no espaço desse contexto na dimensão do aberto da temporalidade. A compreensão, enquanto essência do ser-aí, dá-se, primariamente, no porvir, na possibilidade de ser de qualquer projeto. No entanto, a temporalização do fenômeno dependem igualmente do seu ter sido e de sua atualização.

Bakhtin (2003), por sua vez, ao referir sobre a questão da interpretação, sugere que quando um pesquisador coloca-se à disposição da interpretação das ações de outros seres humanos, há sempre o movimento do encontro com o outro que se dá através do texto. A característica intrínseca do ser humano é a expressividade, a capacidade de falar, de criar textos, fora dos quais o estudo do homem já não seria mais considerado ciências humanas. O estudo de textos - enunciados -, passam necessariamente por um ato de compreensão do pesquisador, que lida com sentidos e os significados e, assim, toda

(...) investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo. Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos nossa resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado (BAKHTIN, 2003, p. 319).

Essas relações de sentido entre os diferentes enunciados só podem ser estabelecidas através da escuta às diferentes vozes presentes em todo o texto, à voz do sujeito considerada na singularidade do seu acontecimento. Assim, também o método de análise do texto assume índole dialógica. É a partir da determinação do texto, em sua dimensão enunciativa, que Bakhtin (2003, p. 307) desenvolve um caminho metodológico que considera como ponto de partida: “a dualidade especial de planos e sujeitos do pensamento das Ciências Humanas”. Isso porque, para ele,

¹⁵ Posição prévia é “o que dessa ou daquela maneira se possui de antemão em todo acesso ao ente e o lidar com o ente” (HEIDEGGER, 2013b, p. 86)

o estudo do texto é capaz de trazer consigo sua “realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências) ”.

Em consonância com a discussão filosófica que propomos para esta pesquisa é, portanto, essencial que haja uma união entre o fazer prático, as ações do pesquisador, e as teorias em questão. É nesse sentido que, pensando nos caminhos a serem seguidos para a compressão do fenômeno, apontamos para uma vivência do método, e não para uma metodologia em seu sentido científico tradicional.

Dito isto, a abertura para olhar e para a interpretação do acontecimento, próprios do pensamento, é a maneira de fazer uma experiência de pesquisa que seja também uma experiência de linguagem, no sentido de que fazer uma experiência é “atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, harmonizando-nos e sintonizando-nos com ele” (HEIDEGGER, 2003, p. 121). Para garantir a abertura necessária a tal configuração de uma experiência de pesquisa, apenas a nossa permanência junto aos fenômenos pôde nos oferecer os ouvidos necessários para escutar as perguntas que a própria vivência, acompanhada do evento de elaboração e execução dos projetos, junto aos voluntários, proporcionaram-nos.

No capítulo 2, discutimos a noção de cronotopo bakhtiniana a partir da construção dessa noção no gênero romance, tal qual o filósofo desenvolve, como o lugar das crises, dos confrontos e dos movimentos. Desse modo, o cronotopo não coincide com o tempo do relógio ou um tempo biográfico, mas é o tempo representado na narrativa a partir dos fenômenos espaciais.

Neste estudo, tomamos o encontro com o outro (com os textos), na arquitetônica do ato ético de pesquisa, como essencial na construção de conhecimento. Na nossa análise, é o encontro entre os participantes que nos interessa, mas é, sobretudo, o *meu* encontro com o encontro entre eles que possibilita a criação de uma narrativa-imagem capaz de representar temporalmente os fenômenos espaciais a partir da sua dinâmica de movimentos e transformações.

De acordo com Bakhtin (1998, p. 357) o significado de todo cronotopo é temático: “eles são os centros organizadores dos principais acontecimentos temáticos do romance. É no cronotopo que os nós dos enredos são feitos e desfeitos”. Nesse sentido, criamos o nosso grande cronotopo, do campo, que vai englobar nossa experiência de pesquisa e orientar nosso modo de interpretação do

fenômeno. Como já esclarecemos, não estamos lidando com o sentido original da noção bakhtiniana, pois nosso foco não é o texto literário. Trata-se de uma transposição da noção para a criação de textos, de uma maneira mais ampla, e para a criação do texto de pesquisa, no nosso caso específico.

Nesse sentido, concordando com a proposta de Amorim (2004), de transposição do conceito de cronotopo para as Ciências Humanas que não são puramente teóricas, pensamos o nosso campo como o cronotopo principal da nossa análise. É somente a partir da sistematização do *meu* encontro com o encontro que ocorre entre os participantes que podemos conceber o campo, com todas as limitações e restrições que são próprias a esse espaço-tempo determinado. Dizer isso significa reforçar que não estamos supondo qualquer fortuidade dos diálogos que analisaremos, mas também significa chamar atenção para o fato de que os diálogos ocorrem com a *minha* presença como um olhar externo.

Sendo assim, buscamos circunscrever a sistematização dos nossos encontros para, então, no capítulo a seguir, desenvolver o *cronotopo do campo*. Para tanto, buscamos direcionar o olhar para a direção contrária ao controle e previsibilidade que são próprios às pesquisas de campo que buscam encontrar respostas a perguntas colocadas previamente. Embora estejamos trabalhando com encontros institucionais sistemáticos, é a imprevisibilidade inerente ao encontro com o outro que rege a nossa análise. Acreditamos que é possível olhar para os modos de acontecimento da pesquisa indo além da mera apresentação dos seus resultados em um formato pré-determinado, abrindo espaço para que o próprio fenômeno nos mostre aquilo que, inicialmente, estava invisível.

5.1 O CRONOTOPO DO CAMPO: DEFININDO ÍNDICES ESPACIAIS E TEMPORAIS DO ENCONTRO COM O ATO DE PESQUISA DO OUTRO

Esta pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Pernambuco, *campus* Recife. Essa instituição participa do PIBIC-EM, com cotas de bolsas, enquadrando-se no disposto pelo CNPQ:

O PIBIC-EM será operacionalizado pelas Instituições de Ensino e Pesquisa (Universidades), Institutos de Pesquisa e Institutos Tecnológicos (CEFETs e IFs) que tiverem PIBIC e/ou PIBITI para desenvolverem um PROGRAMA de

educação científica que integre os estudantes das escolas de nível médio, públicas do ensino regular, escolas militares, escolas técnicas, ou escolas privadas de aplicação” (PORTAL CNPq). O objetivo do programa, segundo disposto no Portal do CNPq, são os seguintes: “fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos, e desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes.

O período previsto para elaboração e execução de projetos aprovados no Edital PIBIC-EM e PIBIC-TEC para o ano de 2017- 2018, foi de 01 de Agosto de 2017 a 31 de Julho de 2018, de acordo com a observação de calendários divulgados nos editais da PROPESQ nas páginas eletrônicas da UFPE e do IFPE.

O trabalho contou com a participação de sete voluntários que tiveram seus projetos aprovados: dois orientadores, cinco orientandas estudantes do IFPE e uma participante externa que esteve presente em um dos encontros. Em princípio, foram convidados a participar voluntários que tiveram projetos de pesquisa vinculados à área de Ciências Humanas, aprovados no Edital 03/2017 PROPESQ. O primeiro contato foi feito com os orientadores através de e-mail ou mensagem no Facebook para explicar a intenção da minha pesquisa e saber se havia interesse em participar. Por motivos éticos, o contato com as orientandas só foi feito após o contato inicial com os orientadores, para assinatura dos termos de assentimento e consentimento de responsáveis, uma vez que todas as orientandas envolvidas são menores.

Alguns contatos foram estabelecidos em junho de 2017 com professores que estavam pleiteando orientação de projetos na área das Ciências Humanas, sobretudo nas disciplinas de línguas e História. Dois professores de História se prontificaram, desde o primeiro contato, a participar da pesquisa como voluntários, caso seus projetos fossem aprovados e suas orientandas estivessem de acordo. Esses dois professores acabaram tendo suas pesquisas aprovadas e suas orientandas consentiram que suas participações fossem registradas. Na sequência, recebemos ainda resposta de outros docentes demonstrando abertura para colaborar com o trabalho, porém, optamos por continuar o acompanhamento com os dois grupos com os quais tivemos contato desde o início de suas pesquisas.

Essa escolha não excluiu a importância de projetos científicos em outras áreas, para os seus fins metodológicos determinados. Porém, o nosso foco consistiu em refletir sobre os caminhos abertos, via linguagem, para compreensão do ser na

relação de pesquisa que envolve sempre outro ser. Vale ressaltar que, ao mesmo tempo que nossa intenção era manter uma certa abertura em relação ao método, foi a sistematização dos encontros em reuniões de orientações de um programa institucional, com horários, prazos e espaços determinados que permitiu que pudéssemos estar presente e organizar as ferramentas que possibilitaram nosso acesso aos textos.

Nesse sentido, selecionamos alguns momentos vivenciados pelos grupos de pesquisa em seus projetos de PIBIC EM no IFPE que são representativos dos modos de acontecimento da pesquisa em Ciências Humanas, em seu processo de construção. Os grupos foram acompanhados, em suas atividades de pesquisa, até o mês de Julho de 2018, quando o relatório final de suas atividades estava sendo finalizado.

Em princípio, fazia parte dos nossos objetivos avaliar os relatórios, o que foi descartado a partir de novas compreensões acerca do fenômeno, que explicarei mais adiante, no decorrer da pesquisa. Também planejamos uma entrevista, que chegou a ser realizada no primeiro contato com os participantes, mas como o roteiro havia sido preparado antes do início da pesquisa, consideramos, depois, que as perguntas e respostas não se relacionavam diretamente com os fenômenos que foram emergindo dos diálogos entre os participantes nos encontros no Instituto e por *Whatsapp*.

Os momentos selecionados são fragmentos de transformações recortados de um tempo em seu vigor. Tratam-se de fragmentos nos quais os seres-aí envolvidos no ato de pesquisa ocupam-se não apenas de resultados, de historiografia, mas buscam a própria historicidade na compreensão do passado de sua comunidade, uma vez que o nascimento de cada ser também “entremeia-se com o acontecimento do ser-aí passado” (INWOOD, 2002, p. 84).

Nesse sentido, encontrar voluntários dispostos a participar desta pesquisa com propostas temáticas na área da História acabou sinalizando-nos um caminho que consideramos desafiador e significativo, por dialogar com aquilo que constitui o próprio ser-aí na sua relação com o fazer científico: o movimento e as transformações internas da história do ser, tendo em vista que o que é essencial, em uma ciência, “é o crescimento interno da história em uma determinada geração” (HEIDEGGER, 2009a, p. 42).

Os grupos de trabalho que acompanhamos nesse percurso estiveram envolvidos com as seguintes temáticas:

- Grupo 1 (G1): composto por um orientador, mestre e professor de História do Instituto, cujo nome fictício daqui para frente aparecerá como Caio, e uma orientanda bolsista, cujo nome aparecerá como Eva. Esse grupo ocupa-se em mapear e analisar o aparecimento de notícias relacionadas a greves em Pernambuco no período de 1951 a 1955, com projeto de pesquisa intitulado “As lutas dos trabalhadores em Pernambuco no pós-Estado Novo”. As fontes utilizadas na pesquisa são as notícias da época, publicadas no jornal Diário de Pernambuco (com acervo disponível *online*) e no Jornal do Comércio.
- Grupo 2 (G2): composto por um orientador, doutor e professor de História do Instituto, cujo nome fictício aparecerá como Rubens, e três orientandas bolsistas, cujos nomes aparecerão como Sofia, Babi e Fabiana. Esse grupo também trabalha com mapeamento e análise de notícias de jornal, mas apenas no Diário de Pernambuco. Cada orientanda trabalha com um projeto diferente, mas todos eles estão relacionados à temática da abolição da escravidão na imprensa pernambucana. Os títulos dos projetos são os seguintes: a) Sofia – A Lei do Ventre Livre e os debates emancipacionistas na imprensa pernambucana, 1873-1875; b) Babi – Os últimos anos da escravidão em Pernambuco, 1885-1888; Fabiana – O Movimento Abolicionista em Pernambuco: debates, conflitos e polêmicas, 1882-1884. Apesar de cada uma desenvolver um projeto diferente, todas trabalham em grupo nas reuniões presenciais e no desenvolvimento da pesquisa como um todo, trocando e construindo compreensões dentro de uma dinâmica conjunta e nas intersecções que daí resultam.

É importante ressaltar, para o entendimento dos fragmentos selecionados, que tanto a orientanda do Grupo 1 quanto as do Grupo 2 possuem experiência prévia de pesquisa, sob orientação dos mesmos professores. Todas elas participaram do PIBIC no ano anterior (2016-2017), com pesquisas que trabalharam temáticas semelhantes às do ano corrente (2017-2018), mas referentes a períodos diferentes.

Saber disso, de antemão, é essencial para a compreensão das relações que se dão em campo, pois aponta para uma posição prévia dos participantes com relação ao próprio ato de pesquisa, à temática e às relações interpessoais vivenciadas no decorrer do projeto. De fato, esse pertencimento a uma experiência prévia acaba por colocar os participantes em um lugar totalmente diferente do que seria um primeiro contato com o ato de pesquisar. Um exemplo disso é que ocorrem, em diversos momentos, reflexões acerca do trabalho já realizado no ano anterior e comparações em relação ao caminho que está sendo trilhado no projeto atual.

Antes de iniciar o diálogo com os fenômenos é importante esclarecer, ainda, que optamos por não entrar em contato prévio com o projeto escrito que foi submetido ao edital para concessão de bolsas. Essa opção deu-se em virtude de um cuidado para não cair em comparações ou avaliações prévias de enquadramento teórico-metodológico no decorrer do processo. Nossa intenção é de permanecer o mais aberta possível para escutar o que se mostra na prática e no percurso, tendo em vista que busco interpretar como a própria história do pesquisar desenvolve-se na dinâmica de sua temporalização.

Dito isto, criamos o cronotopo do campo tentando revisar, a cada momento, os princípios de interpretação do fenômeno que elaboramos mais adiante. Os textos que aparecerão na sequência são resultado das reuniões presenciais para orientação e das interações via aplicativo *whatsapp*, cujo uso constante foi referido pelos próprios participantes para resolver questões relativas à pesquisa.

O aplicativo é geralmente utilizado para agendamento de encontros (reuniões ou assinatura de frequência), divulgação de assuntos relacionados a trâmites burocráticos e prazos, dúvidas acerca do método e escrita do relatório e projetos futuros como desdobramento da pesquisa.

Nas reuniões, os diálogos versavam muito mais em torno de discussões relacionadas ao tema, para uma ampliação da compreensão do contexto histórico do período estudado, e de reflexões acerca do método, embora, com menor frequência, apareçam também questões relacionadas aos mesmos assuntos tratados via *whatsapp*. Elas ocorrem sempre no Instituto, em uma sala de estudos específica para professores da área, durante o dia e em horários variados de acordo com as

disponibilidades dos participantes. No decorrer da pesquisa ocorreram oito encontros presenciais do Grupo 1, e cinco do Grupo 2.

A sala na qual os participantes se reuniam era ampla, bastante clara e possuía estrutura de computadores e ar condicionado. Os voluntários conversavam sempre em uma mesa redonda, com cadeiras ao redor, que está disposta no centro da sala. Esta pesquisadora se posicionava perto deles com a filmadora, mas sempre de fora da roda. Eles se organizaram sempre em formato de meia lua, de maneira que fica um espaço aberto em direção à pesquisadora em campo. Essa disposição ocorreu sempre assim sem que tenha havido uma solicitação prévia, o que interpretamos como abertura e acolhimento para a minha presença da pesquisadora.

5.2 O ACESSO AOS TEXTOS

Como já discutimos anteriormente, no âmbito da abordagem dialógica de análise, o pesquisador precisa de manter uma abertura do olhar, em vista de garantir o exercício de alteridade implicado em toda pesquisa humana. Isso porque estamos tratando do discurso dialógico, que é sempre uma réplica viva e dinâmica, e determinada pela singularidade do discurso individual do ser humano, que se estabelece a partir de sua “capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela” (BAKHTIN, 2010, p. 225)

No exercício da alteridade, Bakhtin (2003) explica que o excedente de conhecimento surge em uma relação entre a penetração no outro e a manutenção do lugar do eu. Essa relação de alteridade, também dialógica dentro do ativismo do cognoscente e do ativismo do que se abre, representa o “significado da simpatia e do amor. Aí o critério não é a exatidão do conhecimento, mas a profundidade da penetração” (BAKHTIN 2003, p. 394).

É nesse sentido que se desenvolve o ato de compreensão do pesquisador, distanciado de uma neutralidade e consciente de que a permanência junto a um processo dinâmico, atuado por outros seres, enseja uma relação. É justamente dessa relação que emerge o fenômeno das Ciências Humanas. O trabalho do cientista humano desenvolve-se, assim, como o trabalho de abertura ao encontro do

outro para uma construção conjunta, de dois autores, já que é sempre “um encontro de dois textos – do texto pronto e do texto a ser criado, que reage, interroga, etc” (BAKHTIN, 2003, p. 311).

Assim, para nos aproximar dos fenômenos envolvidos no ato de pesquisa, como ato de pensamento, elegemos os seguintes textos:

- a. narrativas de entrevistas guiadas por um roteiro de perguntas semiestruturadas com participantes envolvidos nos projetos de pesquisa (orientador e alunos orientandos) e na organização do Programa (diretor do Instituto e responsáveis pelo PIBIC-EM e PIBIC-TEC). O roteiro dessas entrevistas foi preparado antes de qualquer contato com os participantes, em virtude da necessidade de aprovação do projeto junto ao Conselho de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde. Tratou-se de uma entrevista que, no projeto submetido, seria utilizada se fosse necessário, de acordo com a relevância para a avaliação da compreensão dos participantes sobre a experiência que vivem e do contexto em que os projetos são construídos. Como já mencionamos anteriormente, a primeira versão da entrevista foi realizada com os participantes nos dois primeiros meses da pesquisa. Porém, não consideramos haver um diálogo ou informação extra para compor a seleção dos textos a serem analisados. De toda forma, é preciso ressaltar que, se as narrativas dela resultantes não foram utilizadas diretamente, essa entrevista foi uma interação direta com os participantes sobre a pesquisa. Por isso, acreditamos que ela precisa ser ao menos mencionada e anexada em apêndice;
- b. diálogos filmados nas sessões de orientação do projeto de acordo com agendamento e disponibilidade dos participantes e interações de grupos de *whatsapp*, que foram transcritas ou fotografadas de acordo com os momentos relevantes para nossa interpretação;
- c. Relatórios Parcial e Final dos projetos, e eventuais artigos ou publicações científicas que possam se desdobrar da pesquisa,

constavam do projeto inicial mas também foram desconsiderados. Essa opção por não lê-los é detalhada no capítulo seguinte.

5.3 ABORDAGENS DE ACESSO AOS TEXTOS

Para ter acesso aos textos que nos possibilitaram uma proximidade com o ato de pesquisa no instituto, procedemos às seguintes abordagens de acesso:

- a. Entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas separadamente com cada voluntário no início do meu contato com cada grupo. A repetição prevista ao final do processo foi descartada. As perguntas da entrevista foram avaliadas previamente no intuito aproximá-las ao máximo de uma abertura reflexiva acerca do ato de pesquisa. Pensamos em questionamentos elaborados a partir das noções filosóficas tratadas neste trabalho, do contexto de elaboração do projeto e das noções implicadas na própria experiência por parte dos participantes. A intenção era de acompanhar as transformações que ocorrem com a compreensão dos participantes sobre o ato de pesquisar em seu percurso, mas o próprio *fazer* da pesquisa deu conta de responder esse questionamento. Nesse sentido, a entrevista foi descartada, embora possa ter gerado alguma reflexão pessoal sobre a pesquisa. Mas, de toda forma, essa reflexão guiada responderia a outro fenômeno que não o que revelou-se ser o do nosso trabalho.
- b. Observação e filmagem das sessões de orientação do projeto e dos diálogos via e-mail e grupos de *whatsapp*, de acordo com local e período determinados pelos participantes da pesquisa, e transcrição ortográfica simples e *printscreen* dos momentos relevantes ao nosso estudo;
- c. Notas de campo acerca da observação do fenômeno, que poderiam explicitar um contexto mais amplo dos diálogos e compor informações complementares à interpretação dos textos filmados. As notas, de fato, apesar de não entrarem como um texto a ser diretamente analisado ou citado neste trabalho, auxiliaram na composição do campo e na reconstituição da narrativa de análise. Por isso, elas serviram como suporte na abordagem de análise dos textos.

5.4 COMPROMISSOS ÉTICOS

Este trabalho está em conformidade com a Resolução 466/12 acerca das pesquisas envolvendo seres humanos. Desta forma, o mesmo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da mesma Universidade à qual o Programa de Pós-graduação está vinculado.

A autorização dos sujeitos, para a ida da pesquisadora ao campo, ocorreu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) específico para cada um dos grupos de participantes: voluntários maiores de 18 anos, voluntários menos de 18 anos e seus responsáveis legais. Todo o material textual levantado, a partir das entrevistas, filmagens e notas de campo, ficaram armazenados no computador particular do pesquisador responsável, onde permanecerão um período de 05 anos, no endereço informado no TCLE (vide Apêndice B). A utilização das imagens deu-se exclusivamente para fins do presente estudo, salvaguardando-se o anonimato dos participantes.

Dessa forma, por existir o risco de eventual constrangimento para os(as) voluntários(as), devido ao fato de terem suas falas e imagens registradas em áudio e vídeo, foram trocados os nomes dos participantes por nomes fictícios. Também editamos as imagens obtidas a partir de *printscreen* das telas do celular e do computador, de modo que nenhuma identificação seja possível. Todos os nomes, números de telefone ou imagens que pudessem, porventura, identificar qualquer voluntário foram modificados a fim de garantir o sigilo de suas identidades.

5.5 A INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS

Com base nos fundamentos filosóficos desenvolvidos ao longo deste trabalho, o ato de compreensão do pesquisador é distanciado de uma neutralidade e consciente de que o fenômeno a ser analisado é fruto da sua vivência e as relações que a partir dela serão estabelecidas. O trabalho do pesquisador dar-se-á, assim, através do diálogo entre pelo menos dois sujeitos e com a história.

Como discutimos na fundamentação acerca do ato de pesquisar, neste trabalho, os princípios que regem o fenômeno a ser analisado (o ato pesquisa em

ciências humanas) coincidem com os princípios que orientam a nossa experiência de pesquisa enquanto ato de pensamento. Com isto em mente, e a partir dos diálogos filosóficos estabelecidos até aqui, elaboramos alguns princípios que pudessem servir como orientação do ato de pesquisa em campo:

1. A manutenção da abertura do olhar e do *questionamento*, que pertence ao acontecimento, como um demorar-se na questão e que permite uma circularidade do caminho e a permanência da abertura: uma questão não se fecha em si mesma. É somente com a abertura e por meio dela que se dá a descoberta da verdade enquanto fenômeno;
2. A *atenção à singularidade do eu* como o participante necessário do ato de pesquisar e seu centro de valoração no acontecimento. O pesquisador é, assim, essencialmente histórico, já que é co-fundante da história, como o homem que tem sua história atualizada na experiência vivida e que tem, no questionamento, a sua essência. Essa relação modifica essencialmente a relação entre teoria e prática, pois é a abertura do olhar para o fenômeno, em seu contexto socio-histórico-cultural, que determina o caminho da pesquisa e não a categorização teórica.
3. A *apropriação* do conhecimento que se dá no caminho *mostrante*, aberto pelo questionamento e pela escuta, a partir do que é relevante para *mim*. Essa noção de apropriação traz consigo uma noção de conhecimento que vai além do mero contato com o pensamento teórico e coloca o pesquisador como seu participante necessário e responsável, como seu criador.
4. A *escuta* atenta do outro e de *si*, que possibilita o dizer enquanto saga do *mostrante* e constitui, assim, a força fundadora e criadora da linguagem. Todo dizer é uma resposta a algo que nos convoca e, sendo resposta, só pode partir da escuta. A escuta abarca, ainda, a dimensão ética do ato de pensamento, visto que todo ato dá-se a partir da escuta de *si* em relação com o Outro, sempre de maneira única, singular e responsável.

Aqui, é importante lembrar que esses princípios gerais não constituem uma mera sequência de procedimentos a ser seguida, pois eles são interdependentes e co-constituintes entre si.

6 A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA: MOVIMENTOS E TRANSFORMAÇÕES

A primeira consideração a ser feita neste capítulo diz respeito a uma mudança do pronome pessoal na escrita deste trabalho. Até aqui, optei por utilizar a primeira pessoa do plural, pois acredito que as reflexões empreendidas nos capítulos anteriores fazem parte de uma construção conjunta de compreensões. Essa construção é fruto de discussões em grupos de estudo e de um construto teórico histórico mais amplo, de um caminho já trilhado por outras pessoas, que me permite começar a minha pesquisa de um determinado ponto de partida: o meu diálogo com esse construto.

A mudança do pronome pessoal para o singular, a partir deste capítulo, tem uma razão importante de ser: sou a única pesquisadora diretamente envolvida com os participantes em campo. É na relação da arquitetônica do ser com o outro, gerada pela minha presença nos encontros, que as falas dos participantes acontecem. É impossível ignorar o fato de que, se estamos nos remetendo ao acontecimento único e irrepetível da vida vivida, o campo de pesquisa, em Ciências Humanas, não é um local onde se vai coletar dados que já estariam lá antes que um pesquisador pudesse acessá-los. Trata-se de um espaço de relações que só se dão de tal maneira em uma esfera interlocutiva determinada.

A pesquisadora Marília Amorim (2004), no seu livro¹⁶ que trata das questões relativas ao exercício da alteridade implicado no ato de pesquisar, a partir da perspectiva dialógica bakhtiniana, explica a dinâmica dessa esfera interlocutiva da seguinte maneira:

O fato de se ver analisado de um certo modo e ocupando um determinado lugar, costuma despertar nas pessoas a vontade de experimentar um outro lugar, uma outra forma interlocutiva. Como nos diz Bakhtin, o ser humano não suporta se ver enclausurado no dizer do outro. A presença do pesquisador é assim concebida como uma intervenção a partir da qual movimentos podem ocorrer. Através de uma pesquisa que pretende ver formas fixas, poderíamos tentar descrever e compreender os processos e as transformações. A questão não é interrogar sobre a “interferência” que

¹⁶ AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

produz a presença do pesquisador nos “dados”, mas tentar entender o movimento que se produz a partir de sua presença como sendo o único dado a que ele pode aceder. (AMORIM, 2004, p. 277-278).

Assim como Amorim (2004), pretendemos trazer para esta experiência de escrita o processo que vivenciamos junto aos grupos que estão desenvolvendo suas pesquisas. Minha intenção não é, portanto, analisar dados acreditando que eles se dariam mesmo que eu não estivesse em campo. Fazer isto seria ir de encontro à compreensão de método dialógico que desenvolvi até aqui. Além disso, desvelar algo, no sentido heideggeriano e no contexto deste trabalho, não significa descobrir algo que já existiria previamente, mas pressupõe o meu ser-junto aos fenômenos nos momentos em que eles acontecem.

É importante mencionar, ainda, que este texto é uma espécie de ensaio da minha experiência de pesquisa, assim como a experiência de pesquisa dos participantes – eles também vivenciaram suas pesquisas sem saber exatamente o que iriam encontrar. Ora, se já soubéssemos, eu e eles, não estaríamos fazendo pesquisa como a entendemos aqui: como a possibilidade de um caminho aberto para o pensamento.

Ensaiai essa experiência só é possível através do nosso processo interpretativo via escrita que se dá na atividade exotópica do pesquisador. Viver a vida, no seu fluxo, é diferente de ter um esboço como se tem em um projeto de escrita de pesquisa, que envolve sempre um acabamento. O escritor tcheco Milan Kundera (1999) traz à tona o fluxo da vida vivida a partir da inquietação de um dos seus personagens:

Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que faz com que a vida pareça sempre um esboço. No entanto, mesmo ‘esboço’ não é a palavra certa porque um esboço é sempre um projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro. (KUNDERA, 1999, p. 14)

Essa imagem ajuda a pensar a minha atividade de pesquisa pois, influenciada pela hermenêutica ontológica heideggeriana, lidamos com a ciência como uma dimensão existencial do próprio ser e, portanto, com fenômenos da vida. Por

outro lado, embora a compreensão seja uma característica essencial da nossa presença (ser-aí) no mundo, a atividade de interpretar, escrevendo, e de escrever, interpretando, transporta-me para um diálogo mediado por textos que estão afastados da situação imediata em que eles foram produzidos.

De acordo com Amorim (2006), em ensaio acerca das noções de exotopia e cronotopo bakhtinianas, esse afastamento não significa que “o pesquisador vive fora do tempo e dos acontecimentos. Mas o acontecimento do qual o pesquisador participa já é um outro: é o acontecimento do próprio pensar” (AMORIM, 2006, p. 101). O ato de pesquisa implica, nesse sentido, na responsabilidade ética do pesquisador, uma vez que, ao imprimir sua interpretação, sempre valorativa, ele assume, com o outro, uma relação de não-indiferença.

A pesquisa constitui, assim, um espaço em que um determinado projeto a ser percorrido encontra-se com o desconhecido e inesperado no encontro com o outro. É nesse sentido que o ato de pesquisa pode ser considerado como uma experiência pensante com a linguagem: a pesquisa, como atividade humana, e a linguagem se entrecruzam e se interpenetram. Desse modo, apesar do afastamento do contexto imediato de produção, a relação com os textos não deixa de ser um acontecimento em si – a escrita é também um caminho que se dá em uma dimensão temporal.

O ato de pesquisar é visto aqui como um caminho em devir, que aponta para uma direção e possibilidades determinadas, no sentido de que já existe sempre uma posição compreensiva prévia que o fundamenta. Contudo, é preciso ressaltar que ter em mente uma direção e uma possibilidade não significa necessariamente seguir um caminho preestabelecido.

O ato de pesquisar é, ao mesmo tempo, um movimento que se volta para o passado (no seu *ter sido*) e para o presente (na experiência vivida), com vistas ao futuro (em um projetar-se), a partir de um alcançar iluminador (o pensamento). O ato de pesquisar é um ponto de luz que “ilumina o passado ao mesmo tempo em que abre possibilidades de futuro para o presente”, e isto dá-se “à medida que vamos juntando os fios argumentativos e seguindo por nós mesmos a gênese do

todo”¹⁷ (CASANOVA *apud* FIGAL, 2007, p. 9). Essa gênese do todo, aqui, é compreendida a partir da noção bakhtiniana de *exotopia*, da qual tratamos no capítulo 2 deste trabalho. Na exotopia, o pesquisador retrai-se do puro devir, do movimento, na busca por fixar seu excedente de visão que produz, inevitavelmente, uma objetificação. Nesse sentido, como pesquisadora, preciso lidar com a contradição de objetificar e dar um acabamento ao que, por ser pensamento, por natureza, é inacabado.

Por outro lado, ao assumir tal contradição, assumo a interpretação dos fragmentos selecionados como pequenos percursos históricos que vão totalizando um caminho que, na verdade, não coincide com a totalidade do tempo na sequencialidade linear dos acontecimentos em sua realidade imediata, mas possui historicidade. Parece-me, até aqui, que encontrar-se com a dinâmica da historicidade significa deparar-se com o próprio mistério da existência – inacabada e histórica, ao mesmo tempo. A seleção dos fragmentos foi baseada nos princípios norteadores apresentados no capítulo anterior e na própria dinâmica dos movimentos que considere como representativos dos modos de acontecimento da pesquisa em Ciências Humanas, em seu processo de construção.

Como mencionei anteriormente, optei por não ler as versões dos relatórios, parciais e finais, que fazem parte dos requisitos a serem cumpridos no PIBIC, ao longo da minha análise. Na realidade, essa foi uma decisão que tomei em campo, no decorrer da minha experiência junto aos participantes. Percebi, tirando partido do meu olhar exotópico sobre o ato do outro, que pesquisar é, fundamentalmente, construir o método a partir do próprio fenômeno. O movimento de construção conjunta do método de pesquisa revelou-se, assim, como o fenômeno essencial do modo de acontecimento do ato de pesquisar.

Nesse sentido, decidi não ler os relatórios, primeiro, porque a apresentação dos resultados não é o foco desta pesquisa, mas, sobretudo, porque a leitura do relatório, que representa a necessária objetificação do ato de pesquisa, poderia influenciar uma análise comparativa entre o que era dito nos encontros e a sua demonstração na escrita, o que não é a intenção deste trabalho. O que busco

¹⁷ Citação da apresentação escrita pelo tradutor Marcos Antônio Casanova para o livro *Oposicionalidade*, de Günter Figal. Figal é filósofo e professor da Universidade de Freiburg e uma das referências mundiais para os estudos da obra de Martin Heidegger e Hans-Georg Gadamer.

reconstruir, aqui, é a minha interpretação do movimento e das transformações vivenciadas no cronotopo do campo tal como definido nos capítulos anteriores, a partir da possibilidade de entrever aquilo que não foi definido previamente. A necessidade de escrever o relatório pareceu representar, tanto para minha interpretação quanto para as ações dos participantes, aquilo que havia de mais previsto e de mais previsível, pela tipicidade do texto, no ato de pesquisa dos participantes.

As análises presentes neste capítulo estão organizadas em cronotopos que se subdividem a partir do cronotopo principal do campo. Bakhtin (1998) afirma que “qualquer intervenção na esfera dos significados só se realiza através da porta dos cronotopos” (p. 362). Nesse sentido, minha construção cronotópica busca construir uma narrativa-imagem do que foi vivenciado pelos participantes e por mim, a partir de minha posição exotópica. Não há uma preocupação com uma ordem cronológica de apresentação dos eventos. Trata-se de olhar para fragmentos espaço-temporais, considerando-os a partir da atualização de seus sentidos, que se dão em meio ao entrelaçamento do porvir e do vigor de ter sido.

Considero a minha própria permanência junto ao fenômeno, por si só, cronotópica, uma vez que trata-se de um processo histórico que também está inserido no processo de movimentos e transformações, estabelecido a partir da troca entre a minha presença e o ato dos participantes. De acordo com Bakhtin (1998, p. 358), o processo de troca é, por si só, cronotópico e “se realiza principalmente num mundo social que se desenvolve historicamente, mas também sem se separar do espaço histórico em mutação”.

Os textos selecionados, resultantes das transcrições dos diálogos entre os participantes e os excertos mais relevantes, constituem, juntamente com minha análise, cronotopos secundários que se desdobram do cronotopo principal do campo. Eles organizam os eixos de minha análise e surgiram da própria observação e permanência junto ao fenômeno. Os cronotopos secundários de análise foram organizados e distribuídos da seguinte maneira: 1- a compreensão do horizonte conjuntural; 2- a busca do método; 3- reflexões acerca do próprio ato: a relação com a pesquisa; 4- diálogos com a pesquisadora e 5- desdobramentos sinalizados. É importante mencionar, ainda, que de cada um desses cronotopos, emergem outros

eixos temáticos que organizam-se em cronotopos ainda menores que os secundários.

Essa distribuição foi realizada para fins de organização da análise, o que significa que ela não coincide com a sequencialidade linear dos fatos no momento em que aconteceram. O tempo é o tempo da escrita, da memória e, assim sendo, um excerto que aparece em um cronotopo pode dialogar com excertos que aparecem em outros cronotopos, independentemente da sequência cronológica. Portanto, separá-los não significa que, necessariamente, esses movimentos aconteceram em momentos estanques, na realidade imediata dos encontros, como se houvesse um momento definido para tratar de um ou outro assunto.

O que pretendo (re)construir, na minha busca pelo *método*, portanto, são recortes de movimentos que ocorrem no desenvolvimento da pesquisa, criando pequenas histórias com sua própria dinâmica de historicidade interna, que se entrecruzam umas com as outras, em pontos de intersecção que acabam por co-constituir o nosso cronotopo que tudo engloba, o cronotopo do campo de pesquisa em Ciências Humanas no Ensino Médio.

No primeiro cronotopo, a seguir, apresento uma análise dialógica dos textos que considerei relevantes para a entender de que maneira(s) a compreensão do horizonte conjuntural mostrou-se como um modo de acontecimento do ato de pesquisa dos participantes. Nos cronotopos subsequentes, destaco os principais momentos que me fizeram interpretar a busca do método, as reflexões acerca do próprio ato, os diálogos com a pesquisadora e os desdobramentos sinalizados como as eixos temáticos dialógicos (cronotópicos) fundamentais nas análises que emergiram das pesquisas dos participantes voluntários.

6.1 A COMPREENSÃO DO CONTEXTO CONJUNTURAL

Como discutido no capítulo 3, compreender algo pressupõe já e desde sempre o nosso relacionamento e permanência junto ao fenômeno. Na minha proximidade com o ato de pesquisa e observação do seu processo, percebi que os participantes engajavam-se frequentemente em ações exploratórias acerca do

contexto da época estudada. Para tanto, eles utilizavam outras pesquisas já realizadas (artigos, dissertações e teses) por outros pesquisadores, a fim de aclarar o contexto no qual as notícias de jornal, com as quais estavam trabalhando, como fontes primárias, foram construídas em um tempo histórico diferente daquele em que estamos inseridos.

O ato de interpretação dos textos, por parte dos participantes, deu-se, pois, pela busca da compreensão, no sentido que tratamos na discussão filosófica, de atualização da história. Isto significa que não se trata de um caminho no qual os participantes buscam respostas prontas para transferi-las para as suas pesquisas. Trata-se de uma abertura que questiona uma compreensão prévia do contexto conjuntural de escrita de um gênero datado para, então, buscar atribuir sentidos às notícias jornalísticas.

O fato de os participantes terem de lidar com a pesquisa de um fenômeno que ocorria em um período não vivenciado no contexto imediato no qual estavam inseridos, parece ter-lhes facilitado o entendimento de que, para se chegar à compreensão de algo, faz-se necessário compreender o horizonte conjuntural no qual se dá o *todo* desse fenômeno. Não obstante, uma tal compreensão pode permanecer velada na cotidianidade do mundo, na medianidade de um conhecimento compartilhado por uma rede de referências comuns, daquilo que, por ser familiar, passa despercebido. Mas, ao mesmo tempo, é esta mesma familiaridade que pode fazer aparecer aquilo que é estranho, inesperado, imprevisível e incalculável, lançando-nos na compreensão justamente daqueles sentidos que não nos são familiares.

Assim, pude perceber que os pesquisadores participantes procuraram os meios para organizar, para si mesmos, formas de abordagem das notícias de jornais (no sentido de uma disposição e/ou preparação prévias), de maneira a tornar acessível a compreensão dessas notícias. Tal procedimento parece ter servido como condição necessária à aproximação e permanência junto ao fenômeno estudado. Nesse caso, a compreensão dos fenômenos, a partir do ser-junto às notícias de jornais, pressupõe, também, um ser-junto ao contexto conjuntural mais amplo, ou ainda, de um *ter sido* que, embora possa parecer longínquo, se tomado

na dimensão de tempo cronológico, encontra seu *ser* na atualização dos sentidos que emergem da interpretação das notícias.

O passado, nesse sentido, vigora na atualização dos sentidos pelos seres-aí participantes, que fazem parte da comunidade histórica estudada (o estado de Pernambuco), mas que possuem suas próprias historicidades. Isto é, o ser-aí parece estar lançado na circularidade da compreensão tanto no ato de pesquisa, em si, pelo seu modo de ser, quanto no movimento temporal que faz parte do próprio fenômeno estudado - o tempo histórico é tematizado.

A compreensão do contexto conjuntural, no qual determinados valores foram afirmados em um período datado - no nosso caso específico, nas notícias de jornais -, aponta para a formação de um conjunto de valores. Esse conjunto de valores, de acordo com Bajtin (1997), importa não apenas para um ou outro indivíduo de uma época determinada, mas para a humanidade histórica como um todo. Contudo, nas palavras do filósofo, “unicamente eu devo estabelecer uma relação emocional e volitiva determinada com a humanidade histórica” (BAJTIN, 1997, p. 54), afirmando meu lugar único do ser na humanidade histórica, a partir da relação emocional e volitiva que estabeleço com os valores que ela reconhece.

É a partir da relação estabelecida entre os participantes, envolvidos com suas pesquisas, e o contexto conjuntural da época estudada como um conjunto de valores históricos, que analiso os textos a seguir. Eles foram organizados a partir dos temas específicos acerca do contexto conjuntural abordados em cada momento dos encontros.

6.1.1 Recife, cidade vermelha

No dia 30 de agosto de 2017, ocorre o primeiro encontro de orientação entre Caio e Eva (Grupo 1). Eles conversam sobre o cronograma da pesquisa, apresentado por Eva, discutindo a sua disponibilidade de tempo, em virtude da mesma participar do Enem dentro de poucos meses. Eva propõe-se a já iniciar o levantamento de pesquisas, sinalizando que pretende finalizá-lo até o mês de abril para poder dedicar-se à escrita do relatório final.

Em seguida, Caio propõe a leitura de alguns textos para o semestre, justificando a escolha desses a partir de dois critérios: conhecer o cotidiano da época e compreender a metodologia empregada. Abaixo vemos um fragmento relacionado ao que Caio chama de análise do cotidiano (linhas 2 e 3), a partir da leitura de uma tese selecionada por ele:

Quadro 1 - Encontro 1 – Grupo 1

1	Caio: ai a tese dela <u>chama “Recife, cidade vermelha”</u> . Aí o que a gente vai fazer na tese
2	dela? Só que isso é depois dessa análise metodológica. A gente <u>vai analisar como era o</u>
3	<u>cotidiano</u> , aí ela vai: cinema, o movimento feminista, a imprensa, o movimento
4	estudantil... Ela vai analisar como funcionavam esses movimentos aqui em Recife nos
5	de 45 a 55, <u>ai pega o período que a gente tá estudando</u> , e aí agora a gente vai tentar
6	entender, com a tese dela, <u>esse cotidiano do Recife (...)</u> e ela enfoca bastante <u>como o</u>
7	<u>partido comunista atua nesse processo</u> , lembrando que esse partido comunista tá na
8	<u>ilegalidade</u> , mas o fato de ele tá na ilegalidade não deixa de ele atuar... <u>essa é uma</u>
9	<u>questão que a gente vai ver com a Zélia. E depois a gente vai ver com o Aloisio (...)</u> (ele)
10	<u>faz um trabalho diferente, mas também muito próximo do de Zélia</u> . Ele vai analisar o
11	Recife, mas <u>o cotidiano de crimes que ocorriam aqui, o que era considerado crime</u>
12	<u>nessa sociedade</u> . E aí tu sabe que a greve entra dentro desse modo de criminalidade
13	<u>nesse período, todos aqueles nomes pejorativos que a gente via vinculado à greve. A</u>
14	<u>greve não tá no código penal como crime, mas socialmente era tratada, os grevistas</u>
15	<u>são tratados dessa forma...</u>

Caio inicia sua justificativa sobre a leitura explicando quais os caminhos da tese intitulada “Recife, cidade vermelha” (linha 1) que ensejam uma reflexão sobre o cotidiano do Recife no período de 1945 a 1955 (linha 5). Percebo, portanto, uma preocupação com a determinação do contexto conjuntural como posição prévia, com vistas ao porvir: trata-se de preparar o terreno para a compreensão dos jornais. De fato, o modo de ser da notícia jornalística traz, consigo, algumas características interessantes em relação ao tempo: é um gênero vinculado a uma cotidianidade que tem, ao mesmo tempo, potencial de vigorar na sua temporalidade.

Dizer isto significa dizer que o cotidiano, aqui mencionado por Caio (linha 3), tem um sentido diferente da cotidianidade relacionada à familiaridade mencionada por Heidegger (2009a). O cotidiano, aqui, abre-se como o vigor do *ter sido* da comunidade da cidade do Recife (linha 6), na qual Caio e Eva habitam, com vistas a uma compreensão de *porvir* dos sentidos que se *atualizam* na leitura da tese e na leitura das notícias de jornal.

Nesse sentido, acreditamos que Caio e Eva, de fato, apreendem a essência da ciência, referida por Heidegger (2009b), como “o crescimento interno da história

em uma determinada geração” (HEIDEGGER, 2009b, p. 42), através das suas historicidades e da temporalidade da compreensão das notícias de jornal acerca do tema pré-determinado *greves*. O tempo e a história do ser são, assim, além do próprio ser-aí, enquanto *ser*, tematizados no movimento de Caio e Eva, no modo do *como* da pesquisa que eles desenvolvem.

É válido ressaltar que, neste estudo, o espaço do espaço-tempo não é designado como uma derivação do tempo, ou vice-versa. Eles são co-ordenados e co-constituintes. Desse modo, os textos em questão, no excerto, bem como os próprios jornais a serem analisados, são avaliados como produções históricas e não como produtos acabados dos quais podemos absorver uma verdade (no conceito tradicional) de caráter universal.

Caio parece seguir uma compreensão semelhante à nossa acerca das produções históricas dos textos, uma vez que ele sempre remete ao *como* da pesquisa aos seus respectivos autores: “essa é uma questão que a gente vai ver com a Zélia. E depois a gente vai ver com o Aloisio (...) (ele) faz um trabalho diferente, mas também muito próximo do de Zélia.” (linhas 8 a 10). A avaliação de Caio sobre os trabalhos e a sua comparação entre eles parecem sugerir uma compreensão de que estes tratam de interpretações históricas e não de uma História, como um documento de verdade inequívoca.

Continuando sua justificativa, Caio envereda, na sua fala, para a interpretação dos sentidos coletivos remetidos à greve e à atuação do partido comunista no período referido (44 a 55 – linha 5). Ilegalidade (linha 8) e crime (linha 9) são dois conceitos cujos sentidos usuais, na conjuntura de hoje, são postos em questão, por Caio, no confronto com os sentidos que emergem das mesmas palavras no contexto conjuntural do período estudado.

Os sentidos, aqui, dão-se em historicidades típicas e remetem, assim, a um tempo compartilhado, coletivo. A fixação desses sentidos, nos jornais, para usar como exemplo o gênero do discurso em análise pelos participantes, possibilitam uma visão típica do homem historicizado. Essa tipicidade só pode ser no sentido de um tempo coletivo, uma vez que esses são partilhados em esferas conjunturais públicas comuns.

Essa relação entre sentido, historicidade e uma relativa tipicidade do homem coletivo parece vir à tona no enunciado de Caio, quando ele avalia a relação entre os sentidos de crime, legalidade e greves: “o que era considerado crime nessa sociedade. E aí tu sabe que a greve entra dentro desse modo de criminalidade nesse período” (linhas 11 a 13).

Com esse enunciado, Caio aponta para a transformação dos sentidos em contextos conjunturais temporalizados: essa sociedade é, na realidade, a sociedade do outro, é *aquela* sociedade. Ele faz referência a um tempo vivido que passou por transformações, no qual as greves eram consideradas um ato criminoso, ainda que não fizessem parte de um contexto jurídico de criminalização (linha 14).

Caio acentua, então, sua interpretação valorativa acerca da criminalização das greves. Para ele, os termos encontrados por ele e Eva (aparentemente na pesquisa do ano anterior) são “pejorativos” (linha 13). Com uso desse adjetivo, Caio assinala sua avaliação e posiciona-se, eticamente, como um ser-aí que possui um *ter sido* atualizado no comprometimento de uma avaliação, no sentido explicitado por Inwood (2002) acerca da história do ser heideggeriano:

Não cumpro promessas, não me arrependo de meus pecados ou voto no meu partido nas eleições por causa do efeito causal que possui sobre mim aquilo que fiz ou sofri no passado ou meramente para me assegurar de certos resultados desejáveis. Eu o faço em vista de minha coerência e integridade como uma pessoa que possui duração, com um passado e um futuro. (INWOOD. 2002, p. 84)

Nesse sentido, acredito que, a partir do seu posicionamento axiológico, Caio compromete-se com sua historicidade, assumindo eticamente os seus atos de linguagem enquanto um ser-aí que age porque possui duração (um *ter sido* e um *porvir*). Na continuidade do diálogo, Caio e Eva, desdobram suas interpretações. Neste momento, Eva enuncia o que entendo ser uma concordância com o posicionamento enunciado por Caio:

Quadro 2 - Encontro 1 – Grupo 1 (continuação do Quadro anterior)

16	Caio: Porque isso vai dar pra gente, por exemplo, a gente vai tentar entender quais
17	seriam as classes sociais que a imprensa, que o governo, classificava como perigosas,
18	que grupos são esses. <u>Perigoso entre aspas</u> , mas que aparece no jornal...
19	Eva: É, assim a gente pode até ter uma base pra que a gente possa ler... <u>quais os</u>
20	<u>termos utilizados.</u>
21	Caio: Exato, exato. Porque <u>esses nomes utilizados nos jornais passam a denominar</u>
22	<u>esses grupos.</u>
23	Eva: Traz uma ideia..
24	Caio: Então, tipo assim, por exemplo, <u>se no jornal aparece agitador, para grevista,</u>
25	<u>socialmente vai se construindo a imagem...</u>
26	Eva: do agitador...
27	Caio: Aí socialmente <u>não se constrói ‘eles tão ali reivindicando’</u> , eles tão ali o quê?
28	‘Badernando, agitando’... Aí tanto Zélia como Aloisio eles vão fazer isso, eles vão
29	<u>aproximar a gente do que seria mais ou menos aquele cotidiano no Recife nesse</u>
30	<u>período que a gente tá estudando.</u>

Caio, enquanto ser histórico que possui historicidade, continua a avaliar o *ter sido* de sua comunidade. Ele confronta seu posicionamento com o que “aparece no jornal” (linha 18), marcando o sentido de “perigoso entre aspas” (linha 18). É nessa dinâmica, do pensamento participativo, do *eu* com posicionamento ético como seu participante necessário, que interpretamos a pesquisa como um *ato*.

Vale ressaltar, aqui, que os jornais que constituem as fontes da pesquisa (Diário de Pernambuco e Jornal do Comércio) ainda circulam, com grande aceitação, na cidade do Recife *hodiernamente*. Desse modo, Caio e Eva encontram-se com a duração da história do ser, não apenas por habitarem na cidade do Recife, mas por ainda terem contato com os discursos veiculados nesses jornais nos dias de hoje.

Eva parece entender a compreensão do contexto conjuntural como facilitadora do seu ato de pesquisa: “assim a gente pode até ter uma base pra que a gente possa ler... quais os termos utilizados”(linhas 19 e 20). Ela parece perceber que o seu afastamento, em relação ao contexto conjuntural do período estudado, não favorece o seu processo de compreensão dos sentidos, o que pode ser percebido através do uso que faz da palavra “termos” (linha 20), os quais adquirem novos sentidos na transitoriedade da história do ser.

Aqui cabe lembrar Heidegger (2009a, p. 81), quando sugere que a familiaridade que já sempre temos, com o contexto conjuntural, muitas vezes impede-nos de perceber que a apreensão de qualquer coisa dá-se na compreensão do contexto conjuntural. No caso do enunciado “termos” (linha 20), já referido no excerto do Quadro 2, é justamente a falta de familiaridade com o contexto da época que chama a atenção para o fato de que essa proximidade constitui-se como o principal pano de fundo para a sua compreensão.

Nesse sentido, Caio e Eva lidam com os jornais como um texto que reflete a sociedade da época e que também a influencia, uma vez que, a partir do discurso de ambos, o jornal apresenta-se como um texto capaz construir uma determinada visão de homem. Nas palavras de Caio, “esses nomes, utilizados nos jornais, passam a denominar esses grupos” (linha 21 e 22), quer dizer, os valores expressos no discurso dos jornais se tornam os valores da sociedade.

Mais uma vez, Caio imprime seu posicionamento valorativo em seu discurso, confrontando as vozes que aparecem no jornal, as quais encontram-se alinhadas a um projeto de criminalização das greves. Ele chega mesmo a avaliar o posicionamento ético dos jornais que, na sua visão, não se comprometem com uma construção de sentido em torno das greves, relacionada à reivindicação (linha 20). Parece ser neste momento que posicionamentos antagônicos são construídos entre os sentidos atribuídos, por Caio, à greve (reivindicação), e as suas interpretações do posicionamento dos jornais (baderna, agitação) (linha 21).

O uso dos termos “aproximação” e “mais ou menos” (Quadro 2, linha 29) parecem apontar para um reconhecimento de Caio para o âmbito do *aberto* pressuposto em todo ato de compreensão. Para ele, os textos lidos não são tomados como a verdade histórica, mas como uma interpretação que possui autoria (posicionamento axiológico e estilo composicional) determinada.

No dia 30 de outubro de 2017, Caio e Eva entram em acordo sobre uma data para se encontrarem. Em seguida, surge a discussão sobre a mesma tese (Recife, cidade vermelha), cuja leitura tinha sido planejada e justificada dois meses antes. A leitura do texto é retomada por Caio, desta vez via *whatsapp*.

Figura 1 – Whatsapp - Grupo 1

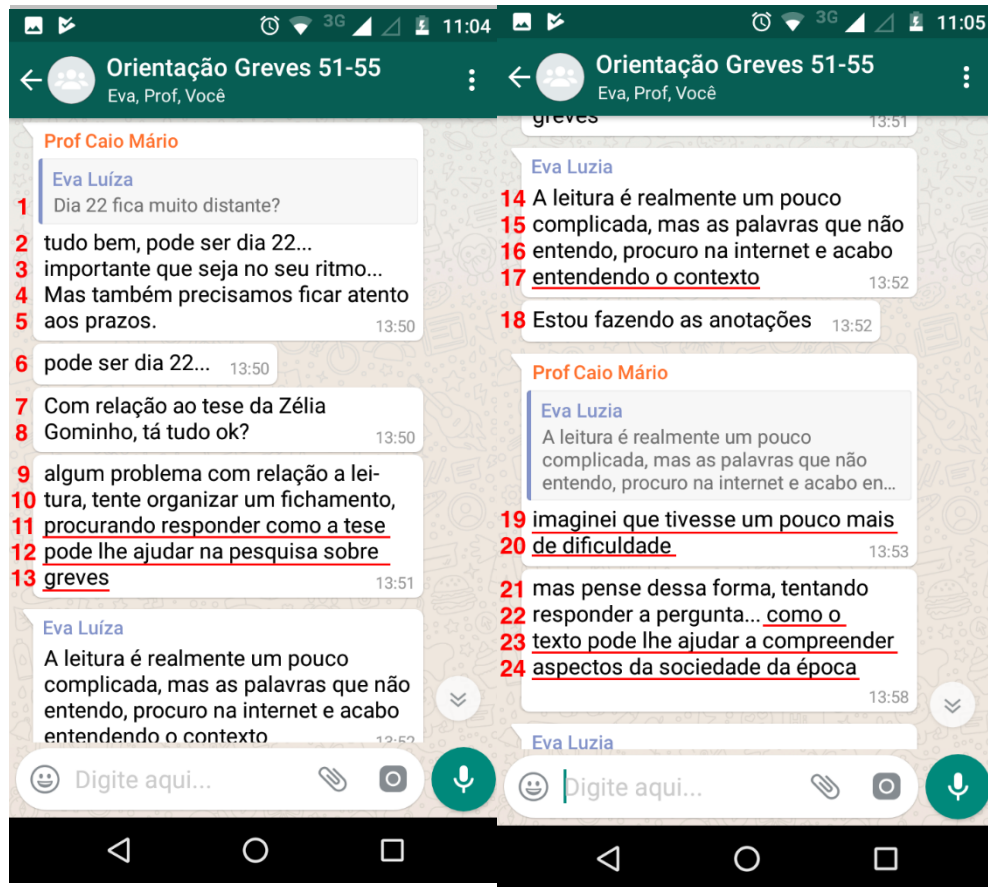
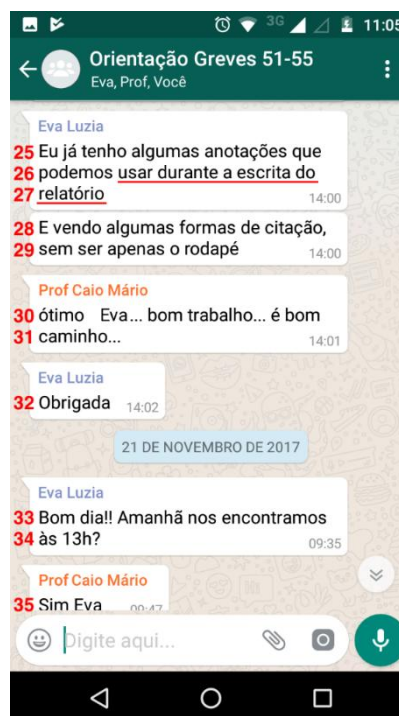


Figura 2 – Whatsapp - Grupo 1 - (Continuação da figura anterior)



Novamente, surge, no diálogo uma ocupação de Eva em relação ao sentido das “palavras” (linha 15), que na leitura de uma tese parecem mais “complicadas” (linha 15) para ela. Caio parece compreender a dificuldade de Eva, já que se trata de um gênero novo para ela. É a primeira vez que Eva vai experienciar a leitura de uma tese (o fragmento que contém essa informação aparecerá no tópico seguinte).

Diante da dificuldade apresentada por Eva, Caio propõe, de maneira mais direta que na conversa presencial dois meses antes, soluções que possam auxiliá-la, como um fichamento (linha 10) com um objetivo definido de apreender, da leitura, as informações que são necessárias para a sua compreensão mais específica das greves.

Caio sugere uma pergunta norteadora para o caminho de leitura de Eva: “como o texto pode lhe ajudar a compreender aspectos da sociedade da época” (linhas 22 a 24). Com esse discurso, ele parece explicitar a relevância da compreensão do horizonte conjuntural da época, a partir do qual os sentidos são produzidos nos jornais. Eva, por sua vez, sinaliza uma compreensão da relação entre os sentidos e o contexto conjuntural: “mas as palavras que não entendo, procuro na internet e acabo entendendo o contexto” (linhas 15 a 17).

A preocupação com a escrita do relatório é algo que aparece neste excerto e em vários outros momentos das reuniões e dos diálogos via *whatsapp*. Na maioria das vezes, os questionamentos que surgem são diretamente relacionados a como construir a escrita e a como posicionar e avaliar os dados, em um sentido mais procedimental de *como organizar* dentro dos limites do gênero, embora nunca em termos de etapas fixas a serem seguidas.

Neste fragmento, por outro lado, Eva relaciona sua leitura, acerca do contexto histórico, com o seu processo de escrita do relatório. Esse acontecimento leva-me a pensar na relação de co-pertencimento entre o contexto conjuntural e o próprio método, uma vez que o método não diz respeito unicamente a procedimentos ou resultados. A leitura e a compreensão do horizonte conjuntural são ratificadas por Eva como parte constituinte do método, em uma dinâmica dialógica, com vistas ao processo de escrita do relatório: “eu já tenho algumas anotações que podemos usar durante a escrita do relatório” (linhas 25 a 26).

6.1.2 O diálogo entre História e Literatura

Sabemos que as relações conjunturais perpassam toda e qualquer compreensão e que é pela atualização de um ente, à luz de um contexto determinado, que podemos compreendê-lo. Para acessar o contexto conjuntural dos períodos pesquisados, os participantes engajam-se em atividades de leituras que trazem à tona múltiplas vozes acerca dos temas em questão. A leitura de textos de caráter científico, com pesquisas relacionadas aos temas, e o diálogo com a literatura são as atividades mais recorrentes nos grupos. É o diálogo com essas vozes que possibilita uma referencialidade ao todo do acontecimento do fenômeno a ser analisado.

No dia 15 de setembro de 2017, ocorre o primeiro encontro do Grupo 2, do qual fazem parte Bia, Fabiana, Rubens e Sofia. Neste dia, também esteve presente uma ex-aluna do Instituto e ex-bolsista do PIBIC-EM, que agora é aluna matriculada no curso de Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco e é pesquisadora vinculada ao PIBIC, sob a orientação do professor Rubens.

A presença de cinco pesquisadores, com níveis variados de experiências com pesquisas, neste encontro, foi a primeira razão que me fez optar por não tratar os participantes como orientador e orientandas, ao longo de todas as minhas análises. Não poderia, contudo, simplesmente apagar as relações de assimetria e de autoridade implicadas em uma tal relação – a figura do(a) orientador(a) carrega consigo um valor de autoridade, até porque ele é o principal interlocutor e avaliador da pesquisa. Dito isto, quando me vi diante de um grupo cujos diálogos não se davam somente entre o orientador e orientandas, avalei que seria preciso tratar todos os participantes a partir de suas experiências: como participante mais ou menos experiente, a partir de como essa relação se dá nos seus discursos. No decorrer das pesquisas, a manutenção dessa decisão me pareceu pertinente, no sentido de que, mesmo nos diálogos que ocorriam apenas entre Caio e Eva, do Grupo 1, o discurso da experiência foi o que fundamentou, muitas vezes, a relação de autoridade no discurso, como veremos mais adiante.

Voltando à questão da reconstrução de um contexto conjuntural mais amplo acerca da sociedade da época, especificamente acerca do tema da abolição da

escravatura no estado de Pernambuco, selecionei um momento em que a literatura aparece como forma de aproximação e recriação de um contexto social, cultural e histórico longínquo. Fabiana comenta a leitura de alguns livros que abordam a temática da escravidão, quando Érica, que é a pessoa que não participa do convívio com as pesquisadoras do Ensino Médio, questiona o trabalho com literatura.

Quadro 3 – Encontro 1 – Grupo 2

- | | |
|----|---|
| 1 | Érica: As meninas vão trabalhar com <u>literatura agora</u> , é? |
| 2 | Rubens: <u>É, porque como elas já concluíram, ano passado, antes do tempo... ai elas vão</u> |
| 3 | <u>ver também outros estudos. Foi ideia de Fabiana. Porque isso faz parte de uma</u> |
| 4 | <u>literatura de formação de vocês, e a história nesse processo também.</u> |
| 5 | Fabiana: <u>E também a ideia de que eles falavam muito, nessa literatura, eles davam</u> |
| 6 | <u>ideia de que o escravo mesmo que, assim... ele mostrava como se ele fosse aceitar sua</u> |
| 7 | <u>condição. Isso tem muito na Escrava Isaura, que tem uma senhora que ela falava assim</u> |
| 8 | <u>“porque você é muito bem tratada comparada às outras, tem muitas livres que não são</u> |
| 9 | <u>iguais você”. Ai ela pergunta: “você acha que eu sou bem tratada?” Ai ela: “sim, você é</u> |
| 10 | <u>muito bem tratada”. Ai ela faz: “não, mas eu sei, porque isso é o que eu sou mesmo...”.</u> |
| 11 | <u>A ideia que eles tinham que aceitar o que eles eram...</u> |

Érica parece conhecer o trabalho que as pesquisadoras realizaram no ano anterior, tendo em vista que o trabalho com literatura se apresenta como uma novidade: o uso da palavra agora (linha 1) explicita essa comparação com o que foi feito antes. Por outro lado, com o pedido de esclarecimento sobre o tema conversado, Érica demonstra o seu distanciamento com relação às decisões do grupo. Ela faz parte de outra comunidade de pesquisa, na graduação, e seu lugar de pesquisadora mais experiente parece ser ratificado por seu discurso estar direcionado a Rubens: ela pergunta ao pesquisador mais experiente do grupo e não às “meninas” (linha 1) que estavam falando. Mais adiante, no entanto, Rubens redireciona a atenção para as pesquisadoras menos experientes: “Foi ideia de Fabiana” (linha 3), o que me faz perceber uma preocupação em atenuar a hierarquia das escolhas e decisões. Essas relações da experiência do participante com um discurso de autoridade acontecem em outros momentos da pesquisa e serão melhor discutidos, mais adiante.

Neste fragmento, chamo a atenção para o lugar da literatura como objeto de memória, com vistas a uma ampliação do contexto conjuntural da época, que pretende fundamentar a construção dos sentidos nas leituras das notícias de jornal.

Nesse sentido, Rubens justifica que há tempo hábil para essa ampliação, tendo em vista a comparação com o ano anterior: “porque como elas já concluíram, ano passado, antes do tempo... ai elas vão ver também outros estudos” (linhas 2 e 3). Além disso, a literatura acerca da época já faz parte da formação das pesquisadoras no contexto institucional do Ensino Médio. Lançando mão desse contexto, Rubens reforça o diálogo entre Literatura e História: “Porque isso faz parte de uma literatura de formação de vocês e a história nesse processo também” (linhas 3 e 4).

A literatura, como objeto cultural, faz parte da formação de uma espécie de memória coletiva que perpassa relações sociais históricas e que é atualizada também historicamente. Para que um gênero permaneça, através dos tempos, é necessário que ele seja imbuído de uma certa estabilidade, de uma tipicidade atravessada por essa memória cultural coletiva. É justamente a partir do reconhecimento do pano de fundo comum dessa memória que novas compreensões podem surgir. No caso do encontro acima, Fabiana aponta para essa repetição na própria literatura escrita sobre a época: “E também a ideia de que eles falavam muito, nessa literatura, eles davam ideia de que o escravo..” (linhas 5 e 6); “Isso tem muito na Escrava Isaura” (linha 7). No caso, aqui, os participantes tratam de uma repetição temática que parece buscar circunscrever no período uma determinada ideia do sentimento dos escravos acerca de sua condição, ou seja, um sentido coletivo sobre o que significava ser escravo a partir do sentimento do próprio escravo.

Fabiana ressalta duas vozes que ressoam nessa literatura, trazendo um exemplo de diálogo cujas vozes da senhora e da escrava entram em acordo sobre a condição de vida da escrava. No quadro abaixo, continuação do segmento anterior, Rubens chama a atenção para uma terceira voz: a voz de “uma sociedade que tá escrevendo sobre isso” (linhas 12 e 13).

Quadro 4 – Encontro 1 – Grupo 2

- 12 **Rubens:** sim, e não seria... na verdade, não é uma fala do escravo, é uma fala de uma
 13 sociedade que tá escrevendo sobre isso
 14 **Fabiana:** sobre o escravo...
 15 **Rubens:** Isso é muito influenciado por um livro muito famoso norte americano que é A
 16 cabana do pai Tomás, que é um romance que virou peça de teatro. Então os
 17 abolicionistas saíam por vários teatros nos Estados Unidos, passando... e mostra a
 18 violência contra o escravo. Com certeza esse tipo de literatura chega ao Brasil e vai
 19 incentivar esses literatos brasileiros. As vezes o camarada sai com a perspectiva de
 20 defender o escravo mas, assim, de mostrar essa passividade do escravo. E você vê
 21 muito bem pelos atos de fuga que não era tão passivo assim...
 22 **Fabiana:** É nesse vítima aqui...
 23 **Rubens:** Algozes...
 24 **Fabiana:** Que ele coloca assim os escravos como se fosse um vilão ((aspas com as
 25 mãos)). Que matam, faziam chacina em família, não sei o quê...
 26 **Sofia:** A gente vê que no jornal também aparece assim...
 27 **Rubens:** o facínora....
 28 **Sofia:** que o escravo matou um senhor ou então tá envolvido em algum crime, assim...

Não é um indivíduo descolado que ecoa a voz ressaltada por Rubens, assim como não é a voz do escravo, aquele que supostamente poderia falar com propriedade sobre a sua própria condição, mas a voz de uma memória coletiva. O discurso de Rubens, mais adiante (linhas 20 e 21), aponta para uma contradição do discurso da sociedade frente ao que, de fato, acontecia na época: “E você vê muito bem pelos atos de fuga que não era tão passivo assim.” Nesse sentido, os participantes colocam em foco dois grupos de vozes, que se confrontam: a voz da senhora frente à voz da escrava, na literatura, e a voz da sociedade frente a uma voz que é apagada, sobre o que realmente acontecia – os atos de fuga são a base do argumento de Rubens para confrontar a tese de uma suposta passividade.

A compreensão do contexto conjuntural, de forma ampla, envolve a tarefa de trazer para a discussão as diferentes vozes e seus acentos avaliativos, as dissonâncias e concordâncias que se criam e têm o poder de permanecer no tempo através dos objetos de cultura. O confronto entre variados objetos de cultura faz parte da atividade do grupo como forma de acessar vozes que respondam quais sentidos circulavam em torno da escravidão na época da abolição. A partir da comparação do discurso da literatura com a leitura dos jornais, com a intervenção de Sofia (linha 26), os participantes percebem uma outra construção discursiva que circulava na época, para além da passividade observada na esfera literária. Nos

jornais, há uma recorrente associação negativa à figura do escravo, a partir de palavras como: algozes (linha 23), vilão (linha 24), chacina (linha 25), facínora (linha 26), crime (linha 28).

Dessa forma, os conflitos que cada uma das vozes sociais representa entram em cena para recriar uma cadeia discursiva que, atualizada na compreensão dos pesquisadores, confere sentido ao objeto de estudo em questão, as notícias de jornal que abordavam a temática da escravidão em Pernambuco no período que circunda a abolição. O movimento que se dá na recriação dessa cadeia é também um ato de criação, um ato de pensamento, uma vez que ele é perpassado pela tonalidade avaliativa de um olhar exotópico.

Nas palavras de Amorim (2009, p. 13), em texto que aborda a temática da memória na obra bakhtiniana, “a construção de sentido de um enunciado-objeto é sempre efeito de movimento”. Enxergo, lançando mão, agora, de meu olhar exotópico que os pesquisadores movimentam-se no jogo discursivo que estabelecem entre si, pondo em cena a arena de vozes discursivas que reconstrói o contexto conjuntural. Além disso, dá-se, com a construção partilhada de sentidos, um movimento no próprio tempo que torna o passado presente.

6.1.3 O jornal como palco de disputas políticas

É a partir do distanciamento temporal do contexto das relações sociais, e dos valores que perpassam tais relações, que os participantes parecem ter clareza da falta de familiaridade com o pano de fundo conjuntural em que as notícias foram criadas. É justamente pela opacidade de alguns sentidos que emergem das notícias de jornais datadas que se ilumina a necessidade de compreender o contexto mais amplo na qual elas estão inseridas. Por se tratar de um outro, um não familiar, os pesquisadores são convocados a atualizar as relações de sentido de um tempo passado que a própria história deu conta de transformar.

No mesmo dia de encontro do tópico acima, do Grupo 2, as vozes que aparecem nos jornais são postas em confronto pelos participantes. Aliás, essa atividade já é sinalizada nos fragmentos analisados no Quadro 4, quando Rubens põe em cena a presença de uma voz “da sociedade”, não atribuída a uma pessoa

específica por representar um discurso hegemônico, e quando Sofia identifica uma semelhança entre essa voz e a voz que aparece no jornal.

No texto que analiso a seguir, que no campo se constituiu como continuidade do anterior, os participantes engajam-se em destrinchar os sentidos dessa voz enunciada pelo jornal. Os valores assumidos pelo jornal são orientados pela parte da sociedade que tem acesso à escrita e, nesse processo, assume um ponto de vista de totalidade, apagando outras vozes e tornando-se a voz da própria sociedade. No entanto, esses valores entram em conflito com a realidade vivenciada pelos escravos a partir dos questionamentos: de quem é essa voz que fala dos escravos? O que a realidade dos fatos mostrava quando confrontada a essa voz? No texto a seguir, os sentidos se ampliam a partir desses questionamentos e outras vozes emergem da própria unidade representada pela voz do jornal.

O primeiro confronto observado se dá entre a voz da sociedade/ voz do jornal e a voz silenciada dos escravos. O segundo, é posto em cena a partir da política. A palavra “disputa”, enunciada por Rubens, dá o tom da análise que eles desenvolvem:

Quadro 5 – Encontro 1 – Grupo 2

1	Rubens: É, e assim, é... páginas mesmo policiais que chamam o cara de facínora ou... de
2	crime horrendo.
3	Sofia: é, eles falam...
4	Rubens: uma <u>disputa violenta, a disputa política aí...</u> o próprio Joaquim Nabuco chegou
5	a ser eleito deputado e veio uma comissão e impugnou a eleição dele...
6	Rubens: Sempre relacionando política a escravidão. <u>Muitas vezes, o cara usa a questão</u>
7	<u>da escravidão, no jornal, mas ele tá atacando um adversário político.</u>
8	Babi: Teve até isso no... a única coisa que eu encontrei e me interessei sobre o clero,
9	que foi um padre e Nabuco e <u>eles ficavam discutindo um com o outro.</u> Aí, tipo, Joaquim
10	Nabuco falando: “ah, você é a favor da escravidão, não sei o que lá”. Aí, ele fala: “mas
11	você está usando a escravidão como um modo de subir na política”. <u>E aí ficava um</u>
12	<u>jogando pro outro o fato...</u>

Se o jornal representa uma unidade axiológica frente à realidade dos escravos, por outro lado, ele também é observado como palco de disputas discursivas que se estabelecem na esfera social a quem ele responde, no sentido de responsividade. O jornal é o palco de uma “disputa violenta” (linha 4), nas palavras de Rubens, quando se trata de dar voz a determinados sujeitos com posições políticas conflitantes. O tema da escravidão estudado aparece como pano de fundo de um contexto conjuntural muito mais amplo de disputas ideológicas entravadas discursivamente.

Para se lançarem na compreensão de toda essa teia de discursos que se entrelaçam sobre o tema, os participantes tomam partido de seus olhares exotópicos privilegiados, de alteridade, de relação com outro a partir de um distanciamento espaço-temporal. É justamente esse movimento de alteridade que auxilia a criação de uma visão do todo e a dar o acabamento necessário à construção de uma pesquisa. Estamos diante de uma atividade de reconstrução da memória de uma comunidade, a partir da qual o olhar exotópico sobre o outro é fundamental para o estabelecimento de uma unidade. Essa é uma memória que se alimenta, necessariamente, do passado e que carrega na notícia de jornal, enquanto gênero, uma noção de tipicidade e de estabilidade do próprio homem, ainda que não absoluta.

Portanto, para compreender os textos das notícias de jornais os participantes parecem se movimentar em dois sentidos, que são complementares: o primeiro, na ampliação de visões acerca do tema na época a partir de variados objetos da cultura, buscando uma aproximação com os sentidos da própria época; o segundo, no estabelecimento dos limites de alcance dessa compreensão, a partir da inclusão do olhar do *hoje* nos textos lidos.

Esse segundo movimento de revela, sobretudo, na continuação do fragmento anterior, a seguir:

Quadro 6 – Encontro 1 - Grupo 2

- | | |
|----|--|
| 13 | Fabiana: eu também encontrei muito isso. Tinha aqueles debates da Câmara, foi mais |
| 14 | de uma vez que eu encontrei, um falando pro outro, falando contra Nabuco: “mas você |
| 15 | usa isso porque você vai se favorecer”. Aí ele: “não, mas...” Até no próprio texto de |
| 16 | Nabuco que eu achei, que ele falava que os políticos começaram a utilizar o |
| 17 | abolicionismo como bandeira política. Aí no jornal eu encontrei muito isso... |
| 18 | Rubens: ele sendo acusado... |
| 19 | Fabiana: Ele sendo acusado. Ai o pessoal acusava ele, ele ficava dizendo que não era, |
| 20 | não sei o quê... que tava falando sobre as condições dos escravos, mas ai eles já iam |
| 21 | mudando de assunto falando que não, mas você quer... como se fosse... enganar o |
| 22 | povo. |
| 23 | Rubens: E tem um que diz assim: “”ah, <u>mas quem pagou a passagem pra você ir pra o</u> |
| 24 | <u>Rio de Janeiro? Seu pai vendeu um escravo pra você ir</u> ”. Então, assim... <u>fazer esse jogo</u> |
| 25 | <u>político que é bem idiota, né?</u> Então, o texto fala bastante disso, né? <u>E o jornal é bem</u> |
| 26 | <u>importante, o jornal é a fonte dessa confusão, né?</u> |
| 27 | Sofia: <u>É, o atual é o Facebook...</u> |
| 28 | ((Risos)) |

Neste fragmento, Rubens reforça a importância do jornal como palco dos conflitos. Dessa vez, o seu posicionamento valorativo acerca da disputa fica mais evidente, pelos usos das palavras “jogo” (linha 24), “idiota” (linha 25) e “confusão” (linha 28), como juízo de valor acerca do tipo de informação veiculada como política. Há, portanto, uma concorrência de pontos de vista que circulam no jornal, que são avaliados negativamente por Rubens não pela percepção existência das múltiplas vozes, mas pela maneira como essa disputa é levada a cabo em termos de argumentação: “ah, mas quem pagou a passagem pra você ir pra o Rio de Janeiro? Seu pai vendeu um escravo para você ir” (linhas 23 e 24).

Na sequência, Sofia reage ao contexto apresentado por Rubens, criando uma comparação com um contexto atual correspondente. Nas suas palavras “o atual é o Facebook” (linha 27), referindo-se à “fonte dessa confusão” enunciada por Rubens, ela transporta uma prática social identificada na sociedade do “outro” para a realidade histórica de sua comunidade. Trata-se de uma identificação e de um distanciamento, ao mesmo tempo: as práticas continuam as mesmas mas o gênero sofreu modificações relativas à tecnologia da época determinada. O Facebook é, na avaliação valorativa de Sofia, o atual espaço onde diferentes vozes convivem e se confrontam de acordo com interesses que circulam nos limites de uma mesma esfera social.

6.2 A BUSCA DO MÉTODO

Como tratado no capítulo 5, a vivência do método neste trabalho não consiste em seguir rigorosamente uma forma procedimental preestabelecida ou em uma mera preocupação com a forma de apresentação dos resultados. O método não é algo a que se chegue por mera instrução, mas pela experimentação, pela tentativa, pela aproximação com o fenômeno e pela maneira que o interpretamos. Levando em conta que a essência da ciência não reside na equiparação com seus resultados, busco compreender como a busca do método se manifesta nos diálogos entre os participantes, nos modos de acontecimento do ato de pesquisa.

Na realidade, apesar de estar imersa e em movimento em minha própria vivência, na busca pelos caminhos do método em minha pesquisa, antes da minha

permanência junto ao fenômeno, eu não poderia prever de que maneira(s) o método – visto, agora, a partir de meu olhar exotópico – seria vivenciado pelos participantes nas suas pesquisas no período de um ano. Nesse sentido, percebemos que o método se dá a partir de como os participantes enfrentam, em seus atos de pesquisa, discursos criados pelo homem e como eles constroem seus próprios discursos. O método, assim como as compreensões acerca do contexto conjuntural, é construído dialogicamente a partir da compreensão do próprio fenômeno.

A projeção de todo compreender é que possibilita toda e qualquer interpretação, e toda interpretação consiste na apropriação de uma compreensão. Com esta ideia em mente, pensamos no método como um modo de interpretação – no qual o ser-aí deixa-se entrar na circularidade da compreensão de um projetar-se. Para Heidegger (2009a), é a liberação da perspectiva de um projeto que possibilita o projetar-se. Dessa maneira, “do ponto de vista do método, essa liberação exige que se persiga o projeto, à base da interpretação” (HEIDEGGER, 2009 a, p. 408).

No âmbito da compreensão que se abre e da interpretação, um método autêntico é fundado na visão antecipadora da constituição do próprio fenômeno a se abrir. É a decisão antecipadora que abre a possibilidade do deixar vir ao encontro daquilo que vigora. De acordo com Heidegger (2009a), uma reflexão autêntica sobre o método – que se deve distinguir de discussões técnicas vazias – esclarece, ao mesmo tempo, o modo de ser desse ente tematizado. (HEIDEGGER, 2009a).

A busca pelo método é a espinha dorsal do meu ato de pesquisa, assim como de qualquer ato de pesquisa que se proponha a questionar um problema e demorar-se na própria formulação da questão: de compreender a compreensão, interpretando-a. A formulação da questão é mais fundamental e essencial que uma proposição de resolução. Trata-se de uma criação, no sentido de que a abertura para o questionamento possibilita sempre novas temporalizações de sentidos.

Se, de acordo com Heidegger (2009b), é no ato que o indivíduo decide, a cada vez, sua relação concreta e fática com uma determinada ciência, é sobretudo em meio ao método que essa relação é estabelecida no ato de pesquisa. A partir fragmentos desses momentos de questionamento (projeção) e de decisão acerca do caminho busco empreender análises a seguir, lembrando que o contexto conjuntural

faz parte da decisão antecipadora e, desse modo, ele não está apartado do método. Os fragmentos dos diálogos selecionados a seguir estão separados dos fragmentos analisados no tópico anterior por uma opção de análise, embora dialoguem e constituam o todo do ato de pesquisa, como unidade.

6.2.1 A percepção de variados estilos¹⁸ na escrita da História

Quando estamos diante de um texto e conseguimos atentar para a relação entre o que é dito e o como se diz, estamos analisando o estilo do autor como uma instância em que o conteúdo e a forma são inseparáveis. Quando pensamos no método de pesquisa em Ciências Humanas na dinâmica de sua vivência, estamos também lidando com uma questão de criação e de estilo. Trata-se de considerar a assinatura do ato de pesquisa a partir da análise da voz do autor, a partir da percepção de cada forma de dizer.

Neste tópico, analiso três fragmentos que configuraram momentos em que essa percepção emergiu da análise de textos nos encontros presenciais com os grupos participantes. Para além da compreensão do contexto conjuntural, os participantes se engajam na tarefa de compreender *como* estão organizados os textos lidos que, por serem pesquisas anteriores realizadas por pesquisadores experientes, servem como exemplos a serem trabalhados quando se escreve uma pesquisa em História.

6.2.1.1 A singularidade da vivência do método

A primeira interação que analiso neste cronotopo ocorreu no segundo encontro do Grupo 1, no dia 20 de setembro de 2018, logo após a leitura realizada por Eva da já mencionada tese “Recife, cidade vermelha”. Eva e Caio se lançam na compreensão de como a autora trabalha na organização do seu discurso, focalizando, primeiramente na estrutura construída (linha 1).

¹⁸ Em *Estética da criação verbal* (2003), Bakhtin nomeia de estilo “a unidade de procedimentos de enformação e acabamento da personagem e seu mundo e dos procedimentos, por esses determinados, de elaboração e adaptação do material” (p.186). A enformação e o acabamento da unidade do estilo se relacionam diretamente com o conteúdo, isto é, com o mundo dos outros.

Quadro 7 – Encontro 2 - Grupo 1

1	Eva: <u>Ai ela sempre faz essa estrutura:</u> ela fala sobre o período histórico, aí cita a greve e
2	comenta sobre a greve. Fala sobre... ainda relacionando ao período histórico. Pode
3	falar sobre a união dos trabalhadores, pode falar também sobre... é... sobre a força da
4	greve, sobre a repressão que vem. E ela destaca algumas greves, <u>ela pode citar mais de</u>
5	<u>uma greve, com relação ao mesmo tema,</u> como foi em relação à redação, que ela citou
6	duas greves...
7	Caio: certo, como exemplos, né?
8	Eva: isso...
9	Caio: Deixa eu te dizer uma coisa... <u>tu percebeu que ela trabalha de maneira</u>
10	<u>cronológica?</u> Ela pegou um ano. Se você olhar a primeira greve que ela trata é uma
11	greve que acontece em janeiro. Ai depois ela vai falando das greves e à medida que ela
12	fala das greves são as greves que vão acontecendo naquele ano... ou seja, <u>ela, pra</u>
13	<u>construir o texto dela, ela utilizou uma perspectiva cronológica. Pode ser uma opção</u>
14	<u>que você vai fazer. Não necessariamente você deva fazer desse jeito,</u>
15	<u>cronologicamente... Por quê? Se você olhar</u>
16	<u>o texto do Badaró não é cronológico, como é o do Badaró, consegue perceber?</u>
	Eva: Ele vai citando o histórico, relacionando ao histórico.

Enquanto Eva busca descrever a maneira como o texto está organizado em torno de suas temáticas (linhas 4 e 5), Caio, como pesquisador mais experiente, encaminha a reflexão para o assunto que lhe interessa neste momento, que é a atenção na organização estrutural do método: “tu percebeu que ela trabalha de maneira cronológica?” (linha 9), “ela, pra construir o texto dela, ela utilizou uma perspectiva cronológica” (linhas 12 e 13). Caio aponta, com esse encaminhamento, para a possibilidade de uma escolha, uma escolha que constitui um trabalho, uma construção, para usar suas próprias palavras, da maneira como o fenômeno vai ser apresentado no texto da pesquisadora.

Essa possibilidade de escolha como algo inerente à busca do método é reforçada por Caio na sequência, quando o modelo criado pela autora do texto é posto em comparação com o de outro autor: “o texto do Badaró não é cronológico” (linha 15). O não é algo que possa ser simplesmente replicado, uma vez que é singular e carrega consigo as marcas do estilo de cada pesquisador. Caio, como pesquisador mais experiente, consegue perceber as singularidades do método e procura instigar essa percepção em Eva, questionando-a : “como é o do Badaró, consegue perceber?” (linha 15). Ele reforça, ainda, que Eva não precisa seguir o modelo do texto lido (linhas 14 e 15) e, em tópico posterior, eles desenvolvem a possibilidade de construir algo novo a partir da compreensão de que o modo de

dizer de cada texto é singular, uma vez que é resultado de um trabalho, de uma construção de linguagem.

O modo de construção do método de pesquisa dá-se, assim, primeiramente, pela compreensão da possibilidade de escolha, pela percepção da abertura inerente a uma pesquisa que é um discurso sobre discursos. É importante, aqui, ressaltar que essa abertura não significa uma ruptura com a estruturação e objetificação necessárias ao fazer científico. Os participantes precisam lidar com a escrita de um relatório como um gênero definido, mas isso não os obriga a replicar os modos de acesso ao fenômeno.

Essa consciência da busca do método como algo singular, como a maneira de dizer o que precisa ser dito a partir da proximidade com o fenômeno, perpassou todo o processo de construção das pesquisas, ao longo de um ano, nos dois grupos que acompanhei. Para mim, ficou evidente que o movimento de olhar para a pesquisa do outro para, a partir da percepção do lugar da voz do outro, voltar para a procura do lugar da *minha* voz, significava o principal movimento do ato ético de pesquisa. O método é criado dialogicamente, na dinâmica da arquitetônica do ato ético, em um movimento de alteridade em que não só os participantes estão inseridos, mas também o *eu*, enquanto pesquisadora que precisa lidar com o *como* se dá a construção do meu discurso sobre o discurso do outro.

A noção da voz do pesquisador, como portadora de um acento avaliativo e, portanto, de uma singularidade, é retomada em diálogo entre Caio e Eva dois em encontros após o aqui analisado: no quarto encontro, dia 16 de Março de 2018.

Quadro 8 – Encontro 4 – Grupo 1

1	Eva: principalmente a última dissertação que eu li, da Zélia Gominho, que me ajudou
2	muito a entender os contextos sociais, das mulheres também... trouxe essa perspectiva
3	muito forte.
4	Caio: Quanto mais tu ler, isso aí não é só trabalho de história não. Quanto mais tu ler,
5	mais ampliar teu horizonte de leitura, tu vai conseguir escrever melhor e tu vai ter um
6	<u>leque melhor de análise</u> . Por isso que é importante tu sempre tá lendo, porque a gente
7	consegue ampliar, principalmente na questão histórica. Porque assim, <u>o jornal, ele no</u>
8	<u>máximo vai conseguir passar pra gente a visão daquela situação que ele tá noticiando,</u>
9	<u>de posicionamento do jornal</u> . Então, quando a gente pega a análise de alguém,
10	principalmente de um historiador, que é o caso da Zélia Gominho, ela não vai trazer só
11	o jornal. <u>Ela traz o jornal, ela traz a revista, ela traz o documento da época que ela</u>
12	<u>revisitou... então ela consegue trazer pra gente uma gama de informações. E além de</u>
13	<u>tu ampliar teu horizonte de conhecimento sobre o assunto, tu amplia teu</u>

14	<u>conhecimento sobre a escrita da história, como escreve a história. Porque assim, Zélia</u>
15	<u>tem um estilo de escrever, aí tu já aprende aquele estilo, a perspectiva de análise. A</u>
16	<u>Socorro já escreve diferente... Aí por isso que a leitura do Aloísio, da tese dele, vai ser</u>
17	<u>interessante pra gente também nesse momento.</u>

Eva retoma a mesma pesquisa que vinha sendo discutida em encontros anteriores para mensurar a ampliação de sua compreensão acerca do contexto conjuntural. Caio, então, reforça a importância da ampliação do contexto conjuntural na atividade de análise (linha 6). A ampliação do horizonte de leitura mencionada por Caio toca na questão do contexto conjuntural, mas também está relacionada, aqui, à percepção da singularidade de cada texto e da compreensão das vozes que emergem de cada um deles. Os próprios termos utilizados por ele para explicar o que é lido no jornal são “visão” (linha 8) e “posicionamento” (linha 9). O jornal aparece, a partir do discurso de Caio, como portador de um olhar, de um ponto de vista que perpassa a construção do texto. Para ele, essa visão não é suficiente para acessar o contexto conjuntural mais amplo, uma vez que trata-se de um posicionamento que representa um valor identificável como uma única voz.

Já a pesquisa histórica é, no entendimento de Caio, capaz de trazer à tona e fazer dialogar variadas vozes da sociedade: “Ela traz o jornal, ela traz a revista, ele traz o documento da época que ela revisitou” (linha 11). Percebo que a construção desse diálogo é atribuída enfaticamente à pesquisadora em questão, no discurso de Caio, com o uso reiterado do pronome ela antes das ações de pesquisa e com o uso da palavra revisitou – a pesquisadora atualiza discursos já existentes. Caio atribui um valor positivo a essa multiplicidade de vozes que circulam na pesquisa e que são trabalhadas por Zélia, como maneira de ampliar o horizonte conjuntural para enriquecer suas análises: “então ela consegue trazer pra gente uma gama de informações” (linha 12).

Para além do foco na ampliação do contexto conjuntural, cujas análises desenvolvi anteriormente, aqui, Caio compara dois modos de construção discursivas diferentes: da notícia do jornal (aparentemente monologizada, para ele) e da pesquisa (essencialmente dialógica). Para Caio, deparar-se com esse modo específico de construção discursiva da pesquisa possibilita não apenas a ampliação do contexto conjuntural, mas também uma compreensão do *como* da construção da escrita, que remete ao método e ao estilo. Caio inclusive utiliza a palavra estilo

(linhas 14 e 15) para atribuir diferenças entre a maneira de construir o texto em cada autor(a).

Neste ponto, fica evidente o quanto a compreensão do contexto conjuntural faz parte da própria busca do método. Esses momentos constitutivos do ato de pesquisa se entrelaçam no trabalho de criação do autor e não são vistos como forma e conteúdo de maneira apartada. A análise de um texto pode, inclusive, apontar para a necessidade de ampliação de um determinado contexto, afim de que as múltiplas vozes presentes naquele texto se tornem soantes. Obviamente, um texto é sempre plurissignificativo e os modos de sua compreensão vão sempre depender das compreensões prévias acerca dos temas e estilos composicionais que dele podem emergir.

Caio e Eva parecem compreender o método de pesquisa a partir de um posicionamento de não neutralidade. Na realidade, se a voz do pesquisador é a voz que rege outras vozes de maneira singular na construção do seu texto, atribuindo-lhes valores, pesos e espessuras, ele é irrevogavelmente responsável pelo seu ato. Uma vez que Caio e Eva consideram não apenas a estrutura formal, mas o processo de construção da linguagem nas leituras de variadas pesquisas, a singularidade permanece no horizonte do discurso científico.

No dia 15 de setembro de 2017, primeiro encontro do grupo 2, com participação de Érica, ocorre o mesmo tipo de discussão que se desenvolveu entre Caio e Eva acerca da percepção do método como algo que é construído na singularidade da instância do autor. Érica, participante mais experiente que as pesquisadoras do PIBIC EM, que participou deste encontro, levanta a questão do estilo do autor, em comentário sobre um artigo ao qual o grupo havia tido acesso.

Quadro 9 – Encontro 1 - Grupo 2

1	Érica: uma coisa que eu gostei desse texto, <u>que me ajudou a pensar, é como, de como</u>
2	<u>escrever...</u>
3	Rubens: Arram
4	Fabiana: Eu pensei nisso também
5	Érica: Ou seja, <u>justificar a proposta, a todo momento ele levanta questionamentos, ele</u>
6	<u>fala de indícios. Achei muito bacana a forma como ele constrói o texto.</u>
7	Fabiana: <u>E até o fato de ele usar o jornal, deu uma ideia de como escrever sobre isso.</u>
8	<u>Porque a gente foi escrever, a gente escreveu, mas ficou meio assim. Quando a gente</u>
9	<u>lê, realmente, eu pelo menos fiquei assim, posso abordar dessa forma mais...</u>

Aparentemente, apesar de a metodologia científica estar muitas vezes relacionada exclusivamente à forma de um modelo de apresentação de um resultado, é no exame atento às formas de construção dos discursos e de estilos singulares que a busca do método se torna central no ato de pesquisa. Érica explicita seu contentamento em se deparar com um caminho discursivo que lhe mostra uma possibilidade para a sua tarefa de escrita (linhas 1 e 2). A escrita é, para ela, assim como para Caio e Eva, construção e trabalho.

Érica recupera o caminho da linguagem do autor do texto. Ela observa as marcas da construção, os encaminhamentos (linhas 5 e 6), enfim, a própria busca do método palmilhada no texto do outro. É a partir desse olhar sobre o texto do outro que vai ser possível perceber um *como* que também seja possível para o seu texto. É importante ressaltar que estamos falando aqui sempre de uma possibilidade, de um devir, de um texto que ainda não foi acabado e, por isso, do método como uma busca, tendo em vista que os participantes não trabalham com a eleição de categorias a prioristicamente.

Nesse sentido, penso que qualquer ciência passa pelo processo de acabamento inerente à escrita, que está sempre associado a um caminho de linguagem e, portanto, a uma busca pela melhor maneira de apresentar um fenômeno para produzir determinados efeitos de sentido. Trata-se de uma escolha e, como tal, a tentativa de apagar forçosamente as marcas da singularidade do textos não um encontra álibi que isente o pesquisador de sua participação no acontecimento do ser do texto. A simples escolha de uma maneira de dizer, dentre tantas outras possibilidades, é suficiente para que a singularidade deixe suas marcas. No entanto, como defendemos nesta tese, é justamente a partir da compreensão e da construção de um caminho no qual o método é apropriado pela participação singular do pesquisador que as Ciências Humanas encontram sua morada no acontecimento do ser.

6.2.1.2 O método de análise como criação

A criação no âmbito da filosofia bakhtiniana não diz respeito a algo realizado por um indivíduo isoladamente, como se ele tivesse sido tomado por uma inspiração. Quando falamos de singularidade é importante esclarecer que, em Bajtin (1997), a singularidade é instaurada na participação do ser na dinâmica da arquitetônica do

ato ético, na qual o *eu para mim*, o *eu para o outro* e o *outro para mim* são momentos constituintes que se interpenetram.

A criação é concebida, assim, como um ato singular do sujeito que vive, concretamente, nessa dinâmica. Trata-se de um ato responsável e responsivo, no sentido de que remete sempre a outros ditos e que está sempre orientado por uma tonalidade afetiva valorativa. É na percepção da singularidade da vivência do método, que analisei anteriormente, que surge a possibilidade de se pensar o método como criação.

Como já mencionado, a questão da experiência está presente em muitos dos diálogos entre os seres-aí participantes desta pesquisa. Ela aparece em enunciados relacionados a aprendizagem e a um modo de agir que pode servir de exemplo na criação de caminhos do método de análise. É importante reforçar que criação aqui não significa partir do nada, numa suposta originalidade e pureza, mas de atuar de maneira a possibilitar que a voz do pesquisador, as vozes das teorias e as vozes que emergem do fenômeno estudado sejam ouvidas e dialoguem entre si.

Dito isto, analiso um fragmento de interação entre Caio e Eva no qual, a partir de seu lugar de pesquisador mais experiente, Caio compartilha com Eva uma experiência de organização dos dados no computador para facilitar o acesso posterior. Esse diálogo ocorreu no dia 17 de julho de 2018, sétimo e último encontro do grupo 1, antes da entrega do relatório final. A experiência de Caio vem à tona a partir da sua análise acerca da forma de armazenamento e agrupamento dos “dados” (termo utilizado pelos participantes) realizada por Eva até então.

Quadro 10 – Encontro 7 – Grupo 1

- | | |
|----|--|
| 1 | Caio: aqui tu já agrupou... não, aqui tá por período, por data, né? |
| 2 | Eva: Sim, período. São as mais antigas e depois as mais recentes. |
| 3 | Caio: Hum... <u>sabe o que eu fiz, Eva, na minha época? Eu fiz assim: eu separei temas, é</u> |
| 4 | <u>porque eu não tou aqui com o...</u> |
| 5 | Eva: <u>É, eu posso fazer seguindo os temas que eu vou... as categorias.</u> |
| 6 | Caio: <u>Eu vou te mostrar do jeito que eu fiz porque pode ser que te ajude a tu fazer</u> |
| 7 | <u>igual, se você achar legal.</u> Porque por data, assim, fica difícil a gente procurar. Aí eu |
| 8 | colocava o número – <u>isso daí foi uma metodologia que eu fui criando para facilitar</u> |
| 9 | <u>minha vida.</u> Eu colocava um número da foto, porque a foto não é um arquivo? |
| 10 | Eva: Ah, sim! |
| 11 | Caio: <u>Aí tudo eu achava muito rápido. E vou te mostrar,</u> deixa só eu ligar esse |
| 12 | computador e aí tu vê como eu fazia. |

Caio remete à sua “época” (linha 3) de pesquisador para mostrar uma possibilidade de organização dos dados a Eva, criando um diálogo entre sua pesquisa, realizada em outro momento de sua vida, e a pesquisa realizada por Eva. A experiência de já ter vivenciado e confirmado um caminho que Caio considera mais fácil é que dá o tom do discurso de autoridade. Trata-se de um discurso de autoridade que é fundado na prática de Caio e no movimento que ele faz de aproximação com Eva quando se coloca no mesmo lugar que ela: de pesquisador aprendiz. Ele utiliza, para isso, um recurso de distanciamento temporal, que é um aproximação de Eva pela experiência vivida, ou seja, uma maneira de demonstrar compreensão sobre o lugar que ela ocupa agora. Ao mesmo tempo, trata-se de um distanciamento, tendo em vista que tal experiência já foi atravessada por ele, em outra época. Além disso, apesar de ser o pesquisador que marca a experiência como um diferencial na relação entre eles, Caio enfatiza o caminho percorrido por ele como uma possibilidade para Eva e não como um caminho a ser replicado: “pode ser que te ajude” (linha 6) e “se você achar legal” (linha 7) são enunciados de Caio que endereçam a responsabilidade de escolha à Eva.

Isso é o que ocorre tanto no olhar em relação à experiência de Caio quanto às pesquisas criadas por outros pesquisadores: a percepção e a consciência de que no método de análise existe um espaço que é de criação. Nas próprias palavras de Caio, “isso daí foi uma metodologia que eu fui criando para facilitar minha vida” (linhas 8 e 9), a metodologia é aquilo que se cria na própria vivência da pesquisa, aquilo é marcado pelos percalços, pelos desafios, pelo movimento e pelas transformações na busca pela melhor maneira de compreender o fenômeno.

Percebo, ainda, que o movimento da historicidade da vivência do método também é tematizado por Caio. Não apenas a criação de uma cadeia discursiva, que se estabelece no diálogo com os textos dos outros pesquisadores, é posta em prática, mas também um movimento de alteridade implicado na atualização da experiência já vivida (no passado) na experiência que está sendo vivida (no presente). A experiência vivida no passado se encontra, assim, com o devir, com a possibilidade que se abre de construir algo novo a partir do diálogo entre o que já foi experienciado e a vivência singular do pesquisador e do fenômeno que constrói sua pesquisa. O passado, o presente e o futuro interagem na dimensão aberta da criação do método de pesquisa.

6.2.2 A possibilidade de construir algo novo

É a partir da atenção à singularidade do método nas leituras de outras pesquisas relacionadas ao tema e das reflexões sobre a experiência já vivida empreendidas pelo pesquisador mais experiente que a possibilidade de construir algo novo aparece no horizonte da pesquisadora menos experiente. Já no segundo encontro entre Caio e Eva, que ocorreu no dia 20 de setembro de 2017, essa possibilidade de escolhas a serem realizadas por Eva na construção da sua pesquisa é evidenciada por Caio.

Quadro 11 – Encontro 2 – Grupo 1

1	Caio: No caso, ele vai pelo tema... ele aborda temas...
2	Caio: <u>E aí você pode, quando for construir seu texto, você vai escolher: se você vai</u>
3	<u>querer abordar de maneira cronológica ou se você vai abordar por tema. Por exemplo,</u>
4	<u>nas greves que você levantou nesse primeiro período, de 45 a 50, nessas greves que</u>
5	<u>você levantou, você encontrou quantas greves de estudantes? Sei lá, oito greves de</u>
6	<u>estudantes... aí, estudante é um tema, não é? Ou seja, como os estudantes se</u>
7	<u>mobilizaram? Então você pode escolher esse tema e abordar as greves dos</u>
8	<u>estudantes e aborda tematicamente esse aspecto, independente da cronologia que</u>
9	<u>elas ocorreram. Elas tão agrupadas ali no tema, qual o tema? Estudantes, ok?</u>
10	Eva: <u>Seria interessante juntar os dois? Ou ficaria...?</u>
11	Caio: <u>Pode, mas aí você vai ter que ver a maneira como vai construir seu texto. Mas</u>
12	<u>você pode inclusive construir algo novo, que não seja nem do jeito da Socorro nem do</u>
13	<u>jeito do Marcelo Badaró. Eu tou dando pra você dois exemplos aí...</u>

Caio aproveita o momento de análise do discurso do outro em um texto de Marcelo Badaró para, já no início do período destinado à pesquisa, sinalizar modos exemplares de criação metodológica dos quais Eva poderá, oportunamente, lançar mão: “E aí você pode, quando for construir seu texto, você vai escolher: se você vai querer abordar de maneira cronológica ou se você vai abordar por tema” (linhas 2 e 3). Essas duas maneiras, cronológica e temática referidas por Caio dizem respeito às opções de organização dos dados no texto de Zélia Gominho, tratado em fragmentos anteriores, e no texto de Marcelo Badaró, respectivamente.

Em um movimento diferente do que vinha sendo observado nas análises anteriores, cujo foco se manteve na instância do pesquisador (outro) como responsável por suas escolhas, agora, a atenção se volta para as escolhas que Eva, como pesquisadora (eu) responsável por seu ato, precisará fazer no desenvolvimento de sua pesquisa, ou seja, a análise do próprio discurso é posta em

prática. Nesse sentido, após ouvir as sugestões de Caio, Eva assume sua responsabilidade de escolha para questionar se é possível não ter que optar por um ou outro modo de organização: “seria interessante juntar os dois?” (linha 10).

A responsabilidade assumida por Eva é a sua assinatura no ato. O seu ato se volta para o geral (o mundo da cultura) no sentido de que remete a enunciados já consolidados por pesquisadores mais experientes, estabelecendo com eles uma relação dialógica e histórica. Mas é a sua participação singular que permite a atribuição dos sentidos que circulam em torno do seu próprio ato: qual caminho, afinal, faz sentido seguir na vivência singular do método? Quais marcas dessa singularidade são expressadas via linguagem?

É nesse caminho de atenção à singularidade que Caio esclarece, sobre o questionamento de Eva: “Pode, mas aí você vai ter que ver a maneira como vai construir seu texto. Mas você pode inclusive construir algo novo, que não seja nem do jeito da Socorro nem do jeito do Marcelo Badaró. Eu tou dando pra você dois exemplos aí...” (linhas 11,12,e 13). A partir de modelos exemplares, Caio apresenta uma terceira via para Eva, que é a possibilidade de construção de suas próprias estratégias para definir o *como* do texto da pesquisa, a partir das necessidades que irão surgir na proximidade com o fenômeno. É justamente esse horizonte do aberto, daquilo que não é predeterminado em um projeto de pesquisa mas vivenciado no acontecimento do ato, que possibilita o que chamamos neste trabalho de caminho para se fazer uma experiência pensante com a linguagem.

6.2.3 Os “dados”¹⁹ orientam o caminho do método

Vimos, até aqui, que o caminho de do método para as ciências humanas, que lida diretamente com a análise de discursos do outro e de si, não é delimitado pela eleição prévia de categorias de análise. Nesse sentido, a interpretação dos “dados” é algo que se re(constrói) no percurso do ato de pesquisa e é ela que circunscreve as escolhas metodológicas empreendidas pelo autor da pesquisa.

¹⁹ Neste cronotopo, assim como nas próximas ocorrências das palavras “dados” e “categorias”, que aparecem entre aspas, esclareço que optei por manter os termos tal como foram referenciados pelos participantes. Acrescento, contudo, que mesmo que eles utilizem esses termos, não percebo em seus atos uma atitude que visa a uma neutralidade com relação ao fenômeno. Pelo contrário, os participantes engajam-se na escuta às diversas vozes dos textos lidos e na impressão da singularidade da voz do próprio pesquisador no desenvolvimento de suas pesquisas.

Nos excertos que analiso, a seguir, Caio e Eva discutem (re)orientações do caminho trilhado com base nos dados que vão surgindo, nas dúvidas e nas compreensões que emergem da relação com as notícias dos jornais analisados. Em momentos diferentes do percurso da pesquisa, percebo dois movimentos principais de (re)configuração metodológica. Utilizo, aqui, o prefixo de alusão a uma repetição de suas ações porque eles partem do relatório parcial escrito por Eva e entregue em janeiro de 2018, ou seja, de uma avaliação do próprio texto para refletir sobre melhorias de um texto que ainda está sendo construído (relatório final). Aludir a esse movimento de retorno não significa, contudo, desconsiderar o que já foi criado. Trata-se muito mais de um movimento de circularidade, próprio de toda a compreensão, no qual o pesquisador dá um passo para trás para que novas possibilidades possam surgir no horizonte de compreensão do fenômeno.

6.2.3.1 A compreensão de um contexto conjuntural a partir de uma dúvida que surge na interpretação dos “dados”

Como já vimos anteriormente, a compreensão do contexto conjuntural é essencial na construção da pesquisa, não apenas por uma questão de conteúdo, como no caso em que há uma busca por compreender o contexto e atualizar os sentidos de um período histórico determinado, mas também para a construção do método. No dia 16 de março de 2018, mais ou menos um mês após a entrega do relatório parcial, Caio lembra um momento da escrita do relatório em que surgiram dúvidas acerca da interpretação dos dados (linha 1, a seguir).

Quadro 12 – Encontro 4 - Grupo 1

1	Caio: Mas veja, <u>na hora que tava escrevendo teu relatório surgiram dúvidas</u> , que a
2	gente tava tirando lá pelo <i>whatsapp</i> e a gente pode continuar tirando, não tem
3	nenhum problema com relação a isso. <u>Mas a gente pode resolver melhor essas dúvidas</u>
4	<u>se tu consegue fazer a leitura desses dados</u> . Por exemplo, tu identificou 7 greves em 52,
5	mas por enquanto tu ainda não leu as informações dessas 7 greves. Então quando a
6	gente se reúne, por exemplo, agora...
7	Eva: A gente já teria melhor...
8	Caio: <u>Se tu tivesse informação dessas 7 greves, a gente já podia conversar sobre essas 7</u>
9	<u>greves, entendeu? Se por exemplo, tu me acha, agora – que pra mim seria uma</u>
10	<u>novidade agora e a gente teria que quebrar a cabeça pra discutir isso. Imagina se tu se</u>
11	<u>depara agora com uma greve de mulheres. Eu tou falando de uma situação hipotética/</u>
12	<u>que aconteceu nos anos 80</u>

13 (...)

14 Mas aí eu te pergunto: a gente agora teria que quebrar a cabeça, eu e tu, pensando

15 como é que foi essa greve, por que que ela aconteceu nesse período, por que ela não

16 aconteceu em outra época? A gente ia procurar bibliografia, leituras, pra tentar

17 entender essa greve. Aí por isso que eu digo, se você consegue fazer a leitura desses

18 dados que tá levantando, porque por enquanto só tá levantando o quantitativo, aí a

19 gente consegue discutir esses dados.

20 **Eva:** e também...

21 **Caio:** Porque veja, a gente discutiu um artigo, depois discutiu os capítulos de Zélia, só

22 que aquilo ali... que foram importantes, não tou dizendo que não, minimizando não.

23 Mas se a gente consegue analisar aqueles textos à luz dos dados que tu consegue, a

24 gente vai conseguir tentar uma interpretação dos dados muito melhor, muito melhor!

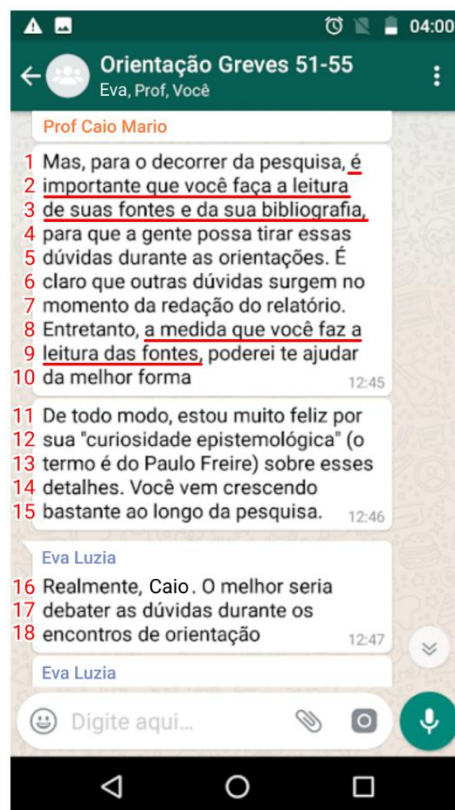
Caio sugere, então, uma maneira diferente de lidar com os dados a partir da avaliação de como o trabalho foi encaminhado na primeira etapa do projeto, até o relatório parcial. Em princípio, ele e Eva compartilharam leituras de teses e artigos para compreender as dinâmicas sociais do período histórico estudado com a intenção de ampliar o horizonte de construção de sentidos na interpretação das notícias dos jornais. Agora, Caio percebe que essas leituras podem não dar conta dos sentidos emergem da interpretação dos dados. Em sua avaliação, fazer um movimento contrário, deste dia em diante, parece ser mais produtivo: “Mas a gente pode resolver melhor essas dúvidas se tu consegue fazer a leitura desses dados” (linhas 4 e 5). Para ele, é justamente a proximidade com os dados que vai definir a necessidade de compreender novos contextos que possam dialogar de maneira mais ampla com as notícias jornais.

A sugestão de Caio é que esse tipo de questionamento possa ser levantado nos encontros presenciais. Como Eva, por enquanto, parece estar ainda focada em fazer um levantamento quantitativo das greves, sem atentar para os sentidos das vozes que circulam nos textos (linhas 17, 18 e 19), Caio sugere justamente que ela busque um primeiro contato com esses sentidos: “A partir dessa primeira leitura, seria possível, então, buscar uma ampliação do contexto conjuntural: Se tu tivesse informação dessas 7 greves, a gente já podia conversar sobre essas 7 greves, entendeu?” (linhas 8 e 9).

Vale ressaltar que essa sugestão é uma retomada e um detalhamento, que parece encontrar a confirmação de compreensão de Eva, do que fora discutido por *whatsapp* em 3 de fevereiro de 2018. Nessa interação, Caio já aponta para o necessário diálogo entre a teoria, referenciada por ele como a “bibliografia” (linha 3,

a seguir), e o fenômeno, discursos que circulam nas “fontes” (linha 9), que são as notícias de jornais.

Figura 3 – Whatsapp – Grupo 2



Voltando à análise do encontro de orientação, observo que Caio, como pesquisador mais experiente, lança mão de uma situação hipotética na qual ele e Eva precisariam se debruçar sobre uma categoria de greve completamente imprevista, caso ela aparecesse nos dados: “se, por exemplo, tu me acha, agora – que pra mim seria uma novidade agora e a gente teria que quebrar a cabeça pra discutir isso. Imagina se tu se depara agora com uma greve de mulheres. Eu tou falando de uma situação hipotética” (linhas 9, 10 e 11). O exemplo esclarece a necessidade de dar voz ao fenômeno, de ouvir o que os “dados” têm a dizer. Nesse sentido, a compreensão do contexto conjuntural esclarece o método do mesmo modo que o método esclarece a necessidade de ampliação do contexto conjuntural, em relação dialógica. Trata-se de dois momentos recíprocos, divididos em cronotopos diferentes, aqui, para fins de análise, mas que fazem parte do mesmo processo que é o ato de pesquisa como experiência pensante com a linguagem.

Na visão de Caio, a “interpretação dos dados” (na linha 24) se dá justamente no circularidade do movimento da compreensão: na tarefa de preparar o campo para analisar os “dados” mas, sobretudo, na percepção da necessidade de alargar a compreensão do contexto conjuntural a partir daquilo que os próprios dados nos encaminham a conhecer. É essa escuta atenta ao fenômeno que possibilita a sua apropriação, tendo em vista que a compreensão das possibilidades interpretativas são uma escuta de *si* mesmo, daquilo que o *eu* é capaz de ouvir do *outro*. Desse modo, a atenção ao que o “dado” ainda demanda compreender, àquilo que ainda é digno de ser questionado, abarca a dimensão ética do ser enquanto ato responsável (BAJTIN, 1997), bem como o acontecimento do ser na linguagem (HEIDEGGER, 2006).

6.2.3.2 A eleição de “categorias” de análise orientadas pela interpretação dos “dados”

Todo texto tem no encontro com o outro a possibilidade de atribuição de sentidos. O fenômeno da nossa pesquisa, bem como das pesquisas das quais os participantes voluntários desenvolvem, dá-se no diálogo com textos, interpretando-os e constituindo outros textos. Se a vida do texto vigora na sua interpretação, os textos (“dados”, nas palavras dos participantes), nesta pesquisa, e nas duas pesquisas que analisamos, também são o ponto de partida para que se construam os modos de análises.

Dizer isto significa dizer que as “categorias” de análise não são decididas previamente, ou seja, antes do contato e diálogo com os textos. É justamente esse modo de *acontecimento* da pesquisa que analiso no excerto abaixo, cujo diálogo ocorreu no encontro do dia 16 de março, após a entrega do relatório parcial. Caio e Eva discutem os critérios de eleição das categorias de análise, avaliando a participação única e singular de Eva para a definição do que pode ser relevante a ponto de se transformar em uma categoria de análise da pesquisa.

Quadro 13 – Encontro 4 – Grupo 1

- | | |
|----|--|
| 1 | Caio: <u>Quando tu enfatizou os estudantes no teu relatório, aquilo ali é uma sacada</u> |
| 2 | <u>fantástica. Porque, veja, é uma categoria que é novidade pra todo mundo, fazer greve</u> |
| 3 | <u>naquele período, entendesse?</u> |
| 4 | Eva: <u>E os estudantes fazem parte de uma elite.</u> |
| 5 | Caio: <u>Exato, exato. E é uma categoria da qual tu faz parte também. Então, assim, torna</u> |
| 6 | <u>teu trabalho ainda mais interessante. Se a gente pensa assim, teus colegas vão poder</u> |
| 7 | <u>ler um trabalho desse e pensar assim: poxa! Os estudantes naquela época... Inclusive,</u> |
| 8 | <u>eu cheguei a comentar isso nas minhas aulas essa semana. Uma aluna perguntou:</u> |
| 9 | <u>professor, o senhor tem PIBIC? Eu disse: eu faço e tal... Comentei do PIBIC e disse,</u> |
| 10 | <u>assim, uma das coisas interessantes que a gente achou até agora foi quantidade de</u> |
| 11 | <u>greves, de estudantes fazendo greves naquela época.</u> |

A “categoria” *estudantes*, criada por Eva em sua análise, é avaliada positivamente por Caio (linhas 1 e 2). O motivo de Caio considerar a eleição dessa categoria como “uma sacada fantástica” se deve ao fato de que, antes do período estudado agora por eles, essa não era uma categoria que aparecia à frente das greves no período. Com essa avaliação, Caio também recupera o momento social e histórico de construção dos textos dos jornais, atualizando o sentido de “novidade” (linha 2) para a comunidade da época.

Com isso, Caio toca os fios dialógicos tecidos em torno da “categoria” nas notícias dos jornais, suscitando uma reflexão sobre o que essa participação poderia significar para a sociedade da época. Eva, por sua vez, complementa a avaliação iniciada por Caio com a informação de que, na época, os estudantes eram associados à elite (linha 4). Em concordância, os dois acabam criando um juízo de valor comum em torno do sentido da novidade da presença das vozes dos estudantes enquanto categoria grevista.

Em seguida, Caio vai além, na sua avaliação, fazendo uma referência a uma identificação de Eva com a “categoria” *estudantes*, bem como a uma possível interlocução, a ser estabelecida com seus colegas a partir dessa identificação: “E é uma categoria da qual tu faz parte também. Então, assim, torna teu trabalho ainda mais interessante.” (linhas 5 e 6).

Para analisar os estudantes como uma “categoria” relevante de participantes em greves, Eva leva em conta seu olhar exotópico, privilegiado por um distanciamento temporal. Por outro lado, Caio sugere a possibilidade de Eva e de seus colegas se enxergarem no outro, de estabelecerem comparações, em um

movimento de alteridade: “Se a gente pensa assim, teus colegas vão poder ler um trabalho desse e pensar assim: poxa! Os estudantes naquela época...” (linhas 6 e 7).

Por fazerem parte de uma mesma comunidade, tanto Eva quanto os possíveis interlocutores do seu trabalho também se lançam no que Heidegger (2009b) chamou de ingressar na essência da ciência, uma vez que a compreensão de *si* na relação com o outro configura a compreensão da própria historicidade na universalidade da categoria, projetada em uma temporalidade e memória coletiva.

Na continuidade do diálogo, no quadro abaixo, os critérios de eleição de “categorias” é explicitado por Caio e por Eva. Eva selecionou as greves estudantis, pela quantidade de vezes que elas aparecem nas notícias de jornais e, do mesmo modo, Caio ratifica a seleção de outras “categorias” a partir do mesmo critério: “Estudantes, sabe? Têxteis, por ter muitas greves de têxteis” (linha 13, a seguir).

Quadro 14 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior)

- | | |
|----|---|
| 12 | Caio: Então eu acho, quando tu criar os tópicos, tu falar sobre esses elementos |
| 13 | mesmo. <u>Estudantes, sabe? Têxteis, por ter muitas greves de têxteis.</u> |
| 14 | Eva: <u>As categorias que mais aparecem. E depois eu coloco outras como outros, ou não?</u> |
| 15 | Caio: Não, porque assim, Eva, vê só... <u>Tu encontrou esses dados de greves, mas na tua</u> |
| 16 | <u>análise tu não é obrigada a analisar todas as greves que aparecem, não. Tu pode</u> |
| 17 | <u>analisar aquilo que salta, é uma seleção. História, História é uma seleção.</u> Agora, tudo |
| 18 | que você selecionar vai ser justificado. |
| 19 | Eva: justificado, analisado... |

Na sequência, Eva, reconhece, em um gesto enunciativo, o lugar de pesquisador mais experiente ocupado por Caio e questiona sobre o que fazer com os dados que não possam ser enquadrados nas “categorias que mais aparecem” (linha 13), se é necessário criar uma categoria diferente que possa englobar “outros” (linha 13) grupos. Caio, assumindo o lugar de pesquisador experiente, nesta relação, esclarece que a eleição de categorias pressupõe uma seleção a partir “daquilo que salta”: “Tu pode analisar aquilo que salta, é uma seleção. História, História é uma seleção” (linha 17).

Avalio que, do ponto de vista assumido por de Caio com relação ao ato de pesquisa, Eva precisa validar (no sentido de valor axiológico) os dados e sua categorização. A sugestão de Caio encaminha Eva a assumir sua voz, seu

posicionamento ético e valorativo diante da seleção daquilo que ela queria fazer aparecer em seu texto. Para Caio, a própria História, enquanto disciplina, constitui-se nessa responsabilidade assumida de seleção e categorização.

6.2.4 Avaliação sobre a interpretação dos “dados”

Entendemos que a vivência do método dá-se por uma via de compreensão e interpretação temporais. Desse modo, todo texto que faz parte do ato de pesquisa é sempre passível de revisões, dado que a interpretação não é algo fixo e definitivo. É a possibilidade de voltar e traçar um novo caminho, a partir das perguntas que nós, como pesquisadores, colocamos para nós mesmos, que configura a vivência do método como entendemos neste trabalho.

Nesse sentido, a avaliação é uma atividade que perpassa o desenvolvimento da pesquisa em vários momentos, como já vimos, de (re)construção e (re)orientação dos caminhos de busca do método. Ela pode ser conduzida por um questionamento do pesquisador mais experiente (veremos exemplos mais adiante), mas também surge de maneira espontânea, como uma autoavaliação da condução dos próximos passos a serem seguidos a partir do caminho já trilhado.

No excerto a seguir, cujo diálogo ocorreu no quarto encontro do grupo 1 no dia 16 de março de 2018, Eva procura avaliar o seu processo de interpretação das notícias de jornal a partir do que foi feito no relatório parcial. Para tanto, ela lança uma sugestão de organização textual abrindo espaço para uma intervenção direta de Caio, com a expressão de sua dúvida: “não sei o que o senhor vai achar sobre isso” (linhas 1 e 2 a seguir).

Quadro 15 – Encontro 4 – Grupo 1

- | | |
|----|---|
| 1 | Eva: Inclusive, eu tava pensando assim, durante o relatório eu dividir... <u>não sei o que o</u> |
| 2 | <u>senhor vai achar sobre isso...</u> em dividir, por exemplo, os anos que eu encontrei e o |
| 3 | quantitativo de greves e a análise sobre greves. Por exemplo, esse relatório que eu fiz, |
| 4 | o parcial, foi do ano 1951. <u>Aí eu colocaria um tópico de 1951 aí dividiria ainda nos</u> |
| 5 | <u>estudantes e trabalhadores gerais. Aí 1952 também: estudantes e trabalhadores gerais.</u> |
| 6 | <u>No final, eu faria um levantamento, uma análise de todos os anos.</u> |
| 7 | Caio: É. É um caminho. <u>Me parece, Eva, que esse caminho que tu táis fazendo de ano e</u> |
| 8 | <u>conteúdo, eu acho que uma coisa ou outra. Pra quem ler, eu acho que fica melhor se é</u> |
| 9 | <u>uma coisa ou outra. Eu acho que as duas... pra o leitor, vamos pensar assim (...)</u> É como |
| 10 | <u>se tu apresentasse os dados duas vezes, um por ano e outro por temática.</u> |

- 11 **Eva:** Então, por exemplo, se eu pegasse o ano de 51...
 12 **Caio:** Eu acho que tu podia fazer o seguinte: pegar uma tabela, por ano ou um gráfico,
 13 você escolhe. Aí aqui a gente tem 1951, 12 greves; 1952, 10 greves; 1953, 11 greves,
 14 beleza?

Eva procura encontrar o caminho de organização de seu texto (relatório final) na própria prática de escrita. Ela não lança mão de um modelo metodológico instrucional, mas procura, no diálogo com o seu fenômeno, encontrar a maneira mais adequada de apresentá-lo ao leitor: “Aí eu colocaria um tópico de 1951, aí dividiria ainda nos estudantes e trabalhadores gerais. Aí 1952 também: estudantes e trabalhadores gerais. No final, eu faria um levantamento, uma análise de todos os anos.” (linhas 4, 5 e 6).

A eleição das “categorias” de análise, assim como a maneira de apresentação “dados” e o modo de organização textual estão em questão. O ato de interpretar engloba todos esses momentos, que não são estanques, mas dialogam entre si como constituintes. Uma vez que Eva tematiza o seu próprio discurso, ela se orienta para seus leitores potenciais, a começar pelo próprio Caio, seu interlocutor primeiro como pesquisador mais experiente imbuído de discurso de autoridade.

O *outro*, como aquele a quem Eva irá se dirigir (o leitor), está presente em cada uma desses momentos constitutivos da interpretação. Caio chama atenção para a instância do leitor (linha 9) e para o diálogo necessário com este. É necessário que Eva atue nas escolhas e ajustes com vistas àquilo que pode gerar determinadas reações no seu leitor: —“Pra quem ler, eu acho que fica melhor se é uma coisa ou outra. Eu acho que as duas... pra o leitor, vamos pensar assim... É como se tu apresentasse os dados duas vezes, um por ano e outro por temática” (linhas 8, 9 e 10). A presença da voz do leitor é que define o ajuste proposto por Caio.

Na realidade, eles estabelecem um diálogo não apenas com o suposto destinatário do texto. Também estão consideradas na reflexão a voz de Eva, como autora criadora da pesquisa, e a voz do próprio fenômeno, cuja escuta atenta orienta a seleção e a organização dos momentos constitutivos da interpretação. No quadro a seguir, continuação do diálogo anterior, Caio estabelece justamente um diálogo com o próprio fenômeno (linhas 17, 18 e 19) na *busca do método* de análise. Nas

palavras de Caio. eles vão precisar “encontrar um modelo explicativo para tentar entender esse ciclo de greves” (linhas 17 e 18).

Quadro 16 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior)

15	Caio: Aí você vai tentar analisar agora, <u>dessas 12 greves quais são as características de</u>
16	<u>1951? Em 1951 houve eleição municipal e essa eleição municipal permitiu uma maior</u>
17	<u>abertura e discussão. Enfim, a gente vai ter que encontrar um modelo explicativo para</u>
18	<u>tentar entender esse ciclo de greve, essas 12 greves em 1951 (...)</u> Aí isso daí não seria
19	<u>um tópico, mas seria a análise da tabela. Presta atenção, toda tabela, todo dado que tu</u>
20	apresenta, tem que ser analisado. Eu não posso jogar uma tabela aqui e não analisar,
21	não explicar.

É importante ressaltar que esse diálogo com fenômeno para a busca do método passa necessariamente pela compreensão do contexto conjuntural da época mencionada (linhas 15, 16 e 17). As perguntas emergem, portanto, da compreensão dos pesquisadores acerca da relevância de determinados elementos para a construção do fenômeno. No caso de Caio e Eva, há uma associação do crescimento do número de greves com uma ocorrência que o justificaria na sociedade da época, segundo a avaliação de Caio. Desse modo, compreendo que estamos diante da abertura para olhar e para a interpretação do fenômeno em seu acontecimento único: é a permanência de Caio e Eva junto ao fenômeno que abre possibilidades para que eles acolham aquilo que lhes vem ao encontro.

6.2.5 O Processo de escrita

O processo de escrita na pesquisa está centrado, essencialmente, na relação com o *outro*, muito embora possam existir metodologias de pesquisa que deixem de lado a complexidade do trabalho com textos e da escuta de vozes que emanam tanto do que já foi dito sobre o fenômeno quanto do que ainda pode ser dito e assinado (no sentido do posicionamento ético) por um pesquisador.

A dimensão da escrita da pesquisa também envolve, como já discutimos, a questão fundamental da sua necessária objetificação a partir do olhar exotópico do pesquisador, capaz de conferir, ao texto de pesquisa, unidade e acabamento. O processo de escrita é, nesse sentido, um dos momentos constitutivos mais relevantes da *busca do método*, tendo em vista que é dele e para ele que outros momentos convergem: a escrita é o fim de todo trabalho de pesquisa, mas é

também o seu começo e o seu meio, no sentido de que é com vistas à escrita enquanto projeto em devir que a pesquisa se orienta.

6.2.5.1 Referenciando a palavra do outro

No dia 23 de maio de 2018, sexto encontro do grupo 1, Caio e Eva analisam questões referentes ao processo de escrita do relatório final, em devir. Para tanto, avaliam modos de referência à palavra do outro utilizadas na versão do relatório parcial que precisam ser reconfiguradas.

Quadro 17 – Encontro 6 – Grupo 1

- | | |
|---|--|
| 1 | Caio: Outra coisa, Eva, isso vale pra essa informação aqui mas eu não <u>corrigi</u> as outras, |
| 2 | não. <u>Todas as informações que você colocar...</u> |
| 3 | Eva: <u>no passado</u> |
| 4 | Caio: ... <u>lembrar do passado</u> . Certo? Então, isso aconteceu comigo muito na minha |
| 5 | <u>dissertação e minha orientadora me corrigindo o tempo todo. Porque a gente pega o</u> |
| 6 | <u>jornal, o jornal tá no tempo presente. Aí a gente vai reportar essa informação pra o</u> |
| 7 | <u>nosso relatório, né? O nosso texto. Aí, a gente coloca no presente também. Então,</u> |
| 8 | assim: autorizava, aconteceu, realizaram... Não a ação daquele momento. |

No excerto acima, Caio chama a atenção de Eva para a referência às “informações” (linha 2) na escrita do relatório, ao que Eva responde prontamente com uma reposta de concordância: “no passado” (linha 3). “As informações” mencionadas por Caio na linha 2 são as formas de referenciar o discurso do outro, no caso, de marcar a voz que emana das notícias de jornal (linha 6).

Avalio que a atenção ao emprego da forma verbal no passado para marcar o tempo e o espaço próprios das enunciações dos jornais traz à tona, como outra face da moeda, a questão da singularidade. Trata-se de um movimento dialógico de escolha das marcas discursivas de forma a deixar claro a quem pertence a voz que fala, a cada momento, no texto.

Caio, mais uma vez, utiliza sua experiência prévia de pesquisa para se aproximar da experiência de Eva. Se por um lado, ele se coloca no lugar de avaliador e corretor (linha 1), por outro, mais adiante (linhas 4 e 5), ele menciona sua experiência em uma época em que ocupava o mesmo lugar que Eva na relação com a sua orientadora. Essa parece ser uma preocupação constante dos orientadores: um movimento de alteridade que é marcado nos discursos com relação ao lugar de pesquisador aprendiz, o que avaliamos como uma tentativa de atenuar a assimetria

de um discurso de autoridade inerente ao tipo de relação que se dá entre os participantes.

Nesse movimento, Caio reforça a questão da singularidade da vivência do método no processo de escrita: “nosso relatório, né? O nosso texto.” A posição valorativa concreta de cada um no texto, a relação familiaridade-distanciamento com os outros e consigo mesmo é colocada em termos da clara diferenciação entre o “outro”, cujo discurso é “reportado” (linha 6), e um “nosso” (linha 7) que atua assumindo sua responsabilidade irrevogável no ato de escrita.

O fato de as palavras do jornal trazerem consigo valores de uma humanidade histórica não isenta Eva de participar de uma relação emotivo-volitiva com elas. Os sentidos atribuídos por Eva não coincidem com um suposto conteúdo pretendido pelos enunciados na época em que foram produzidos, mas é a atuação valorativa de Eva, na marcação dos diferentes posicionamentos no seu texto, que faz com que novos sentidos possam emergir do discurso reportado.

6.2.5.2 A construção da narrativa-imagem

No dia 17 de julho de 2018, sétimo e último encontro do grupo 1, antes da entrega do relatório final, os diálogos entre Caio e Eva circulam em torno da questão do acabamento do texto do relatório final. No excerto a seguir, a força da voz do *eu* na relação com um *tu* leitor na construção da narrativa como uma imagem única e singular, do ponto de vista da criação, é tematizada por Caio.

Quadro 18 – Encontro 7 – Grupo 1

1	Eva: Essa outra parte eu poderia colocar no relatório?
2	Caio: Ah! No relatório essas coisas surgem! Aí, no relatório vai surgindo com detalhe
3	porque no relatório... <u>O relatório, Eva, é a nossa narrativa. Vê, isso é História. Isso são</u>
4	<u>dados e o que a gente vai escrever é a nossa narrativa, com base nos dados, sem</u>
5	<u>inventar. E aí, narrativa é diferente, porque narrativa você pode criar, por exemplo,</u>
6	<u>quando eu fui escrever sobre várias greves eu criava um suspense no meu leitor,</u>
7	<u>entendeu? (...) Então você pode: em tal dia os estudantes de São Paulo entraram em</u>
8	greve. Imediatamente, no dia 15 de agosto, os estudantes de Belas Artes entraram em
9	greve solidariedade a eles e contaram com apoio a partir do dia 16, tu tá entendendo?
10	Eva: Uma história, assim, cronologicamente.
11	Caio: Sai contando uma historinha cronologicamente. Mas isso aí é tua narrativa.
12	Eva: Sim
13	Caio: <u>É teu papel de escritora, realmente. (...) A maneira como você vai escrever, como</u>
14	<u>você vai entregar esses dados ao seu leitor, aí é teu papel de escritora mesmo.</u>

Caio e Eva discutem o tipo de informação mais relevante para constar das tabelas já criadas por Eva. A partir de um questionamento de Eva acerca da organização do texto de interpretação dos dados, Caio sugere uma diferenciação entre o tipo de informação que aparecerá nas tabelas e o que aparecerá no corpo do texto de análise: “Isso são dados e o que a gente vai escrever é a nossa narrativa, com base nos dados, sem inventar” (linhas 3, 4 e 5). Apesar de serem tratados como momentos diferentes, tanto a criação das tabelas quanto do texto de interpretação dos dados figuram, no discurso de ambos, como modalidades diversificadas de diálogos que se estabelecem com o outro e consigo mesmo.

Neste excerto do Quadro 18, percebo que é a criação do texto interpretativo como uma espécie de narrativa-imagem de si que está em foco: “O relatório, Eva, é a nossa narrativa” (linha 3) “E aí, narrativa é diferente, porque narrativa você pode criar” (linha 5). Entretanto, como já vimos anteriormente, na *eleição das categorias de análise*, mesmo a seleção daquilo que vai constar das tabelas (“dados”, nas palavras de Caio, linha 4) já configuram uma criação do ponto de vista da unicidade e singularidade do ato. Os dados não são algo pronto de que Eva simplesmente lançará mão para criar sua interpretação. Ela é responsável pela sua produção. Nesses momentos, de acabamento da escrita e de assinatura do ato de pesquisa, é que Caio remete ao papel do historiador: “Vê, isso é História” (linha 4).

O diálogo necessário entre o fenômeno (dados) e a narrativa criada é também tematizado por Caio. Para ele, são os “dados” que fundamentam toda a narrativa: “o que a gente vai escrever é a nossa narrativa, com base nos dados, sem inventar” (linhas 4 e 5). Nesse sentido, percebo o quanto o conhecimento produzido por eles na pesquisa é visto como uma questão de voz: o diálogo entre aquilo que já foi tematizado, a voz do pesquisador e a voz do próprio fenômeno. Essa maneira de enxergar o conhecimento produzido é tematizada de maneira mais ampla no próximo tópico, acerca da construção argumentativa.

Observo que a narrativa é diretamente relacionada à criação, nas palavras de Caio: “E aí, narrativa é diferente, porque narrativa você pode criar, por exemplo, quando eu fui escrever sobre várias greves eu criava um suspense no meu leitor, entendeu?” (linhas 5, 6 e 7). Na avaliação de Caio, o texto, a narrativa criada no relatório, convoca o leitor a trilhar junto com o pesquisador um determinado caminho

de investigação. Assim, pensar o processo de escrita significa pensar os modos de acesso ao próprio fenômeno na arquitetônica da relação com o outro. O trabalho de Eva, no momento de criação tratado neste excerto, consiste em fazer audível sua voz na arena de vozes que constitui o texto de pesquisa.

6.2.5.3 Argumentação e posicionamento valorativo

No dia 17 de julho de 2018, no mesmo encontro entre Caio e Eva (grupo 1) em que foi discutida a construção de uma narrativa-imagem fundada a partir da proximidade com o fenômeno e no diálogo com leitor, analisada no tópico anterior, a questão da emergência e análise das vozes que circulam no ato de pesquisa é ampliada pelos participantes. No excerto, a seguir, avalio a construção da argumentação como construção de efeito de sentido na narrativa-imagem, com vistas ao encontro com o outro – o leitor.

Quadro 19 – Encontro 7 – Grupo 1

1	Caio: <u>Quem me explicava isso era minha orientadora. Deixa eu ver se eu consigo te</u>
2	<u>explicar tão bem como ela me explicou. Não se preocupe de ser repetitiva em algumas</u>
3	coisas, não. Porque, assim, <u>a ideia é que a gente vai afunilando a informação. Então, as</u>
4	<u>vezes a gente parece que tá se repetindo, mas a gente não tá se repetindo. Porque a</u>
5	<u>gente defende alguma coisa quando tá escrevendo, as pesquisas da gente levaram a</u>
6	<u>gente a defender algumas posições. Você não tá levantando cartaz, você não tá</u>
7	<u>fazendo torcida, é diferente. Você está chegando a essas afirmações com base no</u>
8	<u>levantamento de dados. Então, por exemplo, você quer chegar a um ponto central, um</u>
9	exemplo, que é discutir a questão da solidariedade entre os estudantes, mas pra você
10	chegar até esse ponto central e chegar a essa conclusão aqui, muitas vezes, você vai se
11	repetir (...) <u>E aí, claro, que enquanto escritor, que a gente tem que ser escritor também,</u>
12	<u>quando tá produzindo um relatório... Obviamente que eu não vou entregar de mão</u>
13	<u>beijada, os dados, de uma vez só: “ah! A solidariedade era algo muito importante para</u>
14	<u>os estudantes”. Você vai construir pro seu leitor e construindo contigo aquela ideia de</u>
15	como a solidariedade era importante entre os estudantes, como eles se ajudaram,
16	nesse período. Aí isso é importante, de fazer isso, se repetindo, ok?
17	Eva: urrum!

A experiência de Caio como pesquisador que já vivenciou uma relação semelhante a que ele, hoje, vivencia com Eva ocupando um outro lugar (o de orientador), mais uma vez, baliza o discurso de aprendizagem do método enquanto vivência (linhas 1 e 2). Ele parece repetir esse movimento para criar uma

aproximação com Eva a cada vez que é necessário exercer claramente o seu papel de pesquisador mais experiente no papel de orientador.

Desta vez, é a questão da construção da argumentação no texto do relatório final que está em questão. Caio parece sugerir uma abertura à criação de uma circularidade discursiva no texto, de forma que a singularidade é pensada enquanto efeito da relação a ser estabelecida com o leitor: “Não se preocupe de ser repetitiva” (linha 2) e “a ideia é que a gente vai afunilando a informação” (linha 3). Desse modo, para Caio, a compreensão do texto pelo leitor não se dá de maneira linear, mas na circularidade da interpretação – na marcação discursiva dos infundáveis movimentos alteritários de distanciamento-familiaridade com o próprio fenômeno, com as referências históricas em termos de já-ditos por outros pesquisadores, com o leitor, com o próprio método de análise e consigo mesmo enquanto pesquisador que assume sua voz no texto de pesquisa. O movimento de idas e voltas com o outro e consigo mesmo, repetição (linha 2) e afunilamento (linha 3) da informação (nas palavras de Caio), marcam a unicidade do ser na pesquisa.

A singularização do ato de pesquisa é considerada em termos de marcação do ponto de vista no processo de escrita: “Porque a gente defende alguma coisa quando tá escrevendo” (linhas 4 e 5). Para Caio, as “posições” (linha 6) assumidas no texto se formam no processo de pesquisa: “as pesquisas da gente levaram a gente a defender algumas posições” (linhas 5 e 6). Defender uma posição é assumir um posicionamento valorativo, é imprimir a singularidade no texto de pesquisa como uma participação do ser em um “objeto” que fará parte de uma memória coletiva, cultural.

Por outro lado, Caio enfatiza a necessária atenção e escuta à complexidade de vozes envolvidas no texto de pesquisa e a não fazer valer, unicamente, a voz do pesquisador: “Você não tá levantando cartaz, você não tá fazendo torcida, é diferente. Você está chegando a essas afirmações com base no levantamento de dados” (linhas 6, 7 e 8). Nesse sentido, o movimento dialógico entre o ponto de vista²⁰ singular de Eva e a voz do próprio fenômeno são considerados por Caio

²⁰ É importante relembrar aqui que, como mencionamos na nota de rodapé 9, a questão do ponto de vista não é claramente definida por Bakhtin. Cunha (2015) nos lembra, no entanto, que “a noção está presente na sua concepção de realidade em movimento, de inacabamento, de heterodiscurso e do ser constituindo-se continuamente pelo discurso” (CUNHA, 2015, p.5)

como relevantes na construção argumentativa do texto. A questão do ponto de vista é encarada como contingente e perpassa a experiência de pesquisa, a vivência do método e o relacionamento com os “dados”. Não se trata, portanto, de um ponto de vista prévio fixo inerente ao pesquisador, mas de um ponto de vista em que o movimento e o relacionamento com o outro são seus fundamentos constitutivos.

Todo esse processo de construção da argumentação enquanto posicionamento valorativo é referido por Caio, mais adiante no diálogo, como um papel a ser exercido pelo pesquisador, o de escritor: “E aí, claro, que enquanto escritor, que a gente tem que ser escritor também, quando tá produzindo um relatório obviamente que eu não vou entregar de mão beijada, os dados de uma vez só” (linhas 11, 12 e 13). Esse também é um posicionamento a ser vivenciado por Eva, o de exercer o papel de escritora dentre os múltiplos papéis que ela pode assumir enquanto sujeito heterodiscursivo.

A participação responsável de Eva no ato é sugerida por Caio a partir da formação do ponto de vista que emerge do relacionamento com os “dados” (linha 8), a partir da forma pela qual Eva se apropria do outro para criar sua argumentação. A metáfora da *assinatura* ilustra aquilo que aproximaria, a pesquisa e o pesquisador, de um ato ético responsável. O ato de pesquisa de Eva é capaz de reativar e atualizar, nesse ínterim, a memória das notícias de jornais históricas (datadas) e de fazer movimentar, ao mesmo tempo, a sua própria história e de sua comunidade.

6.3 REFLEXÕES ACERCA DO PRÓPRIO ATO: MOVIMENTOS E TRANSFORMAÇÕES

As reflexões acerca do próprio ato, as avaliações e (re)orientações do ato de pesquisa, surgem em variados momentos do desenvolvimento da pesquisa, como vimos até aqui.: a busca do método, a criação de efeitos de sentido no texto, a necessidade de ampliação do horizonte conjuntural de compreensão, todos esses momentos são conduzidos por (re)avaliações constantes do caminho percorrido. Este tópico, por sua vez, tem uma razão específica de ser: os excertos selecionados para análise são fragmentos de diálogos em que há uma convocação a uma

avaliação da pesquisa como um todo, numa espécie de autoconfrontação com o próprio ato, nos momentos finais do desenvolvimento da pesquisa.

As análises sobre o próprio ato pressupõem um diálogo do pesquisador consigo mesmo, seguindo um movimento que coloca frente à frente o sujeito que está em transformação, um encontro do sujeito do passado, avaliado a partir dos seus discursos passados, com o sujeito do presente que analisa o hoje e projeta o futuro. A autoconfrontação do pesquisador em momentos finais do processo parece potencializar a compreensão de uma espécie de cronotopo de metamorfose. É essa dimensão do ato de pesquisa que analisaremos a seguir.

6.3.1 A avaliação como um momento de autoconfrontação

No dia 16 de março, em encontro do grupo 1 que ocorre após a entrega do relatório parcial, Caio propôs como objetivo da reunião a avaliação do relatório parcial (linha 1 do quadro a seguir). Para conduzir a avaliação, ele propõe a Eva uma autoavaliação (linha 4):

Quadro 20 – Encontro 4 – Grupo 1

1	Caio: a gente pensou nessa reunião, pra gente avaliar o relatório (...) aí eu te pergunto:
2	<u>como tu viu o teu relatório? O que é que tu acha que poderia ter melhorado? O que</u>
3	<u>avançou em relação ao primeiro? O que tu acha que poderia ter feito diferente? Como</u>
4	uma autoavaliação mesmo, né?
5	Eva: eu acho assim: <u>primeiro, em relação ao primeiro relatório, que eu consegui</u>
6	<u>comparar, relacionar mais as greves ao período e trazer todo o contexto de Recife, de</u>
7	<u>Pernambuco, e até alguns pontos do Brasil, também... que é importante pra gente</u>
8	<u>analisar isso, não ver só apenas como um movimento aleatório que aconteceu.</u>
9	Caio: Um caso isolado, né? Porque, embora a gente não teja analisando o Brasil todo, é
10	um contexto...
11	Ana: Totalmente dentro de um contexto
12	Caio: Eu concordo contigo. Em relação ao primeiro relatório que tu produziu – na
13	verdade, os dois, né? Porque no primeiro PIBIC foram dois - esse relatório, mesmo ele
14	sendo parcial, ele tá <u>melhor do que o final do outro.</u>
15	Eva: sim, eu percebi isso também.
16	Caio: melhorou em vários aspectos. Depois vou comentar contigo sobre esses aspectos.

As perguntas de Caio direcionam Eva a olhar para o processo vivido por ela na escrita do relatório parcial: “como tu viu o teu relatório? O que é que tu acha que

poderia ter melhorado? O que avançou em relação ao primeiro? O que tu acha que poderia ter feito diferente?” (linhas 2 e 3). As marcas temporais discursivas, utilizadas por Caio, dividem a atividade de Eva em temporalidades anteriores: primeiro, a escrita do relatório parcial entregue um mês antes e, segundo, a escrita do relatório escrito no projeto do ano anterior (referido por Caio como o “primeiro”, linha 3). Essas referências são observadas principalmente com o emprego dos verbos no passado para marcar a temporalidade desses dois momentos iniciais e não a temporalidade em que a avaliação está sendo realizada.

Dentre as perguntas de Caio, uma delas conduz Eva perceber o seu aperfeiçoamento enquanto pesquisadora, visto que a palavra empregada por ele, “avançou” (linha 3), remete a uma avaliação positiva do processo: “O que avançou em relação ao primeiro?” (linha 3). É justamente a essa pergunta que Eva responde primeiro: “primeiro, em relação ao primeiro relatório, que eu consegui comparar, relacionar mais as greves ao período e trazer todo o contexto de Recife, de Pernambuco, e até alguns pontos do Brasil, também... que é importante pra gente analisar isso, não ver só apenas como um movimento aleatório que aconteceu.” (linhas 5, 6, 7, e 8). Eva, então, chama atenção para a questão da ampliação do contexto conjuntural do período e da época como base fundamental para a análise da contingência das notícias de jornais relacionadas à greve. Ela parece avaliar esse movimento positivamente no seu processo de mudança e busca metodológica, com o uso da palavra “importante”.

Após a autoavaliação de Eva, Caio faz a sua avaliação do processo descrito por ela: “melhor do que o final do outro” (linha 14). Caio refere, assim, uma transformação positiva da pesquisadora Eva que ele, como pesquisador mais experiente, tem autoridade para ratificar.

Se pensarmos em transformações e na temporalidade envolvidas no processo da pesquisa, é impossível determinar para ela um começo e um fim específicos. Gilberto Gil, em seu livro de entrevistas *Disposições Amoráveis* (2015), responde a perguntas de uma espécie de entrevista, dizendo: “não sou de dizer: deixa eu elaborar alguma coisa a respeito do que eu acho. Gosto do modo espontâneo de responder como o momento me diz. Deixando margem para que amanhã (eu) possa responder de forma diferente àquilo que hoje respondo desta

forma” (GIL e OLIVEIRA, 2015, p.11). Essa imagem poética auxilia-nos a pensar que a margem da transformação é, na realidade, sempre fluída e contínua.

Por outro lado, esse tipo de atividade de autoconfrontação consegue demarcar uma fronteira importante para qualquer avaliação de aprendizagem e de desenvolvimento da pesquisa: o tempo do antes e o do a partir de agora (momento da enunciação). A enunciação da avaliação que coloca duas faces de si mesmo, em temporalidades diferentes, em diálogo abre caminho para a ressignificação do ato e para que se possam criar maneiras mais adequadas de ação em uma pesquisa.

No quadro 21, a seguir, que dá continuidade ao quadro anterior, Caio refaz a pergunta que orienta Eva a se posicionar com relação ao que ainda pode ser melhorado (linhas 17 e 18), ou seja, a se autoconfrontar com os pontos negativos do relatório parcial.

Quadro 21 – Encontro 4 – Grupo 1 (continuação do quadro anterior)

- | | |
|----|---|
| 17 | Caio: <u>e o que tu acha que tu poderia melhorar nesse relatório com relação ao que tu</u> |
| 18 | <u>fez agora?</u> |
| 19 | Eva: Primeiro, em relação à pesquisa: <u>ter mais greves, deveria ter trazido mais greves.</u> E |
| 20 | também iniciar com os gráficos. |
| 21 | Caio: É. Eu te digo uma coisa, eu não sei nem os gráficos. Mas assim, <u>o relatório que</u> |
| 22 | <u>você produziu, de dados – de dados - tá pobre. A análise, assim, tu tirou leite de pedra.</u> |
| 23 | Tu tinha o quê? Tu tinha 10 greves? |
| 24 | Eva: 10 greves... |
| 25 | Caio: tu conseguiu fazer uma análise de 10 greves. Tudo bem que o primeiro relatório |
| 26 | final era uma quantidade semelhante, assim. Mas ali era o quê? Foram os dados que só |
| 27 | trouxeram pra gente aquela quantidade de greve. Nesse momento agora a gente tem |
| 28 | mais greves... |

Neste segundo excerto, os participantes posicionam-se com relação a uma temporalidade diferente: do porvir, do projeto. A comparação feita por Caio refere-se ao relatório que *está sendo* escrito como final (“nesse relatório”, linha 17) e o que foi escrito como parcial (“o que tu fez agora”, linha 18). Pode-se observar que o foco da avaliação continua o mesmo: “melhoria” (linha 17). Eva responde que “deveria ter trazido mais greves” (linha 19), o que nos faz crer que, para ela, o relatório parcial careceu de uma base de dados mais substancial.

Cabe destacar, ainda, que esse momento da atividade de autoconfrontação discursiva permitiu-me dimensionar a importância que o movimento e a transformação do próprio ato de pesquisa tiveram para reorientar as ações futuras dos pesquisadores. Nesta perspectiva, pode-se observar que, ao tomarem consciência do movimento *passado*, conduzido por eles, no processo da pesquisa, pode corroborar para projetar um movimento voltado, agora, para o futuro. Isto foi possível graças aos diálogos instaurados entre os participantes da pesquisa e que ocorreram sempre de forma circular, o que tornou possível, aproximá-los de uma experiência do pensamento com a linguagem.

6.3.2 Avaliação final: a pesquisa como caminho de transformações

No tópico anterior tratamos das reflexões acerca do próprio ato e das implicações de uma atividade de avaliação de autoconfrontação para a ressignificação do ato de pesquisa, notadamente do método. Neste tópico, selecionamos um excerto de uma interação que ocorreu entre Caio e Eva via *whatsapp* no dia 9 de Agosto de 2018 (Figura 3), após a finalização da última leitura de Caio da versão do relatório final.

Figura 4 – *Whatsapp* - Grupo 1

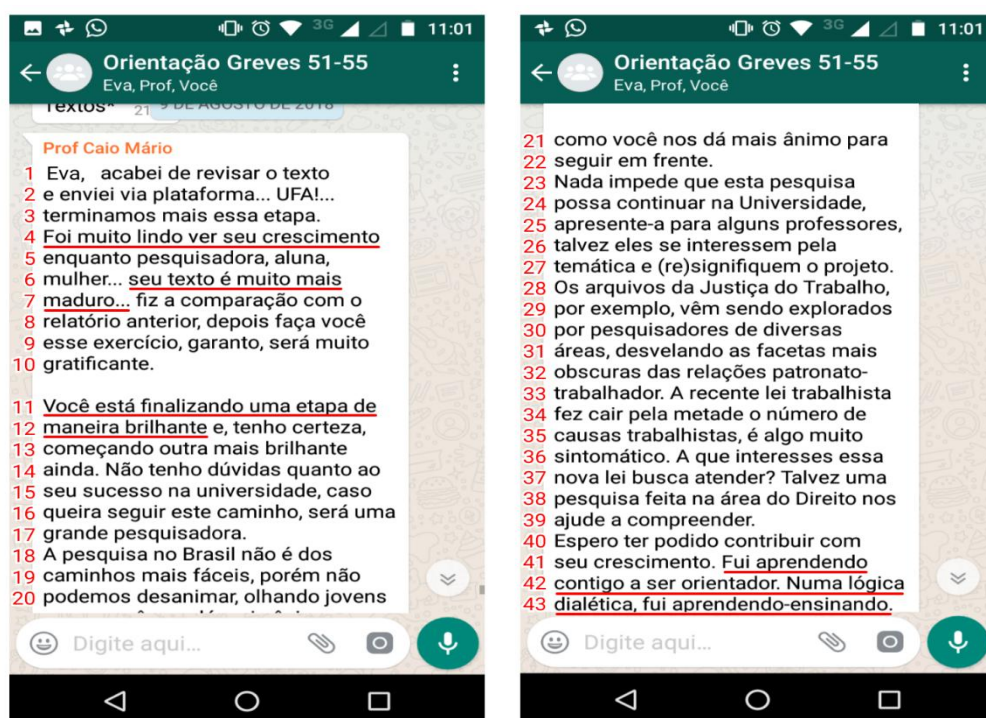


Figura 5 – Whatsapp - Grupo 1 (Continuação da figura anterior)



A avaliação de Caio aborda justamente o crescimento e a transformação de Eva ao longo de todo processo da pesquisa desenvolvida de maneira dialógica entre eles. Diferentemente do que pode-se observar nos diálogos dos Quadros 20 e 21, do tópico anterior, neste momento de finalização, Caio lança mão de um excedente de visão privilegiado na sua avaliação, um olhar exotópico que só é possível graças ao acesso à gênese do todo da pesquisa a partir de seu acabamento.

Na realidade, o acabamento é criado por Caio para que ele possa avaliar uma transformação. Se, por um lado, a arquitetônica das relações do ato ético é sustentada no ato concreto, na vida de fato vivida essencialmente inacabada, a observação de uma transformação necessita de um ponto de olhar para um todo inteligível. Caio avalia positivamente as transformações de Eva: “Foi muito lindo ver teu crescimento” (linha 4), “seu texto é muito mais maduro” (linhas 6 e 7), “você está finalizando uma etapa de maneira brilhante” (linhas 11 e 12). Todas as suas avaliações estão circunscritas a uma temporalidade que cria o espaço de seu discurso, um cronotopo da pesquisa que corresponde à relação entre eles, em torno

da pesquisa, no ciclo de dois projetos consecutivos. É também a essa relação que Caio atribui uma transformação dele mesmo, no papel de orientador: “Fui aprendendo contigo a ser orientador. Numa lógica dialética, fui aprendendo-ensinando” (linhas 41, 42 e 43)

Obviamente, uma vez que se trata de uma compreensão da experiência cuja forma de acabamento é criada na linguagem por um excedente de visão temporalizado, esse acabamento pode transbordar, ou seja, uma vez que os participantes continuam vivendo e interagindo, não há como eliminar o inacabamento por completo. Eis o ponto no qual a projeção de possibilidades é aberta no discurso de Caio: a possibilidade de que Eva continue explorando o tema pesquisado no Ensino Superior é tematizada por ele na continuidade do seu enunciado: “Nada impede que esta pesquisa pesquisa possa continuar na Universidade, apresente-se para alguns professores, talvez eles se interessem pela temática e (re)signifiquem o projeto” (linhas 23 a 27).

A resposta de Eva aborda justamente essa dimensão da compreensão da pesquisa a partir do seu acabamento. Só agora, no final do projeto, Eva é capaz de avaliar suas transformações a partir de um olhar exotópico avaliativo acerca do seu próprio processo. Ao mesmo tempo, a experiência vivenciada por ela parece abrir caminhos de projeções, no devir: “Esse relatório não é o único resultado obtido desses anos de pesquisa... A minha admiração pela luta trabalhista perdurará para sempre. Tenho certeza que esse PIBIC influenciará nas minhas decisões no curso superior, porque acima de tudo ele marcou a minha vida” (linhas 6 a 13). Eva parece avaliar, desse modo, a compreensão da experiência, cujo ciclo analisado acaba no relatório, como inacabada no âmbito de sua vida estudantil.

De fato, o cronotopo da pesquisa como espaço de transformações, criado no diálogo entre Caio e Eva, é um discurso que configura o modo da experiência de pesquisa vivenciado por eles em um contexto temporal determinado. Mas, além disso, esse contexto temporal não representa apenas o tempo cronológico marcado pelo projeto de pesquisa. Trata-se de uma temporalidade na qual também estão inseridos desdobramentos, de recriação de novas relações que sustentam o mundo da vida de fato vivida.

6.4 DIÁLOGOS DOS PARTICIPANTES COM A PESQUISADORA

Tratamos da reponsabilidade ética do pesquisador, do ato de criação envolvido em todo ato de pesquisa, do *cronotopo do campo* e das relações que nele se estabelecem ao longo do nosso estudo. Discutimos, no capítulo sobre a vivência do método e no início deste capítulo a questão da participação da voz do pesquisador na pesquisa: o campo só existe mediante as relações alteritárias que nele se estabelecem.

É a presença da pesquisadora, no campo, que faz com que o fenômeno desta tese seja o que é. É impossível conceber esse fenômeno fora da arquitetura da relação dos participantes com a pesquisadora em campo. Dito isto, neste cronotopo, selecionamos alguns dos movimentos discursivos dos participantes direcionados diretamente à figura da pesquisadora que marcam essa consciência do olhar externo na palavra dita.

É importante ressaltar que, com esta seleção, não estamos restringindo a consciência da presença de um outro que analisa, por parte dos participantes, a esses momentos de interação direta com a pesquisa. Lembrando Amorim (2004), “a presença do pesquisador é concebida como uma intervenção” (AMORIM, 2004, p. 277) e, portanto, as ações se dão na dinâmica dessa relação entre pesquisadora e participantes no período de um ano.

Também é preciso dizer que muitas outros diálogos ocorreram entre pesquisadora e participantes, sobretudo em momentos não registrados por vídeo, como momentos de chegada, acomodação e despedida. Esses diálogos me fizeram perceber que, em um ano, sentíamo-nos cada vez mais confiantes e à vontade na presença um do outro, o que permitiu, na minha avaliação, alguns dos diálogos registrados a seguir.

6.4.1 Demonstrando preocupação com a compreensão da pesquisadora

No dia 16 de março de 2018, o encontro entre Caio e Eva (grupo 1) ocorreu em um espaço diferente de todos os outros. A sala na qual os grupos costumavam se reunir estava ocupada em horário de almoço e, então, Caio sugeriu que nos

encaminhássemos para a Sala dos Professores. Chegando lá, havia bastante movimento e circulação de pessoas, mas o encontro foi arranjado mesmo assim. A câmera foi posicionada bem próxima aos participantes na tentativa de excluir da imagem as pessoas que passavam no momento.

Durante a reunião, Caio e Eva precisaram também falar mais baixo e deram andamento à avaliação do relatório parcial, como era a proposta da reunião. Percebi um olhar de estranhamento das pessoas que estavam na sala, provavelmente funcionários do Instituto, à presença de uma pessoa portando uma câmera filmadora. Mesmo assim, os grupos continuaram o que estavam fazendo, conversando em tom alto, sem questionar. Nesse contexto, em um momento específico do diálogo entre Caio e Eva, Caio se dirige diretamente à pesquisadora:

Quadro 22 – Encontro 4– Grupo 1

- | | |
|---|---|
| 1 | Caio: <u>Eu espero que tu consiga escutar isso depois, visse? Porque ele ali acho que tá</u> |
| 2 | <u>falando mais alto que eu aqui...</u> |
| 3 | (...) |
| 4 | Caio: <u>Pessoal, isso aqui é só um trabalho de doutorado, viu? Não vai ser divulgado em</u> |
| 5 | <u>lugar nenhum, não</u> |
| 6 | Thaís: <u>É, eu não vou divulgar a fala de ninguém.</u> |

Caio orienta seu discurso diretamente à pesquisadora, o que faz com que o fato de estarem sendo filmados seja posto em evidência: “Eu espero que tu consiga escutar isso depois, visse? Porque ele ali acho que tá falando mais alto que eu aqui” (linhas 1 e 2). Ao mesmo tempo, ele parece demonstrar uma preocupação com o que está sendo gravado, o que avaliei como um acolhimento a minha presença e um compromisso com sua participação e seu papel de participante.

Em seguida, Caio se dirige às pessoas da sala como forma de justificar minha presença com um aparato que causou estranhamento: “Pessoal, isso aqui é só um trabalho de doutorado, viu? Não vai ser divulgado em lugar nenhum, não” (linhas 4 e 5). Com isto, Caio parece assumir a responsabilidade sobre a presença da pesquisadora, que é um ente externo à instituição, e sobre o compromisso ético assumido acerca do sigilo de identidade e de divulgação, o que é retificado pela pesquisadora (linha 6). As pessoas presentes na sala não responderam e continuaram o que estavam fazendo, o que interpretei como uma certa indiferença à

nossa presença, tendo em vista o fato de não terem se preocupado com o volume de suas vozes e de ignorarem o discurso de Caio.

6.4.2 Chamando a atenção da pesquisadora para a discussão de uma temática

No dia 23 de maio de 2018, no sexto encontro do grupo 1, Caio se posiciona com relação à ocorrência de uma notícia específica que, apesar de não se encaixar nas categorias que Eva tinha estabelecido, até então, revela uma ocorrência com ar de novidade para a sociedade da época.

Quadro 23 – Encontro 6 – Grupo 1

1	Caio: <u>Mas essa aqui eu achei fantástica, arranja um jeito de colocar, Eva?</u>
2	Eva: Qual?
3	Caio: Não aqui (apontando para a tabela em andamento)... <u>Esse <i>lockout</i>.</u>
4	Eva: ah, sim, sim...
5	Caio: Sabe por quê? <u>Olha que coisa interessante! Thaís, escuta isso...</u>
6	Thaís: tou ouvindo tudo..
7	Caio: Proprietário de empresas de motoristas, não, proprietário de pequenas empresas
8	de ônibus aqui em Recife, eles fizeram greve para aumentar a passagem em 30
9	cruzeiros. Olha o que eles fizeram, os proprietários, mandaram esvaziar os pneus dos
10	próprios carros como mecanismo de pressão. <u>Isso aqui é fantástico, sabe Eva?</u>
11	<u>Porque, por exemplo, e se fossem os trabalhadores?</u>
12	Eva: É...
13	Caio: que tivessem entrando em greve por aumento de salário, será que eles iam
14	permitir furar pneu?
15	Eva: Exatamente. E nem conseguir os objetivos.

Caio avalia a notícia positivamente (“mas essa aqui eu achei fantástica”- linha 1) e demonstra interesse de que Eva aborde essa ocorrência de “greve” diferente, por se tratar de um *lockout* (linha3): “arranja um jeito de colocar, Eva?”(linha 1). É no contexto de surpresa por se deparar com um tipo de discurso que foge à regularidade dos discursos sobre greves nos jornais que Caio se dirige a esta pesquisadora: “Olha que coisa interessante! Thaís, escuta isso...” (linha 4).

Interpreto esse gesto de Caio como um convite a participar da reflexão que ele desenvolveu na sequência. Nesse sentido, avalio que, para Caio, o olhar externo da pesquisadora não é também estático ou mudo, mas é um olhar com o qual ele deliberadamente dialoga. O convite à participação também adquire um sentido diferente considerando que, no mesmo dia do encontro, iniciava-se, no Brasil, uma

greve de caminhoneiros cuja participação dos proprietários dos ônibus era especulada. Nesse sentido, considero que fui, deliberadamente e marcadamente, assimilada ao discurso de Caio, como um centro valorativo, como uma pessoa que participa e partilha de uma comunidade temporal comum.

A atenção especial de Caio à notícia do *lockout* abre caminho para múltiplos sentidos na compreensão dos confrontos entre passado e presente, entre trabalhadores e empresários: “Isso aqui é fantástico, sabe Eva? Porque, por exemplo, e se fossem os trabalhadores?” (linhas 10 e 11). A luta de vozes sociais e a ressignificação de uma notícia de um tempo diferente, que se assemelha com a notícia do presente, é posta em análise por Caio. Essa tarefa parece inserir-se na compreensão, a partir do excedente de visão de quem cria a narrativa de pesquisa, das transformações (mudanças ou continuidades) de uma determinada comunidade.

6.5 DESDOBRAMENTOS SINALIZADOS

A pesquisa é vista, neste estudo, como uma ação singular e única da vida vivida, que inclui o acabamento de um texto como um objeto do mundo da cultura. De acordo com Amorim (2009), “ para que um objeto cultural continue vivo é necessário que ele receba a possibilidade de regenerar-se e participar de uma vida renovada” (AMORIM, 2009, p. 22).

Quando estamos em campo, o que experienciamos não é a realidade, mas o encontro com outro. Dito isto, é impossível antecipar de que maneiras o texto de pesquisa poderá ser renovado em suas atualizações futuras. Por isso mesmo, nos detemos a analisar exclusivamente as atividades incluídas no ciclo institucional de duração do projeto, que é 12 meses. Por outro lado, nesse período, possibilidades de desdobramentos do relatório de pesquisa foram discutidos pelos participantes. Uma vez que essas possibilidades são sinalizadas discursivamente, consideramos que elas podem ser analisadas como um momento constituinte (enquanto um projetar-se) do ato de pesquisa circunscrito na temporalidade de nossa análise.

6.5.1 A semana de ciência e tecnologia

No dia 15 de setembro de 2017, no final da reunião do Grupo 2, aquilo que Rubens, Sofia, Fabiana e Babi discutiam reverberou em uma questão central da nossa pesquisa. Era o início dos nossos encontros e a reflexão levantada por eles encontrou o confronto com a inquietude que perpassa o ato responsável do pesquisador nesta pesquisa: qual o lugar das Ciências Humanas na dinâmica social e política que ainda considera a ciência de maneira vinculada à exatidão dos seus resultados?

No excerto a seguir, Rubens menciona o evento institucional da *Semana Nacional de Ciência e Tecnologia*, que ocorreria no mês de outubro no Instituto:

Quadro 24 – Encontro 1- Grupo 2

- | | |
|---|---|
| 1 | Rubens: <u>É, eu tou me infiltrando um pouco agora na organização pra poder dar uma...</u> |
| 2 | <u>tava conversando com o pessoal do grupo aqui, pra dar tempo participar da semana de</u> |
| 3 | <u>ciência e tecnologia... mas aí chega e faz: o tema geral é “a matemática está em tudo”.</u> |
| 4 | <u>Ai eu relaxo mesmo...</u> |
| 5 | ((Risos)) |
| 6 | Rubens: <u>vamos fazer então um quadro estatístico...</u> ((em tom de brincadeira)) |

Ele sugere o interesse em participar do evento em conversas com o grupo “aqui”(linha 2). Este grupo de pesquisa, por ele mencionado é vinculado ao CNPq, do qual outros professores de História e seus respectivos orientandos participam. No entanto, o tema do evento no ano de 2017 é “A matemática está em tudo”, o que impossibilita, na visão de Rubens, uma adesão por parte daquelas pesquisas que não comportem a exatidão matemática. Nesse sentido, ele fala, em tom de brincadeira, que seria necessário fazer um quadro estatístico.

Neste diálogo, Rubens reflete, em seu acento valorativo, acerca da impossibilidade de um tema como este abranger as pesquisas relacionadas às Ciências Humanas. Rubens, então, expressa uma preocupação em inserir-se na organização “para poder dar uma...” (linha 1). Apesar de não terminar seu enunciado, ele faz, nesse momento, um gesto com a mão, como que acenando para um caminho, uma estrada. Tal gesto parece sugerir que ele tem a intenção de

intervir na abertura de caminhos para que as pesquisas de sua área também possam ter um espaço de visibilidade.

Este ato gestual simbólico é complementado no excerto a seguir, após ele ter mencionado que procurara os responsáveis pela organização, no ano de 2017, que eram professores da área das Ciências Exatas:

Quadro 25 - Encontro 1 – Grupo 2

7	Rubens: <u>E chegaram e disseram: quer participar? Eu disse: quero... Pra tentar puxar,</u>
8	<u>dar alternativas...Porque se vocês quiserem focar na pesquisa agora, devia ter alguma</u>
9	<u>coisa voltada para as Humanidades, pras Ciências Sociais... é isso que a gente tem que</u>
10	<u>fazer. Daí, ciência e tecnologia, pra se inscrever tem que tá ligado ao tema mas, se for</u>
11	<u>fazer, vou fazer uma gambiarra com a pesquisa da gente pra adaptar pra encaixar?</u>

Percebo, pelo discurso de Rubens, uma inquietação a partir do estabelecimento de um tema que exclui a possibilidade de participação de trabalhos voltados às Ciências Humanas no evento: “devia ter alguma coisa voltada para as Humanidades, pras Ciências Sociais...” (linhas 8 e 9). Nesse momento, ele assume a responsabilidade, como pesquisador da área, de participar ativamente das decisões que envolvem a definição do tema do evento: “é isso que a gente tem que fazer” (linha 9), “E chegaram e disseram: quer participar? Eu disse: quero” (linha 1).

A crítica de Rubens é fundada a partir de seu posicionamento valorativo de uma exclusão que acaba por apagar a voz dos pesquisadores da área: “pra se inscrever tem que tá ligado ao tema mas, se for fazer, vou fazer uma gambiarra com a pesquisa da gente pra adaptar pra encaixar?” (linhas 10 e 11). Essa reflexão de Rubens dialoga diretamente com a temática da nossa pesquisa e, por ter ocorrido justamente no dia do primeiro encontro, ajudou-me a ajustar o olhar para o nosso fenômeno. De fato, a pesquisa em Ciências Humanas ainda parece precisar batalhar por espaço nos discursos que circulam na academia acerca do que é a ciência.

Esse diálogo estimulou a reflexão que empreendi acerca da ciência moderna, no capítulo 4, e sobre o quanto ainda está enraizado o pensamento de que a ciência é aquilo que se apresenta meramente como resultados atrelados à exatidão. A tecnologia, por sua vez, ainda parece ser uma temática associada diretamente à matemática, excluindo-se, muitas vezes, do seu âmbito de interesse questões sociais e éticas.

Neste excerto, Rubens deixa clara a sua intenção de tornar as suas pesquisas públicas, de acessar um espaço de encontro com o outro dentro da própria instituição, convocando as pesquisadoras participantes a se engajarem no processo. Foi interessante perceber uma transformação dessa situação no período dos ciclos de encontros nos quais estive presente, como veremos a seguir.

Após essa conversa com a comissão organizadora, Rubens, de fato, ingressou na comissão organizadora do evento. Para o ano seguinte, 2018, o tema definido foi: A Ciência e a Tecnologia para a Redução das Desigualdades. No dia 24 de dezembro de 2017, Rubens estimula, então, as pesquisadoras a apresentarem suas pesquisas no evento que ocorreria em outubro do ano seguinte.

Figura 6 – Whatsapp - Grupo 2



A proposta de Rubens é de que ele, juntamente com as pesquisadoras, possam pensar uma forma de apresentar as pesquisas na Semana Nacional, tentando aproximar a ciência do público geral (linhas 9 e 10). Para isto, Rubens sugere que as pesquisadoras encontrem um outro caminho de linguagem no encontro com seus espectadores possíveis. Todo o diálogo que se desenvolve, em seguida, gira em torno de projeções para a apresentação.

Como o nosso propósito, neste tópico, é de apenas mostrar que a pesquisa, muitas vezes, não tem um único fim de apresentar um relatório, não me detenho a analisar todos os enunciados. A minha intenção, aqui, é de mostrar que, embora o ato de pesquisa seja sempre circunscrito a uma temporalidade, os desdobramentos sinalizados são inerentes ao inacabamento de todo ato concreto e, assim, podem representar uma projeção no devir.

6.6 CONIC

O outro desdobramento sinalizado pelos participantes ao longo dos nossos encontros foi o Congresso de Iniciação Científica (CONIC). O CONIC faz parte de um dos compromissos assumidos pelos pesquisadores ao ingressarem no PIBIC EM. O evento foi mencionado, especialmente, após a entrega dos relatórios finais, como observamos nas duas figuras a seguir:

Figura 7 – Whatsapp - Grupo 2

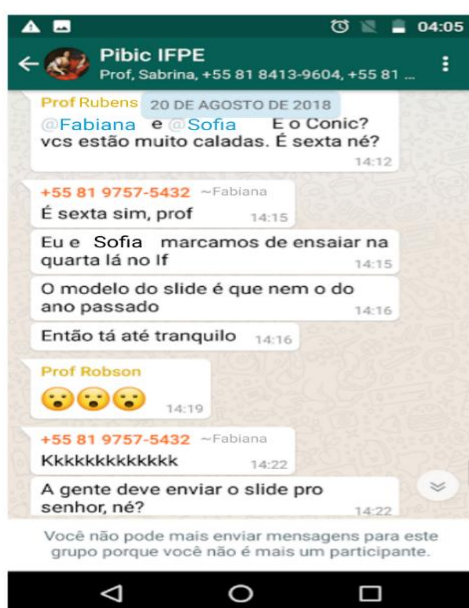
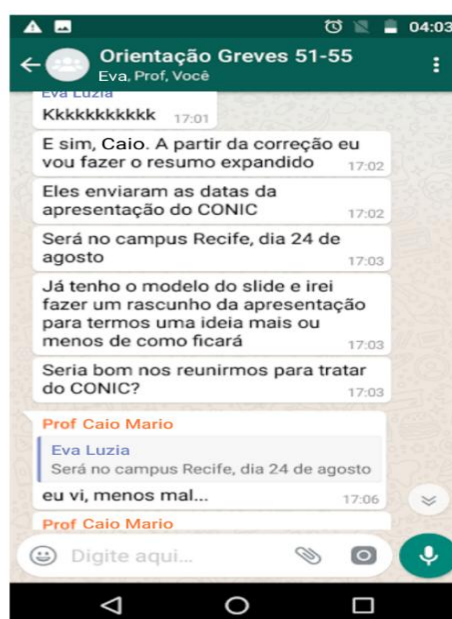


Figura 8 – Whatsapp - Grupo 1



Apesar do CONIC estar circunscrito às atividades a serem cumpridas pelos pesquisadores no âmbito do PIBIC EM, por se tratar de um evento aberto, com participação de outros pesquisadores, considere-se haver um impedimento ético relativo ao consentimento de participação de outras pessoas nesta pesquisa. Por esse motivo, mencionamos o CONIC com o mesmo intuito do tópico anterior: como apontamento de um desdobramento sinalizado nos discursos dos pesquisadores.

Neste desdobramento, ara além da projeção no devir que analisei na *Semana Nacional*, avalio a dimensão política de um evento desse tipo para a comunidade institucional. O evento ocorreu de 21 a 24 de agosto no instituto, que publicou, no site da instituição, a seguinte notícia:

A manhã desta terça-feira (21) foi marcada pelo início dos eventos voltados para a produção científica do IFPE: o 13º da instituição e a segunda edição do Encontro de Pesquisadores começaram com a presença de estudantes, pesquisadores e gestores de diferentes unidades da instituição, reunidos para celebrar o crescimento e a importância da pesquisa no Instituto.

(...)

“Este CONIC, realizado no ano em que se comemoram os 10 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, representa não só resultados vitoriosos mas também resistência. A ciência dialoga diretamente com, por exemplo, a luta pelos direitos dos cidadãos, das minorias. Ao estarmos numa instituição de educação pública, gratuita, laica e de qualidade, lutamos por isso – e uma parte importantíssima disso se dá na pesquisa científica”, salientou a reitora.

A partir da leitura desta notícia, de acesso público e irrestrito na página <https://portal.ifpe.edu.br/noticias/conic-2018-sera-realizado-de-21-a-24-de-agosto>, avalio que, na realidade, os desdobramentos das pesquisas realizadas no instituto ultrapassam, para além de qualquer outra pesquisa que se proponha a analisá-las, as fronteiras da relação orientador-orientandos. A própria instituição assume, sob a forma de uma voz coletiva, posicionamento valorativo publicamente e positivamente sobre o PIBIC: “reunidos para celebrar o crescimento e a importância da pesquisa no Instituto”.

Nas palavras da reitora, a pesquisa científica no instituto representa não apenas a popularização de seus resultados, mas “dialoga diretamente com, por exemplo, a luta pelos direitos dos cidadãos, das minorias. Ao estarmos numa instituição de educação pública, gratuita, laica e de qualidade, lutamos por isso – e uma parte importantíssima disso se dá na pesquisa científica”.

O discurso da reitora avalia a atribuição de sentidos para o fazer científico em uma dimensão ampliada do encontro com o outro. O movimento de alteridade que identifica o ato de pesquisa científica é ressaltado em seu acento valorativo, destacando-se a vocação identitária de resistência. Para ela, a ciência gera diálogos de luta e confronto na arena de vozes sociais. Desse modo, a história da própria comunidade, do instituto, das escolas públicas, gratuitas, laicas e de qualidade, é (re)inserida no interior da ciência.

Avalio que, no referido enunciado, o posicionamento da instituição e da reitora, acabaram por formar, de maneira totalmente imprevista, um coro de vozes que confere, ao nosso estudo, um sentido essencial acerca do que é a ciência, no que corrobora com o pensamento heideggeriano: “o crescimento interno da história em uma determinada geração” (HEIDEGGER, 2009a, p. 42).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma pesquisa, é impossível determinar o início e o fim do processo de reflexão ou circunscrever todos os desdobramentos, científicos e pessoais, que dela podem decorrer. Porém, uma vez dado o acabamento da escrita, é possível percorrer os caminhos de resignificação vivenciados pelo pesquisador na singularização do processo de escrita. Nesse sentido, o caminho desta pesquisa seguiu o movimento de integração entre historicidades singulares: da pesquisadora, dos participantes envolvidos e aquelas que emergiam dos fenômenos históricos estudados.

Meu ponto de partida foi a linguagem na arquitetônica do ato ético, as relações de valores que se estabeleciam entre o eu e outro e a centralidade da estruturação histórica na vida do ser humano. Com essa consideração fundamental, avalei a pesquisa, enquanto fenômeno de linguagem, como um ato ético responsável no qual a participação única, irrepetível e singular do ser abre caminho para o ato de pensamento. De acordo com Heidegger (2009a), toda experiência é ancorada em uma temporalidade. Dessa maneira, acreditamos que a tematização do ser histórico no ato de pesquisa abre caminho para uma reflexão acerca da essência da ciência, tal como discutido por Heidegger (2009a).

Assim, retomei, pois, a indagação heideggeriana acerca da essência da ciência para repensar o método nas Ciências Humanas enquanto tematização da própria história do ser. Nesse contexto, o aporte da fenomenologia fez-se necessário justamente porque os seres-aí estão ocultos pela tradição, na cotidianidade, e por teorias que determinam, previamente, o *ser* como *objeto* no fazer científico. Assim, pareceu-me que a abertura para a saga daquilo que se mostra, no acontecimento, a caminho da linguagem, reside e advém da própria abertura histórica propiciada pelo ser.

Com isto, formulei um questionamento primordial, a partir de uma tentativa de me afastar dessa consideração do fenômeno enquanto objeto mudo e de analisar o ato de pesquisa a partir da escuta da saga daquilo que se mostra no caminho, a saber, os modos de acontecimento do ato de pesquisa que o aproximam de uma experiência pensante com a linguagem.

Para compreender o fenômeno, aproximei-me do desenvolvimento de pesquisas no quadro do PIBIC EM, acompanhando dois grupos com pesquisas vinculadas à área de História, no período de um ano. A escolha do Ensino Médio foi motivada pela expectativa de que aquele parecia ser um momento da formação educacional no qual a pesquisa é ainda uma atividade pouco explorada. Ou, quando é trabalhada, muitas vezes, ocorre o apagamento da voz do pesquisador, para que o *rigor científico* seja preservado. De fato, só foi possível constituir um campo para acompanhar pesquisadores no Ensino Médio em um quadro institucional como o PIBIC EM que, por sua vez, além de realizar criteriosa seleção de seus pesquisadores, é um programa restrito a determinadas instituições escolares.

De todo modo, a pesquisa realizada por pesquisadores jovens, fora do contexto do Ensino Superior e, principalmente, com pouca ou nenhuma experiência em pesquisa, pareceu-me ser a melhor escolha para que eu pudesse compreender, afinal, como a pesquisa se desenvolvia naquele contexto, o que foi possível através da interpretação de seus modos de acontecimento, levando-se em consideração a arquitetônica do ato ético. Assim, ao manter-me aberta para ouvir/ver além daquilo que já esperava encontrar, no decorrer da pesquisa, perguntei-me o que restaria, ainda, a compreender sobre ela?

A resposta para essa pergunta se configurou no próprio caminho de aproximação com o fenômeno: a pesquisa, analisada na dinâmica do ato ético responsável, não é sempre uma atividade na qual lançamos mão de uma metodologia pronta para enquadrar elementos em categorias determinadas previamente. O seu modo de acontecimento fundamental é o diálogo com a palavra do outro.

Nesse sentido, criei, a partir da noção bakhtiniana de cronotopo (BAKHTIN, 1998) em uma transposição metodológica proposta por Amorim (2006), o nosso campo como um espaço cronotópico. A partir dele, emergiram cronotopos secundários de análise acerca dos modos de acontecimento do ato de pesquisa. Tratavam-se, pois, de cronotopos que emergiam do *cronotopo de campo*, os quais dialogavam entre si, formando o *todo* da experiência de pesquisa partilhada pelos participantes a partir do olhar exotópico da pesquisadora.

Os cronotopos, emergentes do campo, centrais para o nosso trabalho foram, portanto: 1- a compreensão do horizonte conjuntural; 2- a busca do método; 3-

reflexões acerca do próprio ato; 4- diálogos dos participantes com a pesquisadora e 5- desdobramentos sinalizados. Esses foram os momentos constitutivos do ato de pesquisa em Ciências Humanas que emergiram do nosso campo. Cabe destacar que eles não constituíam momentos estanques, mas se entrecruzavam e se interpenetravam.

Com relação a esses cronotopos, a *busca do método* revelou-se como a espinha dorsal do desenvolvimento das pesquisas, tendo em vista que os participantes não trabalharam de maneira instrucional, com a eleição prévia de categorias de análise ou com determinação prévia de uma forma textual a ser preenchida por um conteúdo. Ao contrário, a busca do método, juntamente com os outros momentos constitutivos que circularam em torno dela, deu-se no caminho da experiência. Essa experiência pressupõe percorrer o caminho daquilo que ainda não foi conhecido, daquilo que ainda é digno de uma experiência de pensamento.

Fazer, pois, uma experiência pensante com a linguagem no ato de pesquisa é vivenciar a abertura da palavra na busca de caminhos pelo *método*, a partir daquilo que ela (a palavra) nos concede, daquilo que ela nos oferece a partir das relações que estabelecemos com ela. Assim sendo, é no encontro com a palavra do *outro*, através da escuta atenta, que se dá o diálogo com o fenômeno. E é desse diálogo que emerge o modo de ser da pesquisa: um encontro de vozes orquestrado pela voz do pesquisador.

A voz do pesquisador é o horizonte e o limite da análise dos textos pesquisados que se dão a conhecer/compreender. Ela é também o horizonte e limite da sua atividade de escrita, ressoa no acabamento e na singularização do texto de pesquisa enquanto criação, considerando-se a uma posição exotópica assumida, pelo pesquisador, responsavelmente. É esse acabamento de um texto que se dá a conhecer que possibilita, ao leitor, acompanhar os movimentos e as transformações vivenciados em campo.

Em nosso estudo, essas transformações foram analisadas a partir do discurso dos próprios participantes em momentos de autoconfrontação e de reflexão acerca do próprio ato. A questão do inacabamento, que ultrapassa os prazos institucionais de uma pesquisa, também foi analisada a partir de sinalizações discursivas a projetos e perspectivas futuras.

Uma vez que a análise do ato de pesquisa, no âmbito da arquitetônica do ato ético, não se ateve à mera observação de regularidades e da generalização de *dados/resultados*, defrontei-me com o desafio de superar um discurso científico-tecnológico ainda fortemente vigente na academia, de assumir a singularidade do ato como aspecto essencial do desenvolvimento da pesquisa, notadamente na área das Ciências Humanas. Esse desafio foi vivenciado, por exemplo, pelos próprios participantes em momentos em que precisaram se posicionar ativamente para que os suas pesquisas ocupassem espaços variados e permitissem o encontro com o outro, como pude avaliar no cronotopo *desdobramentos sinalizados*.

Fazer uma experiência pensante com a linguagem em pesquisa é também desafiar a regularidade da apresentação de um resultado unívoco. É lançar-se no caminho da escuta da linguagem para que ela ganhe vida, em busca de caminhos que permitam ressoar a arena de vozes sociais que emergem do campo e, ao mesmo tempo, que deixem aparecer a voz única do pesquisador.

Fazer uma experiência pensante com a linguagem, como pesquisador, é se permitir o desafio da criação, de lutar para que sua voz encontre a história singular sobre histórias. É encontrar essas histórias e ir além delas, buscar algo novo (do dado ao criado) ou uma nova maneira de contá-las, de ressignificá-las, de atualizá-las em uma temporalidade determinada.

Essas conclusões foram vivenciadas em campo a cada novo encontro com os participantes. Acompanhar a busca de caminhos, pelos pesquisadores, no processo mesmo de pesquisa, fez-me refletir e reconfigurar, a cada instante a *minha* própria prática. Os movimentos e as transformações vivenciadas pelos participantes em campo refletiam-se nos *meus* movimentos e nas transformações vivenciadas, na *minha* busca pelos caminhos do método, no *meu* ato ético enquanto pesquisadora.

O nosso campo permitiu-me, ainda, ampliar reflexões sobre os modos de fazer ciência vigentes em nossa sociedade. Apesar de convivermos com uma aparente exaltação da inovação, da técnica e dos resultados quando nos remetemos à ciência, a *minha* experiência de pesquisa acompanhando a experiência de pesquisa de outros pesquisadores, fez-me perceber que essa noção de ciência é extrapolada na experiência de pesquisa como uma travessia. O relacionamento dos pesquisadores com fenômenos históricos pertencentes a uma temporalidade do passado me fez enxergar que o método não se desenvolve sem a participação

singular do pesquisador, do mesmo modo que não existe possibilidade de criação sem que haja repetição e diálogo com os discursos proferidos no passado.

Se, por um lado, elaborei algumas considerações conclusivas, em nosso campo, acerca da pesquisa enquanto caminho para se fazer uma experiência pensante com a linguagem, por outro, a minha vivência, por ser singular, impediu-me de fechar a questão em torno de verdades universais. Se toda atribuição de sentido dá-se no acontecimento do encontro com o outro, esta pesquisa, como um objeto cultural, está aberta a atualizações e renovações. Nesse sentido, deixamos o caminho aberto para que continuemos questionando: qual o lugar das Ciências Humanas em uma dinâmica social, política e educacional que ainda acredita que a ciência está sempre vinculada à exatidão dos seus resultados? De que modos a compreensão da essência da ciência como experiência pensante com a linguagem pode contribuir nas práticas de construção de conhecimentos?

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- AMORIM, M. **Cronotopo e exotopia**. In: BRAIT, B. (Org.) Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006 . p. 95-114
- AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: válido e inserido no contexto. 2009 In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009, p.17-43.
- AMORIM, M. A memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1o sem. 2009
- ARAÚJO, K. D. **A construção de conhecimento na formação acadêmica**: um processo de intervenção formativa. Tese de doutorado em Letras. UFPE. Recife, 2018
- BAJTIN, M. **Hacia uma filosofia del acto ético**. De los borradores y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Rubi (Barcelona): Antrophos, 1997.
- _____. **Questões de estética e literatura**. Teoria do romance 1998
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Teoria do romance I**: a estilística. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BUBNOVA, T. Voz, sentido e diálogo. **Bakhtiniana**, São Paulo, 6 (1): 268-280, Ago./Dez. 2011. Consultado em Abril de 2017 em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v6n1/v6n1a16.pdf>
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin – outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo.

_____. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o círculo (dez obras fundamentais). In FARAIA, JRG de (Org). **Guia bibliográfico da FFLCH**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/ FFLCH – 2016, p. 1-22.

SANTOS, B. DE S. **Um discurso sobre a ciência**. 5ª EDIÇÃO São Paulo, Cortez: 2008

CGEE. **A Formação de novos quadros para CT&I**: avaliação do programa institucional de bolsas de iniciação científica (Pibic). Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2017. Disponível em: <https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/PIBIC-pdf/820a833e-18e1-4a9f-a530-d649d2969398?version=1>. Acesso em: novembro de 2017

CNPQ. **Portal do CNPq**. Disponível em: <http://cnpq.br/pibic-ensino-medio/> Acesso em: julho de 2017.

CUNHA, D.A. Discurso outro e ponto de vista na construção do gênero perfil jornalístico. **Revista Investigações**. Vol. 28, nº Especial, Dezembro, 2015

INWOOD, M. **Dicionário Heidegger**. Tradução Luísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FARACO, C. A. **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, A.M.C. Heidegger e o projeto de superação da subjetividade. **Princípios**, v. 24, p. 107-130, 2017.

FIGAL, G. **Oposicionalidade** – o elemento hermenêutico e a filosofia. Tradução Marco Antônio Casanova. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

FRANÇOIS, F. Bakhtin completamente nu. **Bakhtiniana**, São Paulo, Número Especial: 47-172, Jan./Jul. 2014.

GADAMER, H.G. **Hegel, Hurssel, Heidegger**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GADAMER, H. G., **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, G., OLIVEIRA, A . **Disposições amoráveis**. São Paulo: Iyá Omim, 2015.

HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schuback. - Petrópolis, RJ : Vozes; Bragança Paulista, sr :Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **A caminho da linguagem**. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Aportes a la filosofia**: acerca del evento. 2ª ed. Buenos Aires: Biblios: Biblioteca Nacional Heidegger, 2006.

_____. **Introdução à filosofia**. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a

_____. **Sobre a questão do pensamento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.

_____. **Ser e tempo**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013a.

_____. **Ontologia: hermenêutica da facticidade**. 2ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2013b.

_____. **Cartas sobre o humanismo**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.

KUNDERA, M. **A insustentável leveza do ser**. Tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 199.

LOPARIC, Z. **Sobre a responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPURCS, 2003.

LOPARIC, Z. **Ética e finitude**. São Paulo: Escuta, 2004

LOPARIC, Z.. O ponto cego do olhar fenomenológico. **O que nos faz pensar**. n. 10, v. 1, 1996, p.127-149. Consultado em 23/12/2017 http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_10_01_11_zeliko_loparic.pdf

_____. Heidegger e a pergunta pela técnica. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Série 3, v. 6, n. 2, jul.-dez 1996b.

OLIVEIRA, F. P. e BAZZO, W. A. Iniciação científica no ensino médio: por quê? Para quê? Para quem? **ESOCITE**, 2016. Disponível em: http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/9/1472819053_ARQUIVO_FatimaPeresZagodeOliveira.pdf Acesso em: setembro de 2017.

SAMPAIO, M. C. H. Ética e Ciências Humanas: diálogos filosóficos entre M. Bakhtin e E. Lévinas. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 13 (2), 2012, p. 185-206.

SAMPAIO, M. C. H.; ARAÚJO, K. D. S.; MACEDO, E. B. I. Bakhtin e Heidegger: caminhos para a compreensão e interpretação do acontecimento do ser na linguagem. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, v. 10, n. 3, 2015. p. 205-221.

SAMPAIO, Maria Cristina Hennes. The Analytic of Being/Dasein in Bakhtin and Heidegger: a Critical Approach. Texto inédito apresentado na **XVI International Bakhtin Conference**, Fudan University, Xangai, China, 2017.

_____. Bakhtin e a filosofia do ato na pesquisa e no ensino: uma experiência acadêmica na universidade federal de Pernambuco (Brasil). **Conexão Letras**, vol. 16, 2016, p. 169-182.

_____. Bakhtin e Heidegger: a linguagem como experiência pensante. Texto inédito apresentado na **13th International Conference on the history of the language sciences**, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal, 2014.

_____. Dimensão ontológico-hermenêutica no pensamento ético bakhtiniano e heideggeriano e construção do sentido. Texto inédito apresentado no **19o. INPLA**, São Paulo, 2013.

_____. Origens filosóficas da Ética em Bakhtin: re-leituras da Metafísica e da Fenomenologia ontológico-hermenêutica. In: **História das ideias**. Diálogos entre linguagem, cultura e história. Ana Zandwais (Org.). Passo Fundo: UPF, 2012, p. 192-215.

_____. A propósito de Para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas. **Bakhtiniana**, vol. 1, 2009, p. 42-56.

SANTOS, L. **Conhecimento e verdade na ontologia fundamental de Martin Heidegger**. Dissertação de mestrado. Departamento de Filosofia - Unicamp, 2011.

SOBRAL, A. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: Brait, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 123-50.

SOBRAL, A. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. **Bioethikos**. Centro Universitário São Camilo, 2009;3(1), pp. 121-126.

TODOROV, Tzvetan. **Pourquoi Jakobson et Bakhtine ne se sont jamais rencontrés**. La Fièvre Identitaire. Revue Esprit, Janvier, Paris, 1997, pp. 5-30.

VATTIMO, G. **Introdução à Heidegger**. 10 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

WERLE, M.A. **Poesia e pensamento em Hölderlin e Heidegger**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA OS PARTICIPANTES

(professores - orientadores, alunos - orientandos e organizadores e responsáveis)

- 1- Para você, o que significa pesquisar?*
- 2- Como surgiu a motivação para pesquisar sobre (tema do projeto)?
- 3- O que você conhecia/conhece sobre o tema?*
- 4- Para você, o que significa o conhecimento?*
- 5- O que é preciso fazer para conhecer algo (um tema)?*
- 6- Que caminhos foram percorridos por você para chegar ao conhecimento do tema?*
- 7- Ao término da pesquisa, que conhecimentos foram adquiridos?
- 8- Na sua opinião, houve novos conhecimentos sobre o tema? Se sim, você poderia descrevê-los? **
- 9- Qual a relação entre conhecer e compreender algo (um tema)?**
- 10- Você poderia descrever sua participação, na pesquisa, passo a passo?**
- 11- Como você descreveria a sua relação com os professores-orientadores durante o processo da pesquisa?**
- 12- Como você descreveria a sua relação com os demais colegas participantes durante o processo da pesquisa?**
- 13- O que significou, para você, participar de um Programa de Iniciação Científica?*
- 14- Qual a sua contribuição pessoal para o desenvolvimento da pesquisa e do tema estudado?**

*Perguntas a serem feitas no início e ao final da pesquisa

** Perguntas a serem feitas ao final do processo.

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MENORES DE 12 a 18 ANOS - Resolução 466/12)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 12 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário(a) da pesquisa: **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSANTE COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, acessível no endereço Rua Bica dos Quatro Cantos, 30, Amparo, Olinda - PE (CEP 58025-100); pelo telefone (81)99780 0541, inclusive para ligações a cobrar, e pelo e-mail: thaisdealima@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina Hennes Sampaio, professora do curso de Letras da UFPE e do Programa de Pós-graduação.

Caso este Termo de Assentimento contenha informação que não lhe seja compreensível, as dúvidas podem ser tiradas com a pesquisadora e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável. Você será esclarecido(a) sobre qualquer dúvida e estará livre para decidir participar ou recusar-se.

Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

É objetivo principal deste trabalho propiciar uma melhor compreensão acerca dos modos de acontecimento do ato de pesquisa como forma de conhecer na escola, associando-os com uma experiência de linguagem à serviço do pensamento. Para tanto, procuro investigar *quais são os modos de acontecimento do ato de pesquisa (como forma de conhecimento) que o aproximam de uma experiência pensante com a linguagem na escola*, a partir da observação do processo de construção de pesquisa no âmbito do PIBIC-EM e PIBIC-TEC, no IFPE.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa no IFPE *campus* Recife, que dar-se-á segundo as etapas seguintes: entrevistas, que serão realizadas separadamente com os organizadores do evento, com o orientador e com os alunos participantes do projeto de pesquisa alguns meses antes do evento escolar; observação e filmagem das sessões de preparação e avaliação do projeto, de acordo com local e período determinados pelos participantes da pesquisa; acompanhamento e registro das interações via e-mail e *whatsapp*.

Quanto aos riscos, este estudo apresenta, na etapa da coleta de dados, o risco de eventual constrangimento para os(as) voluntários(as), devido ao fato de terem suas falas e imagens registradas em áudio e vídeo. Na etapa da entrevista, podem sentirem-se constrangidos(as), caso tenham dificuldades de responder às perguntas. No intuito de minimizar esse risco, serão esclarecidos(as) sobre os propósitos da pesquisa e sobre as perguntas da entrevista a qualquer momento. Além disso, serão lembrados(as) da garantia do sigilo de suas identidades, do uso exclusivo dos dados para fins acadêmicos e da possibilidade de desistência de suas participações em qualquer etapa pesquisa, sem que isso lhes cause qualquer prejuízo.

Como benefícios diretos aos participantes, a pesquisadora responsável propõe-se a dar um retorno dos resultados de sua pesquisa a todos os participantes envolvidos, em particular, e à escola como um todo, através de seus gestores. Acreditamos que a etapa da entrevista envolve uma reflexão sobre o ato de pesquisa, que poderá contribuir para uma compreensão mais alargada do processo por parte do(a) voluntário(a). Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para uma melhor compreensão acerca de formas de conhecimento via pensamento propiciados pela Iniciação Científica, bem como suas formas de construção no espaço escolar, sugerindo caminhos que possam servir como propostas para se repensar o eixo das aprendizagens e da pesquisa de forma vinculada, através da linguagem como abertura para um ato de pensamento questionador.

As informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos(as) voluntários(as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através de vídeos, entrevistas, registros e diários de campos

ficarão armazenados em um computador pessoal e em um HD externo sob a responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, em endereço informado anteriormente, por um período de 5 anos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você ou seu responsável poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50.740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br). Este documento passou pela aprovação desse Comitê.

Assinatura do pesquisador (a)

ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), abaixo assinado, concordo em participar do estudo **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSANTE COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**, como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada. Local e data _____ Assinatura do(da) menor: _____ Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do(a) voluntário(a) em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores).

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS | Resolução 466/12



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Convidamos o (a) Sr (a), para participar, como voluntário (a), da pesquisa **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSAnte COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, acessível no endereço Rua Bica dos Quatro Cantos, 30, Amparo, Olinda - PE (CEP 58025-100); pelo telefone (81)99780 0541, inclusive para ligações a cobrar, e pelo e-mail: thaidealima@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina Hennes Sampaio, professora do curso de Letras da UFPE e do Programa de Pós-graduação.

Caso este termo contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pesquisadora responsável. Ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde em fazer parte do estudo, pedimos que assine ao final deste documento, que está em duas vias (uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora). Caso não concorde, não haverá qualquer penalidade para o(a) Sr.(a), bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalização.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo deste trabalho é propiciar uma melhor compreensão acerca dos modos de acontecimento do ato de pesquisa como forma de conhecer na escola, associando-os com uma experiência de linguagem à serviço do pensamento. Para isto, procuro investigar quais são os modos de acontecimento do ato de pesquisa (como forma de conhecimento) que o aproximam de uma experiência pensante com a linguagem, a partir da observação do processo de construção de pesquisa no âmbito do PIBIC-EM e PIBIC-TEC, no IFPE.

Os(as) voluntários(as) participarão da pesquisa no IFPE *campus* Recife, que dar-se-á segundo as etapas seguintes: entrevistas, que serão realizadas separadamente com os organizadores do evento, com o orientador e com os alunos participantes durante vigência do projeto de pesquisa; observação e filmagem das sessões de preparação e avaliação do projeto, de acordo com local e período determinados pelos participantes da pesquisa; acompanhamento e registro das interações via e-mail e *whatsapp*. Todas as etapas só serão iniciadas após aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE.

Este estudo apresenta, na etapa da coleta de dados, o risco de eventual constrangimento para os(as) voluntários(as), devido ao fato de terem suas falas e imagens registradas em áudio e vídeo. Na etapa da entrevista, podem sentirem-se

constrangidos, caso tenham dificuldades de responder às perguntas. No intuito de minimizar esse risco, serão esclarecidos(as) sobre os propósitos da pesquisa e sobre as perguntas da entrevista a qualquer momento. Além disso, serão lembrados(as) da garantia do sigilo de suas identidades, do uso exclusivo dos dados para fins acadêmicos e da possibilidade de desistência de suas participações em qualquer etapa pesquisa, sem que isso lhes cause qualquer prejuízo.

Como **benefícios** diretos aos participantes, a pesquisadora responsável propõe-se a dar um retorno dos resultados de sua pesquisa a todos os participantes envolvidos, em particular, e às instituições participantes como um todo, através de seus gestores. Acreditamos que a etapa da entrevista envolve uma reflexão sobre o ato de pesquisa, que poderá contribuir para uma compreensão mais alargada do processo por parte do(a) voluntário (a). Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para uma melhor compreensão acerca de formas de conhecimento via pensamento, propiciadas pela Iniciação Científica, bem como suas formas de construção no espaço escolar, sugerindo caminhos que possam servir como propostas para se repensar o eixo das aprendizagens e da pesquisa de forma vinculada, através da linguagem como abertura para um ato de pensamento questionador.

As **informações desta pesquisa são confidenciais** e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos(as) voluntários(as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através de vídeos, entrevistas, registros e diários de campos ficarão armazenados em um computador pessoal e em um HD externo sob a responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, em endereço informado anteriormente, por um período de 5 anos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n - Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126-8588 - e-mail: cocpes@ufpe.br.

Thaís de Andrade Lima

Pesquisadora principal

INSTRUÇÕES

Em caso de consentimento, assinar as duas vias deste documento, guardando uma para si e devolvendo uma para a pesquisadora.

Eu, _____

CPF _____
abaixo assinado (a), após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas com a pesquisadora responsável, concordo em participar do estudo **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSAnte COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local (cidade) _____ Data _____

Assinatura do (a) participante

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do(a) voluntário(a) em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores).

Testemunha 1 _____

Nome _____ Assinatura _____

Testemunha 2 _____

Nome _____ Assinatura _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS - Resolução 466/12



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Solicitamos sua autorização para convidar o(a) seu/sua filho(a),

(ou menor que está sob sua responsabilidade) para participar, como voluntário (a), da pesquisa **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSAnte COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**. Esta pesquisa é da responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE e acessível no endereço Rua Bica dos Quatro Cantos, 30, Amparo, Olinda - PE (CEP 58025-100); no telefone (81)99780 0541, inclusive para ligações a cobrar, e pelo e-mail: thaidealima@hotmail.com. A pesquisa está sob a orientação da professora Dra. Maria Cristina Hennes Sampaio, professora do curso de Letras da UFPE e do Programa de Pós-graduação.

Caso este termo contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pesquisadora responsável. Ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde em fazer parte do estudo, pedimos que assine ao final deste documento, que está em duas vias (uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora). Caso não concorde, não haverá qualquer penalidade para o(a) Sr.(a), bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalização.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

O objetivo deste trabalho é propiciar uma melhor compreensão acerca dos modos de acontecimento do ato de pesquisa como forma de conhecer na escola, associando-os com uma experiência de linguagem à serviço do pensamento. Para isto, procuro investigar quais são os modos de acontecimento do ato de pesquisa (como forma de conhecimento) que o aproximam de uma experiência pensante com a linguagem, a partir da observação do processo de construção de pesquisa no âmbito do PIBIC-EM e PIBIC-TEC, no IFPE.

Os(as) voluntários(as) participarão da pesquisa no IFPE *campus* Recife, que dar-se-á segundo as etapas seguintes: entrevistas, que serão realizadas separadamente com os organizadores do evento, com o orientador e com os alunos participantes durante vigência do projeto de pesquisa; observação e filmagem das sessões de preparação e avaliação do projeto, de acordo com local e período determinados pelos participantes da pesquisa; acompanhamento e registro das interações via e-mail e *whatsapp*. Todas as etapas só serão iniciadas após aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE.

Este estudo apresenta, na etapa da coleta de dados, o risco de eventual constrangimento para os(as) voluntários(as), devido ao fato de terem suas falas e imagens registradas em áudio e vídeo. Na etapa da entrevista, podem sentirem-se constrangidos, caso tenham dificuldades de responder às perguntas. No intuito de minimizar esse risco, serão esclarecidos(as) sobre os propósitos da pesquisa e sobre as perguntas da entrevista a qualquer momento. Além disso, serão lembrados(as) da garantia do sigilo de suas identidades, do uso exclusivo dos dados para fins acadêmicos e da possibilidade de desistência de suas participações em qualquer etapa pesquisa, sem que isso lhes cause qualquer prejuízo.

Como **benefícios** diretos aos participantes, a pesquisadora responsável propõe-se a dar um retorno dos resultados de sua pesquisa a todos os participantes envolvidos, em particular, e às instituições participantes como um todo, através de seus gestores. Acreditamos que a etapa da entrevista envolve uma reflexão sobre o ato de pesquisa, que poderá contribuir para uma compreensão mais alargada do processo por parte do(a) voluntário(a). Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para uma melhor compreensão acerca de formas de conhecimento via pensamento propiciadas pela Iniciação Científica, bem como suas formas de construção no espaço escolar, sugerindo caminhos que possam servir como propostas para se repensar o eixo das aprendizagens e da pesquisa de forma vinculada, através da linguagem como abertura para um ato de pensamento questionador.

As **informações desta pesquisa são confidenciais** e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos(as) voluntários(as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através de vídeos, entrevistas, registros e diários de campos ficarão armazenados em um computador pessoal e em um HD externo sob a responsabilidade da pesquisadora Thaís de Andrade Lima, no endereço informado anteriormente, por um período de 5 anos.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n - Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126-8588 - e-mail: cocpes@ufpe.br.

Thaís de Andrade Lima
Pesquisadora principal

INSTRUÇÕES

Em caso de consentimento, assinar as duas vias deste documento, guardando uma para si e devolvendo uma para a pesquisadora.

Eu, _____

CPF _____

abaixo assinado(a), responsável por _____

autorizo a sua participação no estudo **FAZER UMA EXPERIÊNCIA PENSAnte COM A LINGUAGEM: ANÁLISE DO ATO DE PESQUISA NA ESCOLA**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do(a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o (a) menor em questão.

Local (cidade) _____ Data _____

Assinatura do (a) responsável _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do(a) responsável em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores).

Testemunha 1 _____

Nome _____ Assinatura _____

Testemunha 2 _____

Nome _____ Assinatura _____